



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA – PPGEDUC
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO E CULTURA**

FRANCISCO ALVES DA SILVA NETO

HEIDEGGER: ENTRE A TÉCNICA E A SERENIDADE

Cametá-PA
2019

FRANCISCO ALVES DA SILVA NETO

HEIDEGGER: ENTRE A TÉCNICA E A SERENIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura-PPGEDUC da Universidade Federal do Pará-Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem.

Sob orientação do Prof. Dr. Cezar Luís Seibt.

FRANCISCO ALVES DA SILVA NETO

HEIDEGGER: ENTRE A TÉCNICA E A SERENIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura-PPGEDUC da Universidade Federal do Pará-Campus Universitário do Tocantins/Cametá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Linguagem.

Sob orientação do Prof. Dr. Cezar Luís Seibt.

Banca Avaliadora

Prof. Dr. Cezar Luís Seibt-PPGEDUC/ UFPA
Orientador

Prof. Dr. Jorge Domingues Lopes-PPGEDUC/UFPA
Avaliador Interno

Prof. Dr. Rogério José Schuck-PPGEnsino/UNIVATES
Avaliador Externo

Avaliado em: 28/06/2019.

Conceito: _____

Cametá-PA
2019

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, D'us, por me proporcionar essa caminhada com força e saúde, não permitindo eu desistir.

Aos meus familiares que no início dos meus estudos contribuíram para que eu chegasse até aqui, acreditando na minha trajetória, mesmo eu não entendendo o que iria acontecer no futuro.

Aos amigos da Pós-graduação que participaram da minha vida acadêmica e que promoveram momentos inesquecíveis dentro e fora da sala de aula e que até hoje trazem boas lembranças.

A Rosinélis Baia, que desde a entrevista do processo seletivo se tornou uma grande amiga e compartilhou bons momentos durante o curso.

A Christiane Lira que contribuiu no diálogo, no início da Pós-graduação, ajudando-me na construção do texto.

A Mileide Farias que no decorrer dessa trajetória me motivou e diante das suas frequentes dúvidas me fez pensar novas possibilidades.

A Universidade Federal do Pará/Campus do Tocantins-Cametá que me proporcionou oportunidades ímpares e concedeu-me experiências para a vida.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) que em 2017 me franqueou uma visão acadêmica ampla, ajudando-me na construção do meu conhecimento.

Aos professores da UFPA que me instigaram à discussão, pensamentos e aventuras na produção do texto dissertativo e que durante anos tornaram-se grandes amigos e companheiros, em especial aos que me concederam participar de projetos e grupos de estudos e pesquisa.

Aos professores, Dr. Jorge Domingues Lopes e Dr. Rogério José Schuck que me fizeram enxergar novas possibilidades da construção final da Dissertação.

Ao professor Dr. Cezar Luís Seibt, que desde a primeira disciplina Filosofia da Educação, na Graduação (2009), construímos um laço de amizade e que em um período de 10 anos se tornou um referencial para mim. Minha gratidão ao estimado professor pela paciência e tranquilidade em todo o seu caminhar docente. Suas ricas aulas me fizeram repensar sobre o mundo, pois não foram apenas aulas e sim conselhos que levarei por toda vida. Na Graduação me apresentou textos de Heidegger: *Ser e Tempo* e *Serenidade*, orientando-me tanto na Especialização como no Mestrado.

Não importa de quem sejam as ideias, não importa que sejam da esquerda ou da direita. Enquanto estivermos apegados às ideias, estaremos num estado que absolutamente não é “experimental”.

Krishnamurti

RESUMO

Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, por muito tempo pensou no perigo que poderia atingir a humanidade. Mesmo porque, dentro de sua *analítica-existencial* o perigo maior estava no *esquecimento do ser*. Presenciou tanto a Primeira como a Segunda Guerra Mundial que assolaram a Europa do século XX. Heidegger alertou quanto à previsibilidade de um tempo em que a técnica poderia dominar o Planeta. Mais tarde enfatizou tal pensamento a partir da relação que fez entre a era atômica e como o *ser* se apresentaria na atualidade no universo da técnica. Em *A Questão da técnica* (1953) o filósofo alemão pronuncia o questionamento da técnica na possibilidade de preparar uma relação livre com ela. A técnica implica em um constante e visível destino que a tudo afeta, controla e planifica. Essa determinação levou Heidegger a escolher o termo *Gestell* como a um confronto imbricado entre homem e natureza, como destino de algo bem próximo no sentido de exploração humana, instalação de algo que produz e consome. Em sua constante preocupação com o futuro da humanidade percebeu o estado em que o ser humano se encontrava e o que poderia acontecer caso não despertasse para um *des-encobrir*. Sua existência está em jogo caso ele não saiba reverter à situação que o controla e submete a um “serviço” dominante e calculador da técnica na contemporaneidade. *Como o ser humano vem se constituindo na era da técnica?* Essa pergunta é premente, pois as redes de informações criam a ideia de um verdadeiro mundo permeado por uma verdade pura e inquestionável e que determina a maneira de agir e pensar do homem contemporâneo. De posse dessa questão, como podemos entender os acontecimentos que tem transformado as concepções do ser humano? Ao mesmo tempo é possível meditar, a fim de compreender o que está ocorrendo no mundo. Heidegger foi filósofo e “poeta do ser”, professor e reitor da Universidade de Friburgo. Discutiu em seus encontros e conferências temas que contribuíram para educação e formação humana. Em Heidegger podemos encontrar uma forma crítica de vermos a educação como padronização imposta e planificada e a *armação-técnica* como instrução, assim como uma uniformização do ensino e de uma pedagogia que intervém não como prática libertadora. Assim, a pesquisa traz como elemento norteador do problema a *fenomenologia-hermenêutica* e textos de Heidegger. Nas discussões acerca da técnica e a essência da técnica; o ser humano e a era da técnica; o ser humano e a serenidade; a educação na era da técnica; o aguardar da educação na era da técnica; o estar livre e o acontecer na educação, além de Heidegger, contribuem Kahlmeyer-Mertens (2008), Hodge (2015); seguidos de Rüdiger (2014), Hermann (2002), Morin (2000), Inwood (2004), Schneider (2005), Loparic (1996); (2005); (2014), Vattimo (1996), Rousseau (2001), entre outros autores que aparecem no texto dissertativo.

Palavras-chave: Heidegger. Técnica. Ser humano. Educação. Serenidade.

ABSTRACT

Heidegger (1889-1976), a German philosopher, has long thought of the danger that could befall mankind. Even because, within his existential-analytics, the greatest danger lay in the oblivion of being. It witnessed both World War I and World War II that ravaged twentieth-century Europe. Heidegger warned of the predictability of a time when technique could dominate the planet. He later emphasized such thinking from the relationship he made between the atomic age and how being would present itself today in the universe of technique. In *The Question of Technique* (1953) the German philosopher questions the question of technique in the possibility of preparing a free relationship with it. The technique implies a constant and visible destiny that affects, controls and plans everything. This determination led Heidegger to choose the term *Gestell* as an intertwined confrontation between man and nature, as the fate of something very close in the sense of human exploitation, the installation of something that produces and consumes. In his constant preoccupation with the future of humanity, he realized the state in which he was and what might happen if he did not wake up to find out. His existence is at stake if he does not know how to revert to the situation that controls him and submits him to a dominant and calculating “service” of technique in contemporary. How has the human being been constituted in the age of technique? This question is pressing, because information networks create the idea of a true world permeated by a pure and unquestionable truth that determines the way of acting and thinking of contemporary man. With this question, how can we understand the events that have transformed the conceptions of the human being? At the same time it is possible to meditate in order to understand what is happening in the world. Heidegger was a philosopher and “poet of being,” professor and dean of the University of Friborg. He discussed in his meetings and conferences themes that contributed to education and human formation. In Heidegger we can find a critical way of viewing education as imposed and planned standardization and technical framework as instruction, as well as a standardization of teaching and a pedagogy that intervenes not as liberating practice. Thus, the research brings as a guiding element of the problem the phenomenology-hermeneutics and texts of Heidegger. In discussions about technique and the essence of technique; the human being and the age of technique; the human being and serenity; education in the age of technique; the wait for education in the age of technique; being free and happening in education, besides Heidegger, contribute Kahlmeyer-Mertens (2008), Hodge (2015); followed by Rüdiger (2014), Hermann (2002), Morin (2000), Inwood (2004), Schneider (2005), Loparic (1996); (2005); (2014), Vattimo (1996), Rousseau (2001), among other authors appearing in the dissertation text.

Keywords: Heidegger. Technique. Human being. Education. Serenity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 A importância da pesquisa	18
1.2 Martin Heidegger: suas contribuições à humanidade.....	21
2. O SER HUMANO DO SÉCULO XX: PERIGO IMINENTE À HUMANIDADE	23
2.1 Ser humano: mudanças que o acompanham na contemporaneidade	29
2.2 O ser humano para Heidegger: o ser como possibilidade.....	34
3. UMA DISCUSSÃO SOBRE A TÉCNICA: O QUE ESTÁ ACONTECENDO HOJE..	44
3.1 Técnica em Heidegger: a técnica e a essência da técnica	53
3.2 Entre a técnica e a serenidade: o ser humano e a era da técnica	62
3.2.1 Entre a técnica e a serenidade: o ser humano e a serenidade	69
4. TÉCNICA E EDUCAÇÃO: DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO NA ERA DA TÉCNICA	
.....	83
4.1 Técnica e educação: o estar livre e o acontecer na educação.....	87
4.2 Técnica e educação: o aguardar da educação na era da técnica	96
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
6. REFERÊNCIAS.....	113

1. INTRODUÇÃO

O mundo, desde início do século XX, está estruturado nas questões desenvolvidas pelas *ciências*. Desde esse momento, as descobertas científicas aparecem como solução às perguntas do ser humano. De fato, o progresso das ciências físicas, matemáticas e biológicas traduzem os anseios e as respostas que a humanidade sempre esperou. Agora, com todo esse desenvolvimento em ascensão, é possível esperar que tudo no mundo seja resolvido. A partir de agora, nada pode ser dispensável, pelo contrário, as ciências determinam a indispensabilidade legítima e que vem evoluindo a cada instante, a fim de alcançar, sobretudo, o domínio do conhecimento, e mais que isso, descobrir a maneira mais audaciosa de dominar a natureza e o Planeta Terra.

Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, questionou sobre o perigo que poderia atingir a humanidade. Mesmo porque, dentro de sua *analítica-existencial* o perigo maior estava no *esquecimento do ser*. Em *Ser e Tempo* (1927), Heidegger inicia sua trajetória como estudioso do ser humano, pois nesse tempo da produção da sua obra mais elementar, o filósofo preocupou-se em trazer as questões mais instigantes e que pudessem rever o que havia sido esquecido pela tradição filosófica. Heidegger vem construindo seu pensamento desde *Ser e Tempo*. Evidentemente, que aparecem durante a Primeira Guerra Mundial. Assim, confirma Moura (2009, p.10) “O pensamento de Heidegger surgiu a partir da época da Primeira Guerra Mundial, sendo particularmente marcado pela apresentação da questão ontológica e da sua analítica existencial com a publicação de *Ser e Tempo* (1927)”.

A base de Heidegger foi *Ser e Tempo*, proporcionando a construção de uma ontologia fundamental (uma base de des-encobrir o ser). Contudo, Heidegger afirma que o conceito de ser, partindo do pressuposto de sua universalidade, não é claro. “Ao contrário, o conceito de “ser” é o mais obscuro” (HEIDEGGER, 2005, p.29). Assim, levar em consideração que o des-encobrir do que está a caminho é a interrogação do *ente* que coloca em questão o *ser*. Heidegger lança a forma de se conhecer o ser humano, a partir da atribuição que denominou de Ser-aí (*Dasein*). A partir dessa atribuição dada ao ser humano, caracterizou, sobretudo, o ser que todos nós somos, interagindo no mundo, *ser-no-mundo*, por isso, o ser que desde sempre foi *lançado* no mundo está aberto a se relacionar com os demais entes que estão no mundo. Com o decorrer do tempo, Heidegger aproximou-se de questionamentos, típico de um filósofo com a sua envergadura que presenciou eventos políticos, culturais, econômicos e transformações que lhe renderiam dezenas de conferências. Moura (2009, p.10) diz que “No período de 1930 até a década de 1950, o conhecimento de

Heidegger acerca da física atômica [...] permitiu-lhe identificar uma diferença interna na física matemática e estabelecer uma relação entre as ciências físicas e a ontológica”.

Heidegger presenciou as catástrofes, tanto da Primeira como da Segunda Guerra Mundial. Os poderes bélicos dos mísseis ensurdecadores que assolaram a Europa do século XX e as consequências que aterrorizaram a Alemanha entre 1939 a 1945, fez da Segunda Guerra um conflito sem trégua e com instrumentos técnicos mais sofisticados que os da Primeira Guerra, além da exibição de bombas atômicas que trouxeram a dizimação de milhares de militares e civis. A memória de Heidegger uma década após esse desastre global ainda revivia os eventos que atingiram o seu país. A magnitude das guerras mundiais refletiria no pensamento das gerações futuras. Talvez, por isso, Heidegger (2006, p.46) descreve que “Basta, assim se gostaria de crer, citar a palavra era atômica, para fazer saber como o ser se apresenta a nós hoje, no universo da técnica”.

*A Questão da técnica*¹ (1953) foi uma conferência em que Heidegger desenvolveu um pensamento voltado exclusivamente a uma era da técnica como domínio do *ser*. Esse desdobramento aparece devido o ser humano já nascer dentro de uma conjuntura voltada ao que é técnico. Desde cedo, os primeiros contatos que o ser humano tem no mundo, evidencia que o mesmo está na disposição diretamente ligado a tudo que é técnico, desde o mais simples ao mais complexo objeto. Assim, em todo o tempo da história da humanidade, o ser humano está inteiramente submetido a um domínio. Esse domínio efetiva-se, principalmente, na contemporaneidade, com os grandes eventos dispensados pela era tecnológica. No entanto, o filósofo alemão, não questionaria algo que pudesse instigar seus ouvintes, sem proporcionar “respostas” aos questionamentos. O questionamento é explícito no início da sua conferência sobre *A Questão da técnica*. “Questionaremos a *técnica* e pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica” (HEIDEGGER, 2012, p.11). A tentativa era aproximar uma liberdade que de fato proporcionasse ao *ser* desvelar a sua existência. No entanto, a técnica implica em um constante e visível destino que a tudo afeta, controla e planifica. Essa determinação levou Heidegger a escolher o termo *Gestell*² como a um confronto imbricado

¹ A conferência *A questão da técnica (Die Frage nach der Technik)* foi proferida no dia 18 de novembro de 1953 no Auditorium Maximum da Escola Superior Técnica de Munique, fazendo parte do ciclo de conferências cujo tema era *As artes na época da técnica*, promovido pela Academia Bávara de Belas Artes, sob a direção do presidente Emil Preterorius. O texto foi publicado pela primeira vez no volume III do anuário da Academia (Redação: Clemens Graf Podewils), R. Oldenbourg München, 1954, p. 70 e ss.

² Heidegger utiliza a palavra *Gestell* (que em alemão significa armação, estante, etc.) proveniente do verbo *stellen* que tem o sentido de pôr, apontar o lugar, fixar, regular, provocar, exigir contas, contestar, etc., para definir aquele âmbito que se cria pelo confronto entre homem e técnica (homem e natureza a ser transformada pela técnica), na medida em que ambos provocam, exigem contas um do outro, chamam-se à razão

entre homem e natureza, como destino de algo bem próximo no sentido de exploração humana, instalação de algo que produz e consome, com objetivo de alcançar, sobremaneira, as necessidades do homem. Diante dessa realidade, Heidegger tenta explicar que há um sentido provocador em tudo isso, que não apenas se instala em uma “circunscrição” humana (em sua existência como um todo), mas tudo o que o abarca como *ser* e no contado com a natureza e a história. Assim, Heidegger (2006) explica o seguinte:

A que apelo nos referimos? Toda a nossa existência sente-se, em toda a parte- uma vez por diversão, outra vez por necessidade, ou incitada ou forçada-, provocada a se dedicar ao planejamento e o cálculo de tudo. O que fala nesta provocação? Emana ela apenas de um arbitrário capricho humano do homem? Ou nos aborda nisso já o ente mesmo, e justamente de tal modo que nos interpela na perspectiva de sua planificabilidade e calculabilidade? Efetivamente. E não apenas isso. Na mesma medida que o ser, o homem é provocado, quer dizer, chamado à razão para armazenar o ente que aborda como fundo de reserva para o seu planificar e calcular e a realizar esta exploração indefinidamente (HEIDEGGER, 2006, p.46-47).

Um dos sentidos do termo *Gestell* é apontar o lugar, em que traz a luz o caráter dominante como um dispositivo que está pronto para ser usado e como recurso provocador que intercala homem e natureza no sentido de transformação, pois Heidegger muito utiliza o sentido de *Gestell* como elemento que leva a planificação e o cálculo, dispondo o ser humano a uma conjuntura dominante na era da técnica.

Heidegger foi um pensador à frente do seu tempo. O filósofo do questionamento da técnica, previu características peculiares da história em que assustadoramente chegaria um tempo que o sistema planetário estaria comprometido. O ser humano estaria disposto a uma satisfação oriunda das determinações instaladas pela máquina. Heidegger não teve a oportunidade de conhecer a *internet*, a relação humana em um contato direto e face a face com as imagens computadorizadas de seres humanos virtuais, inteligência artificial que usam artifícios da máquina que mais parecem humanos do que um dispositivo ligado a energia elétrica. Mas, nem por isso o filósofo alemão estava errado em questionar a técnica e como o ser humano responderia à sua efetivação na era presente. Em sua constante preocupação com o futuro da humanidade, o levaria a perceber o estado em que o ser humano se encontrava e o que poderia acontecer caso não despertasse para o *des-encobrir* da “verdade” em que estava envolvido. Com efeito, o ser humano uma vez não sendo despertado pela trajetória em que se submeteu (submisso em um domínio organizado, calculado e planejado provido pela

técnica) estaria com dificuldades de agir em favor de sua existência. Sua existência *estaria em jogo* caso ele não soubesse reverter à situação que o controla e submete a um “serviço” dominante e calculador da técnica na contemporaneidade.

O esforço de Heidegger em trazer a realidade do ser humano não apontaria somente uma justificativa de dizer que o homem estaria no mundo e pronto. Sua questão pelo *ser* foi um parecer válido e autêntico que ocorreria, sobretudo, com o seu esquecimento. Para Heidegger, o ser humano não está seguro no ambiente da técnica. Sua insegurança se evidencia pelo aceitar, sem questionar, todos os ditames desenvolvidos e seguros que a era da técnica proporciona. Assim, o ser humano tanto está envolvido como já não consegue se libertar desse ambiente tecnológico e por sua vez já não dispõe de uma identidade própria, comprometendo seu existir por inteiro. Heidegger (2012) explica da seguinte forma esse desencontrar do ser humano consigo mesmo.

Entretanto, hoje em dia, na verdade, o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência. O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a composição provoca e explora, que já não a toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela exploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência ex-sistir no espaço de um apelo e por isso *nunca pode* encontrar-se, apenas, consigo mesmo (HEIDEGGER, 2012, p.30).

Para Heidegger, é evidente uma serventia, uma escravidão, uma exploração em que o ser humano torna-se refém sem saber, muitas vezes, a causa que o levou a tal situação. Sendo assim, o mundo é visto como fonte de verdade em que o ser humano como fazendo parte dessa “verdade”, nada pode fazer para modificar essa realidade, posto que se esconde e não consegue se des-encobrir como *ser*.

Na era da técnica, o ser humano se envolve de tal maneira que já não resiste aos apelos de um mundo conectado. Já não decide por conta própria o que deve ou não fazer, visto que a todo instante é instigado a participar do que acontece na conexão de redes de informações, pois chega um momento em que não consegue se vê afastado dessa realidade, mesmo não sabendo, muitas vezes, o porquê está envolvido nesse meio tecnológico. Assim, cabe acenarmos na seguinte pergunta: *Como o ser humano vem se constituindo na era da técnica?* Essa pergunta é premente, pois as redes de informações criam a ideia de um verdadeiro mundo, permeado por uma verdade pura e inquestionável e que determina a maneira de agir e pensar do homem contemporâneo. Rüdiger (2014, p.26) diz que “O homem

foi envolvido em redes que se desenvolveram de modo cada vez mais automatizados, formando mundos autônomos de conexões entre homem e máquina [...]”.

O ser humano está envolvido nas relações de potencialidades tecnológicas que constroem um espaço que podem confundir o existir humano, pois essas relações humanas estão fixadas em cyber espaço, realidade virtual (ambiente virtual), conhecimento cibernético, inteligência artificial (aprendizagem de máquinas), projeções em imagens real (3D/4D), mutações genéticas (transformações químicas no corpo humano), com o objetivo de alcançar o maior número de pessoas em uma era digital, ao qual fazem parte de um mesmo “pacote” de dados programáveis de sistemas e controle em escala mundial, na tentativa de formar uma sociedade que se enquadre em uma era dominada pela técnica. Heidegger abriu caminhos para que fossem pensadas essas possibilidades que a tecnologia estaria potencializando. “Heidegger, todavia, perceberá em seguida que o principal e mais perigoso, porque o mais central e difuso para o ser, está no avanço das tecnologias da informação [...] As próprias mutações no plano genético e corporal são funções do seu avanço” (RÜDIGER, 2014, p.150).

O ser humano já nasce dentro de um mundo construído pela técnica. Como domínio, a técnica é capaz de promover um ambiente em que seja possível controlar até mesmo a produção do conhecimento, criando, sobretudo, um sistema regulador e direcionador. Esse controle do conhecimento aparece a partir do momento em que o homem não tem mais a liberdade de pensar, e o pensamento é fundamental para que haja uma elucidação dos fatos e a compreensão de suas ocorrências. Para Heidegger o pensar é a possibilidade de questionarmos alguma coisa e quando questionamos estamos mais próximos de um resultado revelador. “Se compreendemos o pensar como característica do homem, então refletimos sobre um comum-pertencer que se refere a homem e ser” (HEIDEGGER, 2006, p.43). Há um pertencimento entre homem e ser, e essa reciprocidade se confirmam em uma mesma direção.

Em um mundo tecnizado é perceptível certo limite na maneira de pensar do ser humano. Instalou-se no mundo um não comprometimento com o pensamento, ao ponto de não existir mais nenhuma preocupação. Assim, na era da técnica, é visível a falta do pensar pelo homem. Vivemos em um tempo em que não pensamos mais e isso tem sido a característica fundamental do homem contemporâneo. Assim, o *ser-aí* deixar de ser, pois “[...] o ser revela-se no pensar, tanto que o determina dando-lhe o que pensar, realizando desse modo a sua relação com essência do homem [...]” (SCHNEIDER, 2005, p.15). Todavia, a essência do homem está sob suspeita, pois como se vê o homem se envolveu terminantemente nas “amarras” da era tecnológica e com isso esqueceu seu enraizamento original como *ser* que

pensa. Schneider (2005, p.16) confirma que “Podemos dizer em geral que Heidegger tenta trazer o pensar e agir do homem de volta à sua referência e correspondência originais ao ser”.

Heidegger, em sua conferência intitulada *Serenidade*³ (1955), discursa sobre a importância da questão da técnica. De posse dessa questão, o que pode ser feito para entender os acontecimentos que tem transformado as concepções do ser humano, ao mesmo tempo em que seja possível meditar, a fim de compreender o que está ocorrendo no mundo? Uma vez que a questão da técnica não pode ser desvendada, caso não seja questionada, o desafio é maior para que aconteça um desvelar do “mistério”, e ainda, o compromisso fica ainda mais comprometido com tal desafio, pois nenhuma geração anterior a nossa experimentou um avanço tecnológico como temos presenciado na contemporaneidade. Pensar a nossa existência, no tempo atual, é desfiar, sobretudo, a nossa própria constituição. Nesse sentido, a questão da técnica também nos conduz a preocupação de pensar melhor o tempo em que vivemos.

Heidegger, enquanto filósofo do *ser* questiona essa ausência do pensamento humano e que o expõe no esquecimento da sua existência como um ser que medita e reflete sobre os acontecimentos do mundo. O homem apenas acredita que pensa, mas que na verdade vive fugindo da maneira plena do pensar. Sendo assim, o homem tem condições de percorrer outro caminho. “Esse é o caminho do homem que, cumprindo a sua essência, pergunta e descobre, portanto, que não apenas é como um ente qualquer, mas ao mesmo tempo já pode viver na verdade ocorrente do ser enquanto Ser-aí” (SCHNEIDER, 2005, p.14).

Nessa conferência, Heidegger é sutil em seu pensamento. O que o filósofo quis mostrar ou por que ele quis discutir a questão da técnica de posse de uma comemoração de um compositor? De imediato isso não fica claro. Talvez Heidegger pense em algo puramente simples para algo mais complexo. Heidegger (2001, p.11) explica que “Não é de modo nenhum necessário pensar enquanto ouvimos uma narração, isto é, meditar (*besinnen*) sobre algo que, na sua essência, diz respeito a cada um de nós, direta e continuamente”. Ao começar pelos meios mais simples como os meios de comunicação (rádio e televisão) até chegar à efetivação mais complexa da bomba atômica, observou ao extremo os acontecimentos da época em que experimentou essa transição.

O profissional da música utilizava suas habilidades musicais, assim como as espirituais, dando a forma necessária ao som, harmonia e toda a composição musical. Não é

³ Discurso pronunciado pela celebração do 175º aniversário do nascimento do compositor Conradin Kreutzer, em Messkirch, a 30 de outubro de 1955. A discussão sobre a serenidade é retirada de uma conversa entre um investigador, um erudito e um professor, registrada por escrito em 1944/1945. Instituto Piaget, 1ª edição. 2001.

algo puramente mecânico, assim como não é mecânico o fazer do artesão que utiliza as mãos para construir seu instrumento de trabalho. O próprio músico era quem fabricava seu instrumento, diferente do fazer automático da perspectiva mercadológica dos tempos atuais. Assim, é entender que o músico utiliza a única técnica, que é a técnica do pensamento, ao mesmo tempo em que usa as mãos como “[...] órgão espiritual, um membro que serve para muita coisa e que põe muita coisa ao seu serviço” (GADAMER, 2001, p.111).

Heidegger quis mostrar a diferença entre o fazer de um músico que se notabilizou através de uma produção musical (com sua poesia e que trouxe à memória o poeta) onde a técnica utilizada é a do pensamento, tendo a capacidade de utilizar o pensamento de maneira construtiva, desejando usufruir dos seus benefícios. De outro lado, a produção técnica com todos os aparatos que as ciências disponibilizam não tendo o homem a mesma sorte para utilizá-la em seu favor.

A segunda metade do século XX, mostra uma nova reorganização do espaço mundial. Os avanços tecnológicos constituem a mola propulsora para grandes investimentos nas ciências, tendo como objetivo principal a melhoria da condição da vida humana e, sobretudo, respostas aos seus instigantes problemas. Muitos foram os investimentos na medicina, a fim de tentar reverter morte em vida e doenças em cura. Talvez o que deveria estar no poder do homem, ele mesmo não teve o devido domínio. Gadamer, quanto a isso faz uma referência ao corpo. Ele diz:

Os processos que nele ocorrem, e nos quais assenta a nossa saúde ou doença, são objetos da pesquisa científica; o orgulho da medicina científica consiste em não praticar um saber curar não explicado, e sobretudo em procurar, a partir de um conhecimento científico, caminhos para influir nesse processo e a cura prometida pelo tratamento. Mas, aqui, há muito mais do que os limites, frequentemente perceptíveis ao médico, da sua possibilidade cognitiva, os quais lhe permitem encontrar a corporeidade do outro como algo que não se deixa de todo perscrutar (GADAMER, 2001, p.35).

Talvez, não seja possível diante de tantas coisas para nos preocuparmos, encontrarmos um espaço para conhecermos um pouco mais de nós mesmos. Talvez o tempo que temos não seja suficiente, ou quem sabe, não permite entender com lucidez o que de fato é possível entender sobre nós. Em busca de respostas, deixamos à disposição das ciências o que tanto nos traz segurança. Assim nos acostumamos e temos certeza de que as ciências nos conduzem a verdades absolutas e inquestionáveis. Com a chegada das TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) espera-se a solução de alguns problemas que assolam a humanidade. Ocorreu um duplo problema: de um lado houve uma aproximação entre

indivíduos, já por outro lado, aconteceu um afastamento. Assim, na contemporaneidade, é perceptível que as pessoas possam estar em um mesmo ambiente, mas separadas em suas relações interpessoais.

Na contemporaneidade, é indispensável o conhecimento especializado da técnica. Para cada área requer a presença de um especialista a fim de responder as questões específicas. Tomando como exemplo a medicina (com seus especialistas) que procura dominar cada parte do corpo humano, na esperança de conhecer o homem por inteiro (ou pelo menos os males que o atinge). Contudo, “[...] o especialista só tem olhos para o que é acessível aos seus métodos especiais” (GADAMER, 2001, p.47).

Antigamente, em uma só pessoa se concentrava o conhecimento da matemática, da física, da filosofia, da arte, da saúde, etc. Segundo Gadamer (2001) a “nova ciência”, por sua vez, trouxe algo novo com o intuito de conhecer a natureza, o que proporcionou ao homem modificar todo e qualquer aspecto natural. A própria experiência, somada ao tempo, mostra que o conhecimento humano (não sobre o ser humano), não o fez mais capaz que outros animais.

Heidegger fez a pergunta pelo *ser*, já que o ser humano durante muito tempo ficou no esquecimento e que a pergunta pelo ser atende a um imperativo necessário, criando possibilidades para que se atenda “a um chamado”, pois o ser vinha na mesma direção dos entes. Heidegger propôs uma desconstrução, já que o ser humano apresentava-se como esse *ser* esquecido. “[...] Heidegger precisa desconstruir também o ente ser humano para alcançar seu ser, até porque este ente é o lugar em que ocorre a compreensão do ser” (SEIBT, 2015, p.17).

Heidegger foi filósofo e “poeta do ser” e como tal dedicou-se inteiramente pela singularidade do ser humano. Não escreveu uma obra de grande repercussão sobre a educação, contudo foi “[...] professor da Universidade de Friburgo, da qual também foi reitor em 1933. Aluno e assistente de Edmund Husserl (1850-1938) teve seu nome ligado a uma das mais importantes escolas filosóficas daquele período, a *fenomenologia*[...]” (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p.11).

Como professor e reitor da Universidade de Friburgo, Heidegger discutiu em seus encontros e conferências temas que contribuiriam para educação e formação humana. A partir daí, o filósofo alemão, ao tratar dos seus discursos, permitiria que *intérpretes* ao redor do mundo pudessem se apropriar dos seus escritos. Kahlmeyer-Mertens (2008) fala que na Alemanha nos tempos de Heidegger eram comuns as *preleções* em forma de textos didáticos, que escritos em sala de aula, servia como texto que o professor preparava para os seus alunos,

e ainda, os textos eram reunidos no final do curso para serem publicados e que serviam como textos de apoio. Ao falar sobre Heidegger Kahlmeyer-Mertens (2008) relembra o seguinte:

É nos textos escritos especialmente para a cátedra que encontramos o melhor testemunho de sua prática educativa. Nesses textos, presenciamos demonstrações da preocupação do autor em adequar seus métodos ao perfil de seus discentes, utilizando uma linguagem didática, esquemas e imagens cuidadosamente escolhidos para ilustrar e esclarecer ideias mais abstratas (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p.12).

Mesmo que Heidegger não tenha expressado algo que pudesse afirmar que exista uma educação e que os seus conceitos são essenciais para a formação humana, não nega o fato que, ao se dedicar na discussão da existência do ser humano, muito contribuiu para que novos paradigmas fossem pensados. Com isso, a educação pensada por muitos educadores tanto da filosofia como da antropologia, psicologia e até mesmo da pedagogia tem como referência os escritos de Heidegger.

Hodge(2015), por exemplo, se dedica na defesa que em Heidegger encontramos a melhor forma de se ver a atuação da educação como princípio norteador de suas reflexões. Para esse intérprete de Heidegger a educação se apresenta como uma padronização imposta e planificada conduzida pelos agentes que são responsáveis pela formação dos indivíduos e que tem a *armação-técnica* como “mentora” das instruções e responsável por definir o que pode e que não pode ser feito na educação. Assim, percebe a crítica de Heidegger com a uniformização do ensino, de uma pedagogia que intervém não como prática libertadora, mas como direcionamento de uma educação imposta, autoritária e cheia de intenções mediante a um poder econômico estabelecido por grandes *corporações econômicas* e que transformam o ser humano em recursos humanos.

A educação é fundamental, mas em Heidegger percebemos algo além, pois proporciona uma nova visão de ter o professor atuando em uma pedagogia essencial que dê a devida importância ao aluno, conduzindo o discente a se autodescobrir como sujeito que aprende e tendo como fundamento uma proposta educativa capaz de transformar a rotina dos processos educacionais em uma possibilidade de ensino para a vida. O desafio está lançado, devido o ambiente cercado e controlado pela técnica, que tão de perto rodeia e assume as diretrizes do sistema educacional mundial. Desafio que também traz para o discurso a educação enquanto possibilidade assumida pelo ser humano, a fim do mesmo se posicionar enquanto um *ser* que pensa, transforma e se (re)inventa. Com isso, a proposta de um ensino que venha na contramão do que está posto e definido como ensino direcionado e pronto é

importante, principalmente no cenário atual da educação. Dentro desse contexto, ao atentar para uma educação tendo como base o ensino de Heidegger é despertar o indivíduo, sobretudo, para dentro de uma construção social e que desperte sua existência. Kahlmeyer-Mertens (2008) ao tratar da educação ligada ao cuidado do ser, explica:

Ao conhecermos as ideias de uma filosofia existencial embasadas no cuidado e a compreensão que outro faz do processo ensino/aprendizagem, considerando a pergunta pela possibilidade do aprender, é de se esperar que uma educação, assim pensada, coadune-se à ideia de um indivíduo livre para suas decisões e para orientar seu comportamento social (KAHLMEYER-MERTENS, 2008, p.43).

A visibilidade da educação a partir de Heidegger é importante até mesmo como proposta para uma (re) leitura do mundo, como despertamento para novas possibilidades de estimular novas metodologias de ensino e como interesse elementar para aberturas de formação e transformação nos aspectos críticos da sociedade. Esse pensamento só terá êxito a partir do momento em que seja possível integrar o ser humano aos processos de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que alcance liberdade para tomada de decisões.

Hoje estamos com mais informações; o importante é ter informações e não pensar na razão da reflexão; não conseguimos distinguir informação do conhecimento.

1.1 A importância da pesquisa

A pesquisa *Heidegger: entre a técnica e a serenidade* é importante devido à preocupação quanto às constantes modificações que acontecem na sociedade na contemporaneidade. Essas transformações sociais são inerentes aos processos que acompanham e atingem diretamente o ser humano. A pesquisa é direcionada na perspectiva de entender que tudo, na atualidade, acontece em um mundo da informação, mediado pela tecnologia, sem, contudo, atentarmos muitas vezes, como e porque essas informações chegam até nós. A técnica, uma vez não desvelada quanto ao seu significado, poderá trazer *perigo* à humanidade.

A *Questão da técnica*, conferência realizada por Heidegger em [1953] é um questionamento pronunciado como desvelamento da técnica e a essência da técnica. Heidegger acena para os sinais de abandono do ser humano. A era da técnica constitui-se no verdadeiro sentido de um mundo caracterizado pelas invenções científicas, no qual o corpo humano aparece como “elemento mutável” (mais artificial que natural). Heidegger traz um

pensamento questionador, fruto de suas meditações, a fim de desvendar o que estava por trás da técnica durante a história da humanidade.

A pesquisa não objetiva dar conta de todas as respostas sobre a técnica, serenidade e educação, mas quer mostrar que a partir de então seja possível desvendar alguns “mistérios” que ainda não foram desvelados. Heidegger foi um filósofo preocupado com o seu tempo e como tal ocupou-se, sobretudo, com o *esquecimento do ser*, algo que acompanhou o pensamento do filósofo alemão, desde *Ser e Tempo*.

Talvez, grande parte dessa preocupação esteja associada à sua vasta experiência nos “tempos de guerra”, pois o seu país (Alemanha) vivenciou diretamente tanto a Primeira como a Segunda Guerra Mundial. Heidegger participou desses acontecimentos e presenciou a ascensão do nazismo alemão, tendo diretamente um envolvimento cultural, político, social e religioso, além de ter contribuído para a formação de educadores na primeira metade do século XX, na Alemanha, a partir do seu reitorado e docência em Friburgo.

Heidegger, além de trazer as concepções de uma era técnica, também mostra que seja possível desvendar o “mistério que salva”, na era atômica. É uma relação entre o pensamento e a técnica e o encontro do caminho que leva a um aguardar, um esperar, disponível para todo homem, pois na *Serenidade* [1955] Heidegger desperta a humanidade ao pensamento que medita, já que o império da técnica está à disposição do pensamento que calcula e dessa forma o ser humano é mais suscetível ao pensamento que toma conta do homem contemporâneo em detrimento do pensamento que reflete sobre alguma coisa.

Embora Heidegger não se ocupe especificamente com um tratado sobre a educação, não negou seu valor e sua importância, pois se entendemos que a educação advoga em si mesma ir além das universidades e escolas, fica subentendido que a formação-educacional-humana aparece na filosofia de Heidegger. Ao tratar sobre o ser humano e a sua relação com o mundo, o filósofo que foi reitor da Universidade na Alemanha, jamais poderia negar sua preocupação com os processos educacionais e suas implicações para o desenvolvimento da sociedade. Além disso, foi um importante professor, responsável em promover conferências, seminários e diversas palestras. Inwood (2004, p.12-13) diz que “Heidegger começou a ganhar fama como professor de fascinante brilhantismo e perspicácia. Em 1923, transferiu-se para Marburgo como professor associado [...]”. Uma das razões em publicar a obra *Ser e Tempo* foi almejando ao cargo de professor. “Sua razão para publicar a obra essa época foi, diz-nos ele, cumprir requisitos governamentais para ser nomeado professor pleno em Marburgo” (INWOOD, 2004, p.13).

Nesse desdobrar da pesquisa, algumas referências são importantes e estão elencadas a fim expor o pensamento de Heidegger: *A Questão da Técnica*. Conferência de [1953]; (2012); *Serenidade*. Discurso comemorativo de [1955]; (2001); *Língua de tradição e língua técnica*. Conferência de [1962]; (1995); *Ser e Tempo*. Obra publicada em [1927]; (2005). Sem contar outras que estão na pesquisa e que servirão como desdobramento para entender o pensamento de Heidegger.

Nas obras citadas, encontramos as contribuições de Heidegger à humanidade. Suas conferências e seminários até hoje são lidas e servem como argumentos de autores em diversos trabalhos nacionais e internacionais. Aparecem, sobretudo, em publicações de filósofos, de psicólogos, de educadores e em diversas outras áreas do conhecimento acadêmico e não acadêmico. Sua filosofia *existencial* proporcionou abertura para novas possibilidades de questionar o que está posto no mundo, pois Heidegger entendeu que o homem é o “ser-lançado-no-mundo” e como tal participa dos acontecimentos como todos os outros entes. Autores como Inwood (2004), Rée (2000), Rüdiger (2014), Schneider (2005), Loparic (1996), Vattimo (1996), além de outros, são fundamentais para a construção da pesquisa.

Na pesquisa *Heidegger: entre a técnica e a serenidade* é possível alcançar, em uma perspectiva metodológica, com base na *fenomenologia-hermenêutica*, conceitos fundamentais para a aproximação entre técnica e serenidade, assim como um direcionamento quanto à educação, mesmo porque Heidegger acenava para uma educação como proposta da formação do ser humano, por entender que a educação está no mundo, assim como o ser-á se envolve com *entes intramundanos*. Há de se encontrar na pesquisa Hodge (2015) com *Martin Heidegger: Challenge Education* que discute a educação do ponto de vista dos acontecimentos sistematizados e projetados dentro de uma realidade mercadológica e que compromete os processos educacionais. Hermann (2002) com *Hermenêutica e educação*, no intuito de abordar a importância do diálogo na educação, fundamental para se entender o sentido do escutar, a fim de compreender o princípio norteador do educar. Kahlmeyer-Mertens (2008) que explica que em *Heidegger & educação* se faz favorável pela defesa que há em Heidegger como professor e educador e responsável por diversas questões que o aproximam como docente.

A pesquisa desdobra-se da seguinte maneira: *Martin Heidegger: suas contribuições à humanidade*. Aqui ressaltamos a importância do seu pensamento, com ênfase à sua biografia e o legado de suas obras e que servem como fonte de pesquisa de vários autores que discutem sobre o que Heidegger pensou desde seus primeiros trabalhos acadêmicos. *O homem*

do século XX: perigo eminente à humanidade. Mostra como as ciências alcançaram êxito e como os avanços tecnológicos foram fundamentais para o homem do século XX. Complementaremos essa discussão, a partir da opinião de vários pensadores, tendo em vista *Como se encontra o ser humano: mudanças que o acompanham na contemporaneidade.* A naturalidade que acompanha o homem na contemporaneidade é reforçada na opinião de autores que aparecem na pesquisa dissertativa. Em seguida, expomos o compreender de Heidegger sobre *O ser humano para Heidegger: o ser como possibilidade*, assunto frontal para que os conceitos de Heidegger sobre o “ser” apareçam como fundamento essencial na pesquisa. Posteriormente, apresentaremos como a técnica está “montada” na contemporaneidade. Com isso, enfatizaremos *Uma discussão sobre a técnica: o que está acontecendo hoje* e os seus desdobramentos: *Técnica em Heidegger: a técnica e a essência da técnica. Entre a técnica e a serenidade: o ser humano e a era da técnica. Entre a técnica e a serenidade: o ser humano e a serenidade.* Por fim, é essencial trazer *A educação na era da técnica. Técnica e educação: o aguardar da educação na era da técnica. Técnica e educação: o estar livre e o acontecer na educação.*

1.2 Martin Heidegger: suas contribuições à humanidade

Martin Heidegger foi considerado o maior filósofo do século XX. Nascido em Messkirch, Baden, cidade sudoeste da Alemanha, em 26 de setembro de 1889, realizou seus primeiros estudos em Constanza e em Friburgo. Tanto em Constanza como em Friburgo, há uma relação do filósofo com o catolicismo.

Segundo Inwood (2004), Heidegger é despertado pela filosofia ainda jovem a partir do estudo de Franz Brentano (um dos precursores da fenomenologia) *Sobre os vários sentidos do ser segundo Aristóteles* (1862). Em 1913 graduou-se com a dissertação *A teoria do juízo no psicologismo*. Três anos depois se tornou assistente de Edmund Husserl.

Heidegger tornou-se um brilhante professor, o que lhe proporcionou prestígio diante de seus contemporâneos. Suas palestras clássicas: *Aristóteles, Paulo, Agostinho e Fenomenologia* possibilitou ser visto como um filósofo diferenciado. Em 1915 sua carreira acadêmica é interrompida por causa da Primeira Guerra Mundial, mas logo foi considerado inapto ao recrutamento alemão. Após dez anos, publica sua mais famosa obra *Sein und Zeit* (Ser e tempo) em 1927. Em Friburgo discute *Que é Metafísica?* Quatro anos depois, é nomeado reitor, renunciando ao cargo depois de um ano. Promove o curso *Introdução à Metafísica* em 1935, sendo publicado em 1953 (discutindo a situação política da Alemanha).

Ao palestrar sobre diversos temas, principalmente quando se reportava aos eventos políticos e de guerras, sempre estava relacionado com o “esquecimento do Ser” e a tecnologia. Assim, “A partir de 1938, a tecnologia assumiu em seu pensamento um papel mais amplo” (INWOOD, 2004, p.15). Ainda para Inwood (2004) foi na Academia Bávara de Belas Artes que Heidegger palestrou sobre *A questão da tecnologia* em 1953.

Os escritos de Heidegger foram traduzidos em muitos idiomas e em diversos países. União Soviética, Japão, Estados Unidos, etc. Traduções para o italiano e francês. Inspirou debates entre filósofos e intelectuais em estudos críticos e gerais, além de estudos especiais que lhe proporcionaram respeito de seus leitores ao redor do mundo. Tratou da estética, linguagem e poesia, teologia, fenomenologia e hermenêutica, política direito e sociedade, etc.

As obras de Heidegger são vastas, muitas das quais ainda não foram traduzidas para outros idiomas. Antes do seu falecimento, o filósofo ajudou nas edições completas dos seus escritos, fruto de suas palestras e obras já publicadas. Segundo Vattimo (1996, p.175), “As obras completas de Heidegger estão a ser publicadas efetivamente, desde 1975, [...] segundo um plano editorial que havia sido estudado pelo próprio Heidegger com a colaboração de F. W. von Hermann”. Muitos foram os trabalhos publicados após a sua morte, com destaque para *Erinnerung an Martin Heidegger*, Pfullingen, 1977, que recorda as amizades de Heidegger, a entrevista concedida a televisão alemã, no seu 80º aniversário e o *Gedenkschrift der Stadt Messkirch* (Stadt Messkirch, 1977).

Heidegger não era um filósofo avesso à percepção dos acontecimentos e as transformações que ocorriam na sociedade e no mundo. Inwood (2004) conclui ao descrever sobre a vida de Heidegger da seguinte maneira:

A vida de Heidegger é um intrigante conto do retorno de um andarilho, mas o que a faz mais interessante do que muitas outras vidas semelhantes é sua estatura como pensador. Ninguém mostraria muito interesse pelos detalhes da atividade política de Heidegger, para não mencionar suas crenças religiosas ou vida privada, se ele não fosse um filósofo importante (INWOOD, 2004, p.17).

Se por um tempo não pôde escrever e falar, foi no seu silêncio que mais esboçou expressão. Não é no muito falar que se promovem reações, mas no meditar se encontram caminhos de possibilidades. Isso diz muito da vida do filósofo alemão. Heidegger faleceu em 26 de maio de 1976, e foi sepultado no dia 28, no cemitério de Messkirch, na Alemanha.

2. O SER HUMANO DO SÉCULO XX: PERIGO IMINENTE À HUMANIDADE

A segunda metade do século XX, experimentou avanços tecnológicos de dimensões gigantescas. As ciências investiram tempo e dinheiro com o objetivo de alcançar êxito e o controle técnico da natureza, sobretudo da Física, da Química e da Matemática. “O resultado do desenvolvimento das ciências exatas tem sido uma verdadeira revolução na dominação técnica da natureza” (HUSSERL, 2008, p.63). As ciências biológicas compõem esse despertar para uma nova era técnica, no qual o conhecimento precisa ser intenso e as respostas às constantes perguntas da humanidade necessitam ser solucionadas. Há um olhar particular no alcance da manipulação de novas drogas, novas vacinas e no controle e combate às novas bactérias e vírus.

Dominar a natureza e controlar as doenças é uma das principais ambições do homem na contemporaneidade. Essa ambição é uma proposta que está em andamento a uma vida melhor e mais feliz. Contudo, ao promover tudo isso, o ser humano ainda vive grandes dilemas, problemas sem soluções, perguntas sem respostas, catástrofes naturais, morte e desencontros consigo mesmo. “A ciência designa, pois, a ideia de uma infinitude de tarefas. A cada instante, uma parte limitada dessas tarefas é executada e, ao mesmo tempo, esta constitui o fundo de premissas para um novo horizonte infinito de tarefas como unidade de uma tarefa infinita” (HUSSERL, 2008, p.69).

Ao olhar para essa realidade que se encontra o ser humano, há de concordar com a preocupação de Freud (2011, p.93). “Atualmente os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não é difícil recorrer a elas para se exterminarem até o último homem”. O homem é o grande responsável pela destruição do meio natural. Sua agressão à natureza promove a sua própria destruição. Heidegger já havia acenado para essa realidade no momento em que instigou o homem no caminho do pensamento que medita. Pensamento este que permanece no homem e é capaz de promover uma reflexão para uma vida mais consciente e serena. O filósofo alemão, quanto ao que pode acontecer na natureza, ligada tanto as ciências como a técnica, afirma que:

A questão fundamental da ciência e da técnica contemporâneas já não é: de onde obteremos as quantidades suficientes de combustível? A questão decisiva é agora a seguinte: de que modo podemos domar e controlar as inimaginavelmente grandes energias atômicas e, assim, assegurar à humanidade que tais energias colossais, subitamente, em qualquer parte - mesmo sem ações bélicas - não fogem ao nosso controle, não ‘tomam o freio nos dentes’ e aniquilam tudo? (HEIDEGGER, 2001, p.19-20).

A preocupação de Heidegger estava baseada na situação em que se encontraria o mundo no futuro. Como seria possível controlar as grandes catástrofes que estariam por vir? Como não deixar escapar às energias necessárias a vida humana que uma vez “esvaziada” da natureza logo levaria a uma nova era da técnica? Assim, o próprio homem estaria a mercê da sua própria ruína, pois não saberia como contornar a realidade que o submeteu a um estilo de vida incontrolável e ao mesmo tempo devastador.

A partir da construção de uma civilização mundial, o que poderia trazer sossego a todo curso terrestre, acaba por acontecer um suposto desastre global, tendo como escape a própria ruína humana. O mundo já havia despertado a atenção, tanto da civilização ocidental como da civilização oriental. A preocupação atual sobre o futuro da humanidade promoveu um encontro entre um filósofo indiano e um físico inglês. Krishnamurti e Bohm (1986, p.8) traduzem essa realidade da seguinte forma: “Este assunto é, no momento atual, de interesse vital para todos, já que a ciência e a tecnologia moderna abriram sem dúvida imensa possibilidade de destruição”. O homem não deixa escapar a oportunidade que se apresenta diante de si. O conhecimento técnico-científico fortalece a “amarração” intensa de controle do universo e com isso o próprio futuro da humanidade está em perigo.

Pouco nos perguntamos o porquê fazemos determinadas coisas. Qual a necessidade que nos faz transformar tudo o que vemos e o que não vemos? Fazemos por necessidades ou por que outros fazem da mesma maneira? Se entendermos que a vida é estigmatizada por uma cotidianidade em que todos participam, então fica difícil decidirmos de fato o que queremos ser. Não conseguimos dominar nossos desejos e tampouco nos controlar. Seibt (2015, p.21) explica da seguinte maneira: “É provável, contudo, que o ponto de partida da busca, a motivação fundamental, é que nos sentimos sem controle sobre nós mesmos e sobre tudo o que envolve nossa vida”. Se não temos o controle de nós mesmos, então fica mais difícil controlarmos alguma coisa que não esteja em nossa posse.

Para Krishnamurti (1994) a civilização oriental compreendeu que o todo sempre foi o fundamento de suas verdades. Com isso, a natureza, a terra, a árvore, o mar, o céu, tudo faz parte de um só fundamento e faz parte da vida assim como o homem tem a vida como completa. Já a civilização ocidental acredita que seja possível encontrar esse fundamento a partir de um conhecimento fragmentado.

O conhecimento do Ocidente, de maneira objetiva buscou explicar que tudo seria possível caso acontecesse uma “fragmentação científica”. Morin (2012, p.40) explica que:

“Paradoxalmente, são as ciências humanas que, no momento atual, oferecem a mais fraca contribuição ao estudo da condição humana, precisamente porque estão desligadas, fragmentadas e compartilhadas”. No *Diálogo sobre a natureza humana* entre Morin e Cyrulnik (2012, p.11-12) em que discutem sobre o poder técnico que se apoderou do Ocidente, dizem que: “O pensamento ocidental (aqui reside sua grande armadilha) acabou por acreditar que a parte podia ser separada do todo [...] esquecemo-nos dela ou nos recusamos a reintegrá-la no todo”. Também Bohn e Krishnamurti (1986, p.24) puderam observar os acontecimentos do mundo como um problema de pensamento que humanidade estabeleceu, uma vez que no intuito de alcançar a abrangência da totalidade das coisas, incorreram em outros maiores e que não puderam resolver. “Mas não vemos isso porque não pensamos a respeito de nada, não olhamos para o mundo como um todo”.

Um pintor pinta sua obra a partir de um todo determinado pelo seu pensamento, que uma vez idealizado permite a precisão da descoberta. Um quadro, talvez seja o limite quando o mesmo possui dimensões idealizadas por quem vê e o domina com as mãos, mas foge ao controle de quem o imagina. O exercício do olhar, não permitiu à humanidade perceber o quanto foi e é difícil perceber a existência do todo, mesmo porque o todo não faz parte da existência do olhar, pelo menos nos tempos em que vivemos. Morin (2000) discorre sobre os acontecimentos do século XX e como a redução científica era fortemente disseminada.

Até meados do século XX, a maioria das ciências obedecia ao princípio de redução, que limitava o conhecimento do todo ao conhecimento de suas partes, como se a organização do todo não produzisse qualidades ou propriedades novas em relação às partes consideradas isoladamente. O princípio de redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Assim, aplica às complexidades vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Pode também cegar e conduzir a excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando, dessa forma, o elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece estritamente ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção (MORIN, 2000, p.42).

Morin afirma que as ciências elaboraram o princípio do *reducionismo*, fragmentando as partes, por achar que o todo não teria uma qualidade que respondesse às expectativas da complexidade humana. Como não fosse possível responder a essas questões tão difíceis, o melhor a fazer foi aplicar a “complexidade vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial”.

O século XIX trouxe grandes desafios à humanidade, mas foi no século XX que se intensificou os grandes colapsos mundiais, com guerras, nazismo e fascismo em sua totalidade, ideologias diversas e explosões de bombas atômicas, ao mesmo tempo em que imperaram superestruturas e desenvolvimento estatais e países que foram revitalizados, bem-estar econômico e ascensão de países industrializados. O retorno ao tempo desses acontecimentos tencionou a lembrança de que o ser humano envolveu-se em um mundo que não deu conta dos seus inúmeros problemas, não deu conta, e ao mesmo tempo criou outros maiores que trouxeram consequências, partindo do princípio em que estamos vivendo grandes desastres naturais e dizimação humana.

O conhecimento desenvolvido no século XX foi promissor. Sabemos que o conhecimento adquirido é importante para alcançarmos os objetivos que desejamos atingir. No entanto, o grande “engano” das ciências foi acreditar que o homem precisaria, necessariamente, ser imerso nas experiências científicas, a fim de se encontrar em “seu meio natural”.

Desenvolvemos técnicas de manipulação em todos os domínios, esquecendo ao mesmo tempo a realidade dos seres vivos, dos seres humanos. Nos dias atuais, a ampliação desmensuradas dos poderes manipuladores da ciência, da energia atômica à genética, é de tal monta que propõe um grande problema. Temos o poder, mas não o verdadeiro conhecimento e, de modo algum, a sabedoria... (CYRULNIK; MORIN, 2012, p.14).

O homem aprendeu com as ciências a desenvolver técnicas de domínio dos recursos naturais, pois ao prosseguir nesse caminho esqueceu como as coisas acontecem no curso natural. Para Berger e Luckmann (1997 p.38)) esse domínio favorece certo poder, mas esbarra na falta do conhecimento e da sabedoria e se tudo isso acontece é porque o homem está envolvido em uma vida cotidiana que “constitui minha atitude natural”. Ao agir assim estabelece uma ordem natural, comum a todos os homens.

Ao buscar respostas a todas as coisas, o controle da natureza permitiu as ciências explorar matematicamente os diversos setores do mundo e da vida, no intuito de satisfazer seus desejos e promover bem-estar a todo homem. Assim, o mundo contemporâneo está disponível para a técnica fixar sua praticidade.

Afinal de conta, no mundo contemporâneo de computadores, transplante cardíaco, energia nuclear, é muito difícil negar a afirmação de que a ciência nos tenha levado a meios aperfeiçoados para um controle prático do mundo prático (CHALMERS, 1994, p.45).

O homem inquieto desejou controlar a natureza e seus recursos. Mas, se por um lado isso foi possível acontecer, por outro isso estar longe de ser resolvido efetivamente. Segundo Elias (1994, p.15) o mundo natural trouxe certa frustração ao homem, por isso “[...] o mundo, tal como ele é realmente, está longe de corresponder aos desejos humanos”. Ainda para Elias (1994) muitos não perdoam as ciências da natureza por terem desencantado a natureza. Em busca de uma suposta verdade, o ser humano investiu no conhecimento do mundo em que vive, e para isso se valeu das ciências.

Esse efeito foi durante muito tempo uma questão que aparentemente estava resolvida. O progresso técnico e eletrônico permite conhecer uma nova estrutura da realidade. Ao mesmo tempo em que encontra o homem insatisfeito. Quem sabe o mundo não fosse esse globo, com essa forma e com suas constantes variações e complexas inovações. Tudo isso, trouxe dúvida ao homem. O mundo idealizado pelo homem é este? Precitaria ser (re) inventado outro Planeta para saber se o homem finalmente se encontraria satisfeito?

Durante séculos, o ser humano acreditou que a natureza era uma fonte inesgotável de bens e que poderia usufruir todos os seus benefícios, no entanto, com o passar do tempo, a realidade mostrou que a natureza chegou ao seu limite e manifestou sua fragilidade e sua possibilidade de chegar ao “caos”. Heidegger, em um tempo que a Terra já dava seu “alarme”, disse que: “O homem começa a já sair da Terra em direção ao espaço cósmico” (HEIDEGGER, 2001, p.19).

A crença no *cientificismo* deu alarmes de que a mudança no mundo seria inevitável. A preocupação com o destino humano ficou mais preocupante na segunda metade do século XX. Freud, na preocupação com o ser humano quis alertar quanto ao perigo eminente:

A meu ver, a questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição. Precisamente quanto a isso a época de hoje merecerá talvez um interesse especial. [...] Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo (FREUD, 2011, p.93).

O perigo eminente seria decisivo caso o homem não soubesse controlar “sua criação”. Com a “evolução cultural” o perigo aumenta ainda mais, pois ficou mais difícil estabelecer uma ordem natural e o homem vive em um profundo dilema de não controlar seus instintos, fato do seu desassossego e infelicidade. Daí um cuidado especial no tempo em que

vivemos. Um cuidado com o mundo e com a vida seria o primeiro passo para conter todo tipo de agressão e autodestruição humana.

Séculos atrás, não seria fácil entender que o homem pudesse de uma vez por todas ser afastado do seu estado natural. Os conhecimentos científicos em laboratórios proporcionaram várias descobertas. Ao pensar que seria necessário separar homem e animal (*cientificismo* em Descartes) as ciências promovem um crescimento sem limites. Pois, ao dividir tudo que era complexo, possibilitou experimentar novas formas de conhecer as ciências médicas. Ao abrir o corpo humano para conhecer sua estrutura “microscópica”, não propôs nada novo para conhecê-lo melhor. Se o corpo aberto foi à maneira física da medicina descobrir sua ordinária missão de conhecer o homem, longe ficou de conhecê-lo por completo. O grande problema, em tudo isso, foi considerar uma natureza humana “enfeitada” e como um objeto das ciências. Se considerarmos que o homem pode ser conhecido como “um objeto científico”, então perde seu estado natural e seu lugar como homem. Nesse sentido, é preciso ter um novo olhar do homem para que não sirva como uma experiência das ciências.

Em termos individuais, se aprendermos a raciocinar a partir de um contexto e de uma história, construiremos um novo olhar a respeito da antropologia. Não será mais uma antropologia feita de pedaços separados- a biologia contra a cultura, o inato contra o adquirido, o homem contra seu grupo social-, mas, ao contrário disso, a integração de um pedaço do todo, no qual o indivíduo vive, funciona por intermédio das trocas, das comunicações, das relações necessárias. A partir desse momento, o homem assume seu lugar na natureza, ele não é mais contra a natureza, não é sobrenatural nem antinatural, mas conserva seu lugar de homem (CYRULNIK; MORIN, 2012, p.19).

Ao olhar o homem, sem levar em consideração a sua história, fica difícil entender o próprio homem. Se a antropologia inicia uma nova fase que permite reduzi-la em partes separadas, conseqüentemente faz com que o conhecimento seja fragmentado, desintegrado e sem um ligamento preciso e constituído não no seu todo, mas que funciona separado das outras áreas de conhecimento, comprometendo a integração de um todo compreensivo. Rousseau (2001, p.11) diz o seguinte: “Mas, enquanto não conhecermos o homem natural, é inútil querermos determinar a lei que recebeu ou a que convém melhor à sua constituição”. Assim, não há uma compreensão que permita integrar esse ambiente à natureza do ser humano, com respeito a uma antropologia que estabeleça um critério histórico do próprio homem, a fim de reivindicar em si mesmo um estado autêntico e autônomo de si próprio.

2.1 Ser humano: mudanças que o acompanham na contemporaneidade

Como entender o tempo em que vivemos? Qual a melhor compreensão que devemos ter de nós mesmos? O que temos feito no mundo e como interpretar os fenômenos que acontecem a todo instante? Não temos uma resposta exata para tudo o que acontece ao nosso redor. Talvez fosse necessário voltarmos ao *início das coisas* (saber onde se originaram) para podermos dar uma resposta certa à nossa vida, ao mesmo tempo nos encontrarmos na nossa própria civilização, pois “[...] cada cultura mantém uma relação direta com a natureza e com o mundo através de seu modo de morar, viver. E esse modo é o que nos define hoje como domesticados, civilizados” (FUÃO, 2016, p.9).

No século XVI, Erasmo de Roterdã, na sua obra *Elogio da Loucura* (2002, p.32-33) já suspeitava dos avanços científicos que introduziram na vida humana um aspecto de “malignidade” que tiravam dos homens uma vida simples e feliz, ao mesmo tempo em que eram dirigidos pela natureza e o seu próprio instinto. Assim, como acontecia há cinco séculos, na contemporaneidade, com os avanços da tecnologia, a vida humana tornou-se mais complexa e menos simples. Desse modo, o que o homem pode esperar? Será que estamos nos agarrando em alguma coisa que não temos certeza que conhecemos? Bohn e Krishnamurti(1986) ao falarem sobre as realizações das ciências disseram que:

Temos, sem dúvida, avançado em todas essas direções. Fizemos grandes progressos na tecnologia, na comunicação, nos meios de transporte, na medicina, na cirurgia [...] em muitos aspectos isso é realmente extraordinário. Não há dúvidas quanto a esse respeito. Mas, psicologicamente, o que realizamos? Nada disso nos afetou psicologicamente [...] E a questão psicológica é mais importante do que todas as outras porque, se não for resolvida, tudo fica perigoso. Se permanecermos psicologicamente limitados, então tudo o que fizermos será limitado e a tecnologia será então usada por nossa limitada... (KRISHNAMURTI; BOHN 1986, p.27-28).

Os autores confirmam que houve avanços em todas as direções e que o progresso da tecnologia é evidente. Em todas as áreas houve grandes conquistas, mas ao mesmo tempo pensam em que ponto tudo isso vem afetar positivamente o pensamento do homem. Defendem que o mais importante e que precisa afetar o homem é a questão psicológica, pois esta precisa ser resolvida para que não haja limitação e a tecnologia não venha, sobremaneira, absolver o pensamento humano.

A civilização foi construída dentro de uma suposta realidade objetiva. Tudo deveria ser pensado a partir do fundamento de que as ciências teriam uma linguagem precisa, pois o cientista é alguém habilitado para construir medidas e dar respostas em um curto espaço de tempo. Alves (1981, p.92) diz que “O cientista não precisa dizer coisa alguma. Basta-lhe ordenar os fatos”. O cientista se ocupa com métodos precisos e objetivos. Então, o método científico seria a “crença” nos conceitos universais e o cientista o grande responsável pela integração desses fatos.

Mas o que caracteriza este jogo a que damos o nome de ciência é um acordo tácito entre todos os cientistas de que nele só se pode falar sobre experiências abertas à *verificação intersubjetiva*. Na verdade, é esta verificação que garante a *objetividade* do conhecimento. Assim, ao trabalhar sob tais e tais condições de laboratório, obtenho o efeito. A qualquer cientista, em qualquer parte do mundo, trabalhando sob condições idênticas, deve obter o mesmo resultado. Se um fato não puder ser enunciado, não poderá ser testado. E se não pode ser testado, não pertence ao jogo da ciência (ALVES, 1981, p.113).

As ciências criam métodos que servirá para padronizar o conhecimento de todos os cientistas. Esse conhecimento, precisa ser ordenado de acordo com a lei estabelecida e o trabalho necessita ter características semelhantes e, ainda apresentar os mesmos resultados, do contrário perderá o seu caráter objetivo. Todo o trabalho científico está sob a determinação de que, para ter resultados satisfatórios, obrigatoriamente necessita ser testado para depois ser aprovado.

Poderia o homem se orgulhar por alguma coisa que fez? Sim. Não se pode negar que a evolução das ciências tem a contribuição humana que construiu artefatos, os mais modernos possíveis, a fim de dominar a natureza e tudo que pode aparecer pela frente. Toda essa forma de dominação tem como objetivo a consolidação do prazer e bem-estar e tudo que pudesse fazer viver e encontrar a condição única de ser feliz. Assim comenta Freud (2011):

Nas últimas gerações a humanidade fez progressos extraordinários nas ciências naturais, e em sua aplicação técnica, consolidando o domínio sobre a natureza de um modo antes inimagináveis [...]. Os homens estão orgulhosos dessas realizações, e têm direito a isso. Mas eles parecem haver notado que esta recém- adquirida disposição de espaço e de tempo, esta submissão das forças naturais, concretização de um anseio milenar, não elevou o grau de satisfação prazerosa que esperam da vida, não os fez se sentirem mais felizes. Dessa constatação deveríamos concluir apenas que o poder sobre a natureza não é a condição única da felicidade humana, assim como não é o único objetivo dos esforços culturais, e não que os progressos da técnica não tenham valor nenhum para a economia da felicidade (FREUD, 2011, p.32).

No intuito de dominar a natureza, desejo este que idealizou durante muito tempo, não o fez melhor e mais feliz, não trouxe uma satisfação plena. O que Freud confirma é que a força por dominar a natureza, ainda que os avanços da tecnologia venham potencializar isso, não é a consolidação da busca pela felicidade ou que o prazer é a única razão. Essa busca pela felicidade sempre impele o homem a se sentir bem e a alcançar coisas melhores em sua vida, pois ficaria difícil compreender que a felicidade pudesse estar fora da realidade como ela realmente aparece. Se existe outro tipo de felicidade que não seja a experimentada pelo homem, longe está de ser alcançada por este, ainda que demande tremendo esforço para tal. Não podemos afirmar que a felicidade pode ser encontrada em qualquer lugar e a qualquer custo. Se existem várias fontes de encontrá-la (que poderá aqui considerar fontes diversas de prazer), então, cada qual busca ao seu modo, a melhor ideia e conceito de achá-la, e em diferentes meios. Todavia, para Freud (2011, p.33) “Parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização, mas é difícil julgar se, e em que medida, os homens, de épocas anteriores sentiram-se mais felizes [...]”. Entre uma época e outra fica difícil medir a felicidade de cada civilização. Já para Schneider (2005):

A felicidade é percebida como uma invenção à base de regras e princípios de explicação absolutamente normalizados, naturalizados e, assim, esquecidos de sua precariedade, provisoriedade e finitude quanto ao sentido do ser em compreensão: ela se desenvolve na construção, fixação e eterno retorno aos seus princípios pela competência mantenedora, conformadora e eficiente no consolo da Sociologia, Psicologia, Psicoterapia e outras áreas preocupadas na distribuição equânime da felicidade igual, administrada de modo igual, e de bem-estar retoricamente implantado e aceito (SCHNEIDER, 2005, p.111).

Se o mundo precisa ser apresentado de acordo com as necessidades e desejos do homem, então não precisa pensar no sofrimento, nos conflitos, nas adversidades, nas catástrofes, pois tudo isso faz parte da natureza e da vida humana e ele está envolvido nesse mundo. Se existe algo que o homem precisa fazer ou aprender, longe de um mundo externo, fica difícil compreender como isso acontece. Se o homem busca outro caminho, diferente do mundo em que vive, Freud (2011) poderia estar com a razão quando disse:

O deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas. Compreende-se: a felicidade que pode alcançar por essa via é da quietude. Contra o temido mundo externo o indivíduo só pode se defender por algum

tipo de distanciamento, querendo realizar sozinho essa tarefa. É verdade que existe outro caminho melhor: enquanto membro da comunidade humana, e com o auxílio da técnica oriunda da ciência, proceder ao ataque à natureza, submetendo-a à vontade humana. Então se trabalha com todos para a felicidade de todos (FREUD, 2011, p.21).

Freud, ao falar das relações humanas reforça que o homem pode realizar tarefas individuais, se quiser ser livre de um temido mundo que o rodeia. Contudo, vai na contramão dessa “verdade” devido a condição do homem que faz parte da *comunidade humana* e por estar em um mundo dominado pela técnica que o impele ao encontro da natureza, atacando-a.

Ao falar do homem social, Rousseau (2001, p.52) diz que “Não há um momento de descanso. O que há de mais original é que, quanto menos às necessidades são naturais e prementes, tanto mais as paixões aumentam, e que é pior, o poder de as satisfazer”. A questão decisiva é a constituição de uma realidade em que o homem já nasce. Desta forma, o problema se apresenta a partir de experiências que talvez ele próprio não saiba resolver, e por mais que se esforce, torna-se um exercício difícil de realizar. As normas e as causas naturais da vida humana, na Terra, estão no fundamento exclusivo desta realidade, pois para Rousseau, ao falar sobre os homens, destaca:

Acostumados desde a infância às intempéries do ar e ao rigor das estações, exercitados no trabalho e forçados a defender nus e sem armas a sua vida e a sua presa contra os outros animais ferozes, ou a escapar da sua perseguição, os homens adquirem um temperamento robusto e quase inalterável: os filhos, trazendo ao mundo a excelente constituição dos pais e fortificando-a com os mesmos exercícios que a produziram, adquirem assim todo o vigor de que a espécie humana é capaz. A natureza faz precisamente com eles o que a lei de Esparta fazia com os filhos dos cidadãos: torna forte e robustos os que são bem constituídos e faz morrer todos os outros, divergindo nisso das nossas sociedades, em que o Estado, tornando os filhos onerosos aos pais, os mata indistintamente antes do nascimento (ROUSSEAU, 2001, p.14-15).

De posse das desvantagens incalculáveis que sofre o homem, nada é mais eficaz do que sua luta contra os perigos que enfrenta, desde o momento do nascimento até sua morte. Como seria difícil suportar as intempéries que a vida oferece às consequências que a vida lhe proporciona. .

Poderíamos imaginar a condição no seu estado natural que em contato com outros homens, ou com as coisas que fazem parte de sua vida, na condição de coisas construídas, o homem sofre mais com uma vida em sociedade do que outras formas de vida que ele poderia escolher seguir. Um tanto difícil é o estado natural do homem, difícil, no sentido de não ter

experimentado ou não fazer parte de sua lembrança e quando cria o entendimento, em sua fase adulta, participa de uma realidade que faz parte da vida de todos os outros homens.

Segundo Rousseau (2001, p.21) o homem carrega consigo uma linguagem e palavras que está disponível no meio social, acessível e comum a todos. Sendo assim “[...] os homens tiveram necessidade da palavra para aprender a pensar, tiveram muito mais necessidade ainda de saber pensar para encontrar a arte da palavra”. O homem está envolvido neste universo da linguagem, pois tudo carrega na linguagem: as cores, as formas das coisas, a maneira de agir e pensar, o comportamento, o gesto, a maneira de sentar, em todos os sentidos, e em tudo que podemos presenciar e imaginar. O homem não teria acesso ao mundo senão pela linguagem. A linguagem determina o lugar de quem fala. Ao pronunciar o lugar, o homem pensa, envolve-se nele, identificando a esfera que o aproxima, não no isolamento, mas na luz do recolhimento.

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é um ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas que, dentre muitas outras faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem (HEIDEGGER, 2003, p.7).

Nos tempos primitivos quando o homem aprendeu a falar com o desenvolvimento da linguagem, ele foi capaz de “mudar o mundo”. A linguagem definiu e direcionou o homem a um estado totalmente diferente dos animais. Somente o homem é capaz de falar, e por isso é constituído de razão. Frente a isto, a língua é uma ferramenta de grande poder político, capaz do domínio sobre outras pessoas. Para Fuão (2016, p.2) ao interpretar a linguagem em Heidegger diz que: “Para a ele a linguagem funda o ser, somos o que somos pela linguagem, pensamos o que pensamos através da linguagem, ela determina nosso pensar”. Na história que carrega o homem, tendo em vista *algumas civilizações*, o poder é exercido por quem domina a “cultura da língua” da gramática e dos signos. Isto é bem claro para Berger e Luckmann (1997):

Sendo um sistema de sinais, a linguagem tem a qualidade da objetividade. Encontro a linguagem como uma facticidade externa a mim, exercendo efeitos coercitivos sobre mim. A linguagem força-me a entrar em seus

padrões. Não posso usar as regras da sintaxe alemã quando falo inglês [...] A linguagem me fornece a imediata possibilidade de contínua objetivação de minha experiência em desenvolvimento. Em outras palavras, a linguagem é flexivelmente expansiva, de modo que me permite objetivar um grande número de experiências que encontro em meu caminho no curso da vida (BERGER; LUCKMANN, 1997, p.58-59).

A língua concede um encontro coletivo e individual. A língua conduz o homem pelo caminho de um permitir conhecer a si próprio e o aproximar com outros. Isso faz parte da vida humana, pois é capaz de alcançar “toda e qualquer civilização”. A linguagem, também, esclarece e externa fatos, retrata experiências e desenvolve condutas.

As necessidades que o homem construiu proporcionaram a ele experimentar vivências difíceis para si e para os outros homens que sofrem os mesmos males na vida, que fazem parte da mesma história, independente de acontecer de maneira mais intensa ou menos intensa, mas acontece com todos. É nesse estado de civilidade que se encontra o ser humano, no encontro com “sua própria natureza”. Rousseau (2001) destacou da seguinte forma:

Outros inimigos mais perigosos, dos quais o homem não tem meios para se defender, são as debilidades naturais, a infância, a velhice, e as moléstias de toda espécie, triste sinais de nossa fraqueza, sendo que os dois primeiros são comuns a todos os animais e que o último pertence principalmente ao homem que vive em sociedade (ROUSSEAU, 2001, p.15-16).

O homem *civilizado*, diferente do seu “estado natural” por ter uma vida social e instituída aprende que para viver em sociedade precisa fazer o que todos fazem. Quanto mais o homem busca o conhecimento de sua “civilidade” tanto mais se afasta do seu estado natural. Ao alcançar a “civilidade” o homem acredita que alcançou o domínio de tudo (sucesso e progresso). No entanto, com o tempo vai perdendo vigor e força. Vai acontecendo à flacidez da pele, a robustez do corpo e a vida se tornam mais frágil. Olhando por esse ângulo, não seria um absurdo acreditar que muitas espécies dos seres vivos, incluindo o homem poderiam ser reduzidas a uma porcentagem significativa na terra.

2.2 O ser humano para Heidegger: o *ser* como possibilidade

Heidegger não se ocupou por uma “antropologia” qualquer, a fim de responder a um questionamento. Pelo contrário, o filósofo procurou entender o sentido do ser humano. Buscou uma definição que melhor se adequasse à sua compreensão. Procurou, sobretudo,

como filósofo meditar sobre o *ser*. Heidegger intrigou filósofos e pensadores do seu tempo quanto ao problema *existencial*. Heidegger quis mostrar que o ser humano, durante muito tempo, não passou de um *ente* como outro qualquer, no qual o filósofo alemão chamou de *tradição metafísica*. Criticou com veemência a filosofia do seu tempo (pelo esquecimento do ser) por não pensar o que deveria ser pensado sobre o *ser*. Heidegger refletiu sobre diversas questões ao confrontar profundamente o pensamento de outros pensadores (às vezes defensores de pensamentos tradicionais).

Pensamos poder aprender com sua Filosofia a pensar o ser humano a partir de referências novas e originárias (e também originais), mesmo que no texto com frequência acabemos nos movimentando mais no universo ôntico (dos entes e determinações) do que no ontológico que é propriamente o de Heidegger [...] É, em um sentido, uma constatação do modo como nos encontramos no mundo do dia a dia (na cotidianidade), como nos entendemos neste mundo em que nos encontramos com outros entes humanos e com entes que não têm o modo de ser humano (SEIBT, 2015, p. 33).

Heidegger inaugura uma nova fase da história, ao reivindicar o pensar sobre o ser humano e a tentativa de uma aproximação com a “verdade” que ele é e representa. Heidegger contrapõe-se a filosofia ligada à *tradição metafísica*, consolida seu pensamento, a fim de mostrar que a forma “como nos encontramos no mundo” nada mais é que o nosso próprio jeito de ser e como nossa representação aparece marcada pelo que somos.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger ocupa-se em *des-encobrir* o *ser*, no objetivo de construir uma *ontologia fundamental*, pois para ele o *ser* caiu no esquecimento desde os tempos de Platão e Aristóteles. Buscando dar seguimento a esta questão e a causa como a mesma se encontrava, escreve. “Quando se diz, portanto; ‘ser’ é o conceito mais universal, isso não pode significar que o conceito de ser seja o mais claro e que não necessite de qualquer discussão ulterior. Ao contrário, o conceito de ‘ser’ é o mais obscuro” (HEIDEGGER, 2005, p.29). Uma suposta obscuridade não contribui muito, se quisermos descobrir alguma coisa que se esconde por trás do ser. O descomprometimento do tema em desejar saber sobre o *ser* *descaracterizou* o verdadeiro sentido do ser, levando a uma suposta “banalidade”, por conta de discussões com pouco fundamento e profundidade. Rée (2000) explica da seguinte maneira:

É precisamente por causa dessa perturbadora banalidade que Heidegger se recusa a nos dizer de maneira direta o que sem dúvida queremos saber: o quê, exatamente, ele quis dizer com ‘ser’? Como o definiria? Heidegger nos

recorda que esse foi sempre um dos grandes temas da filosofia ocidental, mas, para além disso, só nos oferece sugestões gerais- o ser envolve uma questão crucial, talvez a mãe e o pai de todas as questões; é um assunto que diz respeito a todos nós, quer estejamos conscientes disso ou não; é aquilo que em última análise estamos falando sempre que falamos sobre qualquer coisa; e foi desgraçadamente trivializado pela própria tradição filosófica que deveria celebrá-lo. A explicação do que é ‘ser’ pode parecer excessivamente enigmática, mas Heidegger nos promete que, se o seguirmos, seremos por fim capazes de descobrir em nós mesmos não apenas um lampejo de seu significado, mas também alguma compreensão de por que estamos todos inclinados a descartar por inteiro o assunto como trivial e aborrecido (RÉE, 2000, p.11).

Para Rée, Heidegger crítica a filosofia ocidental por considerar a questão do *ser* de maneira generalizada, negando sua questão principal, pois diz respeito a todos e que a filosofia “deveria celebrá-lo”, algo que não fez, levando ao seu esquecimento.

O filósofo alemão critica qualquer definição vaga sobre o *ser* ou qualquer definição infundada de que o ser humano não passava de um simples “ente humano”. Entretanto, vai além de qualquer conceito e posiciona-se ao mostrar o ser humano como possibilidade, o que denominaria de *Ser-aí* (*Dasein*). Heidegger dá a devida importância ao *ser*. Se durante muito tempo não se deu o devido valor ao ser humano, são nas concepções do filósofo que o conceito de *ser* ganha uma definição significativa. Diferente de outros filósofos como Kant, Heidegger passa assumir a responsabilidade de atribuir o *Dasein* unicamente ao ser humano. Inwood (2004, p.34) conceitua o *ser* da seguinte maneira: “A palavra *sein* significa ‘ser’, e, como substantivo (*Sein*), ‘ser’ no sentido abstrato. Às vezes, mas não sempre, Heidegger usa hífen na palavra, ‘Da-sein’, a fim de destacar o sentido de ‘estar- aí’ (aqui)”.

Heidegger percorre um extenso caminho até chegar à compreensão do ser humano. Não foi uma tarefa fácil, pois entender que o ser humano não é “isso” como se apresenta e aparece, fez com que o filósofo pensasse de outra forma, na tentativa de *desconstruir* o ser humano. Ao fazer isso, Heidegger não quis desenvolver uma nova teoria do ser humano, na tentativa de fazê-lo melhor ou diferente de si mesmo. Seibt (2015) entende da seguinte maneira sobre a questão do ser humano:

Não é outro ser humano, mas o mesmo ser humano que se reencontra consigo mesmo, com suas raízes, com sua contingência, com sua historicidade, sua temporalidade [...]. As obras de Heidegger não são obras prontas, finalizadas, mas se constituem num pensamento em movimento, que constantemente se reformula, tenta dar um passo a mais na direção da profundidade e abrangência do mundo, do ser- aí, do ser (SEIBT, 2015, p. 34).

Seibt entende que Heidegger buscou essa aproximação do ser humano com a sua própria história como *ser que é*. O pensamento de Heidegger sobre o ser humano, força o entendimento necessário à possibilidade de um sempre movimento, querendo aprofundar-se no mundo do *ser-aí*.

Heidegger pensa o ser humano como fundamento central, contrapondo qualquer outra definição que pudessem formular. Contrapõe-se no sentido de discordar da ideia de muitos filósofos não darem a devida importância ao *ser* do ser humano. Heidegger estava interessado com o que “fizeram do homem” e critica o posicionamento do cientista, por não se ocupar da compreensão do *ser* como um todo. Sobre isso, Inwood (2004) esclarece da seguinte maneira:

Porque, argumenta Heidegger, o cientista se ocupa apenas de uma dentre inúmeras ‘regiões’ do ser; na qualidade de cientista, ele ignora o pano de fundo diante do qual acontece a projeção que faz, os objetos que ficam para as outras ciências e os artigos de uso familiares de que dependemos todos os dias, mas que se furtam por completo às ciências teóricas-para não mencionar a natureza do ser-em-si ou o entendimento informal geral do ser que lhe permite destacar uma área do ser particular (INWOOD, 2004, p.25).

Inwood, com base nos argumentos de Heidegger, questiona o posicionamento das ciências ao ignorar todas as “regiões” que compõem o *ser*, estabelecendo uma fronteira que projeta os objetos para as demais ciências se ocuparem.

Heidegger não teve como objetivo de criar novos conceitos sobre o ser humano e tampouco “formar” outro ser humano. Longe estava o filósofo alemão desenvolver isso. Mesmo porque se assim procedesse, negaria a própria “existência” do homem. O esforço de Heidegger está, cada vez mais, na tentativa de aproximação do ser humano. Isso se torna possível quando essa aproximação foge da trivialidade natural da definição que fizeram do ser humano. Heidegger partiu do questionamento, típico do filósofo que deseja descobrir algo que possa trazer clareza à obscuridade não revelada.

Deve-se colocar a questão do sentido do ser. [...]. Para isso, o sentido do ser já nos deve estar, de alguma maneira, disponível. Já se aludiu: nós nos movemos sempre numa compreensão do ser. É dela que brota a questão explícita do sentido do ser e a tendência para o seu conceito. Nós não sabemos o que diz ‘ser’. Mas já quando perguntamos o que é ‘ser’ nós nos mantemos numa compreensão do ‘é’. Nós nem sequer conhecemos o horizonte em que poderíamos apreender e fixar-lhe o sentido. Essa compreensão do ser vaga e mediana é um fato.

Por mais que a compreensão do ser oscile, flutue e se mova rigorosamente no limiar de um mero conhecimento verbal- esse estado indeterminado de compreensão do ser já sempre disponível é, em si mesmo um fenômeno positivo que necessita de esclarecimento (HEIDEGGER, 2005, p.30-31).

A importância de quem interpreta deve trazer no mínimo a compreensão próxima à luz de quem vela pelo entendimento clarificado. Heidegger posicionou-se a uma interpretação, uma *hermenêutica*, que ao mesmo tempo movimentava fundamentalmente a estrutura de esclarecer, a quem busca, a partir de um questionamento, para posteriormente evidenciar um caminho que deseja saber o que procura. O que Schneider (2005), explica da seguinte maneira:

Toda a pergunta à procura de algo é antecipadamente referida e guiada pelo procurado e já compreende a questão de algum modo. O procurado que se procura elucidar determina de alguma maneira a quem o procura, podendo-se chegar a dizer que o indagador já é o que deseja saber, ou seja, que ele é a resposta viva para as suas próprias questões, pois estas apenas trazem à tona o que por intermédio o seu ser quer expressar por si mesmo. A possibilidade da sua compreensão origina-se do ser que nele, enquanto resposta, aguarda para se manifestar (SCHNEIDER, 2005, p.14).

O pensamento ocidental elaborou problemas sobre o conceito, o sentido e o próprio ser humano. A descontinuidade em pensar o *ser* a partir de uma compreensão “originária” repercutiu, entre muitas coisas, na falta de esclarecimento do que ele realmente é. No entanto, Heidegger informa que o *ser* não está disponível. E se ele não está disponível é possível que haja, pelo menos, o interesse de tentar entender o ser humano na perspectiva de Heidegger. Seibt (2015) traz o seguinte esclarecimento quanto ao que Heidegger pensava sobre o ser humano:

O pensamento de Heidegger sobre o ser humano pressupõe, então, que primeiro se abra um acesso a ele sem que seja por meio de teorias e definições que povoam nosso modo de pensar e a nossa linguagem cotidiana. Para distinguir seu discurso do conhecimento que temos do ente ser humano, cunha a expressão ‘ser-aí’, que deve indicar para além do ente homem [...]. Para evitar que nossa compreensão seja imediatamente direcionada para o conteúdo que este termo carrega, já contamos que Heidegger escolhe a palavra *Dasein* para com ela, buscar experiência originária deste ente [...]. Ser-aí então refere-se ao ser humano enquanto ser possível, como possibilidade (SEIBT, 2015, p.78-79.).

Em *Ser e Tempo* Heidegger reflete acerca do ser humano. É a pergunta fundamental pelo sentido do *ser*. No intuito de atentar a uma exclusividade da existência humana, o filósofo alemão tece argumentos sobre o *ser*. Heidegger considera sua exposição,

problematizando o ser humano, como de fato deveria, duvidando e questionando sua trajetória no decorrer dos tempos, partindo do que ele mesmo denominaria de ‘cotidianidade’ (*Alltäglichkeit*) ou ‘medianidade’ (*Durchschnittlichkeit*) (VATTIMO, 1996). Ao prosseguir nesse pensamento, quanto ao ser humano, tudo proporcionaria o sentido de possibilidade. Nesse caminho, o homem encontra-se no “poder ser”. Possibilidade pelo simples fato, que ao tratar da existência, não se refere puramente um estado de ‘presença’. Mas ao se referir a tal termo, no caso do ser humano, deve se referir ao seu existir. Vattimo (1996) expõe que:

A possibilidade é, com efeito, o próprio sentido do conceito da existência. Descobrir que o homem é o ente que é enquanto está referido ao seu próprio ser como à própria possibilidade, isto é, que é enquanto pode ser, significa descobrir que o carácter mais geral e específico do homem, a sua ‘natureza’ ou ‘essência’, é existir. A ‘essência’ do homem é ‘existência’[...]. Algo de existente é, geralmente, entendido como algo de ‘real’, e como já disse, o seu modo de ser é o da *possibilidade*, e não da realidade; o homem não é um existente no sentido da *Vorhandenheit*. Dizer que o homem existe não pode, pois, significar que o homem seja algo ‘dado’, porque aquilo que o homem tem de específico e que o distingue das coisas é justamente o facto de estar referido a possibilidades e, portanto, de não existir como realidade simplesmente presente. O termo existência, no caso do homem, deve entender-se no sentido etimológico de *ex- sistere*, estar fora, ultrapassar a realidade simplesmente presente na direcção da possibilidade (VATTIMO, 1996, p.24-25).

Heidegger se interessa pelo sentido do ser, em que todos entendiam como sendo “isso mesmo”. Se por sorte fosse entendido que a simples presença atribuída ao ser humano ocasionaria a compreensão que o *ser* fosse apenas isso que diziam dele, para Heidegger seria inconsistente e insuficiente, daí a linguagem do filósofo encontrará lugar ultrapassando a realidade construída no caminho da possibilidade. Então, o *ser* do homem consiste em estar diretamente vinculado à possibilidade, no sentido de existir. Como não se constitui uma tarefa fácil entender a partir de Heidegger que o ser humano estaria nesse centro da possibilidade, seu “existir” permitiria conceber o homem como um ente como qualquer outro. É o sentido de existir concreto que as reflexões em Heidegger mostram o quanto é importante entender a questão da existência do ser humano. Mais uma vez se faz necessário distinguir uma coisa de outra, as variações quanto o sentido que “dá nome” à existência do homem de *poder-ser*, dando “voz” à analítica existencial.

O termo alemão para designar ‘existência’ é *Dasein*, literalmente estar-aí. O termo expressa bem o facto de que a existência não se define apenas como ultrapassagem que transcende a realidade dada na direcção da possibilidade,

mas que esta ultrapassagem que transcende a realidade dada na direção da possibilidade de algo, está sempre situado, está aqui. Existência, *Dasein*, ser-no-mundo, são, pois, sinónimos. Os três conceitos indicam o facto de o homem estar ‘situado’ de maneira dinâmica, a saber, no modo de poder ser ou também, como diria Heidegger pouco depois, na forma de ‘projeto’ (VATTIMO, 1996, p 26-27).

Para Vattimo (1996) nada pode ser confundido quanto à questão que se pode pensar sobre a existência do *ser* do homem. Este se mantém, de que, se não existe *Dasein*, também é impossível defender a permanência de um mundo no sentido de existir, e este existir sendo o *ser* mesmo. Há assim uma defesa quanto à compreensão de existência a partir do entendimento de que seja necessário não perder o foco no presente, mostrar, de fato, que o *ser-aí*, na verdade, existe. Vale ressaltar que Heidegger, enquanto questionador e inquiridor com a situação do *ser*, melhor explica essa quanto à existência:

Chamamos de *existência* ao próprio ser com o qual a pre-sença⁴ pode se comportar dessa ou daquela maneira e com a qual ela sempre se comporta de alguma maneira [...]. A questão da existência é um ‘assunto’ ôntico da presença. Para isso não é necessária a transparência teórica da estrutura ontológica da existência. O questionamento dessa estrutura pretende desdobrar e discutir o que constitui a existência. Chamamos de *existencialidade* o conjunto dessas estruturas. A análise da existencialidade não possui o caráter de uma compreensão existenciária e sim de uma compreensão *existencial*. A tarefa de uma analítica existencial da pre-sença já se acha prelineada em sua possibilidade e necessidade na constituição ôntica da pre-sença (HEIDEGGER, 2005, p.39).

O *ser-aí* aparece no sentido próprio do seu existir, com o estar aberto à possibilidade, possibilidade esta para um “ir além”, para o futuro. Não podemos entender este *ser-aí* somente dentro de um presente fixo, pois se assim fosse estaríamos fadados ao nada, e ainda, não poderíamos, por nenhum momento concordar com o posicionamento de Heidegger, na possibilidade de existir, no “vir-a ser”. Essa questão do *ser-aí* personifica um movimento de possibilidade, olhando do ponto de vista de um tempo pensado por Heidegger, que ele mesmo denominou de *Temporalidade (Zeitlichkeit)*, mas que de acordo com a própria noção do tempo, não pertence ao tempo que nós estamos e entendemos, dentro de uma estrutura tradicional. Assim, Seibt (2015) explica da seguinte forma:

⁴ Pre-sença foi traduzido por Marcia Sá Cavalcante Schuback . *Ser e Tempo*. ed. Vozes. 15ª edição, 2005. Contudo, o termo que melhor se adequa ao alemão de Heidegger é *Dasein*. Inwood diz que o “Dasein” é o modo de Heidegger referir-se tanto ao ser humano como a tipo de ser que os seres humanos têm. Vem do verbo *dasein*, que significa “existir” ou “estar aí, estar aqui”[...]. Em seu uso comum no alemão, *Da* é traduzido apropriadamente às vezes por “aí” e outras vezes por “aqui”, a depender do contexto (INWOOD, 2004, p.33-34).

A existência humana só é possível a partir da temporalidade. Não teríamos o ente ser humano se ele não fosse essencialmente constituído pela temporalidade. É fundamental considerar a temporalidade para se compreender o ser humano. O ser-aí acontece no tempo originário, que Heidegger chama de temporalidade. Transcorremos no tempo, com um início e um fim, num processo móvel de existência, de ter-sido, ser e vir-a-ser. [...]. Enquanto ser-aí, diferimos dos outros entes não-ser-aí, na medida em que estes estão imersos e capturados no eterno presente, no curso da natureza, da imanência imediata. Nós, para além disso, existimos, transcendemos a natureza, a compreendemos, introduzimos uma rede de sentidos que se torna uma clareira, dentro da qual nos entendemos, compreendemos os outros entes e nos movimentamos (SEIBT, 2015, p.93).

A temporalidade está ligada diretamente a esta possibilidade que tanto se advoga ao *ser-aí*, tanto se traduz nesse *vir-a-ser*, do *Dasein*. Na busca do tempo originário, conhecer o *ser* a partir do tempo, longe de ser o tempo como medida matemática, diferente de um ente qualquer, limitando o próprio ser humano a uma categoria de um simples ser, ou ser qualquer, contrário a ele mesmo e como precisa ser concebido, envolvido e compreendido. Loparic (2014, p.129) diz que: “Compreender o ser significa ‘relançar’, ‘projetar’, e assim explicitar, a temporalidade do ser. O tempo originário, do qual seriam deriváveis todos os outros, e o do existir humano”.

Na tentativa de compreender o *ser-aí*, Schneider (2005, p.17) dizer que: “O ser-aí humano é desde logo distinguido como ontológico exatamente por sua característica de finitude e temporalidade, o que não mais deve ser entendido como limitação, mas, pelo contrário, como primazia”. Mais tarde, como prova explicativa sobre o ser do homem, Schneider destaca que o *ser-aí* não está à mercê somente da sua subjetividade, como se se estivesse “preso” somente a sua experiência temporal.

Em se tratando de experiência temporal, é importante observar que o ser tem uma temporalidade própria, que a metafísica não reconheceu, apesar de que o tempo sempre foi utilizado para separação das regiões do ser e, assim, implicado com toda a ontologia. O pensamento ocidental percebeu o ser desde os gregos como presença estática do que está presente (SCHNEIDER, 2005, p.21).

A *metafísica* não levou em consideração a temporalidade própria do ser, o que está dentro do próprio contexto ocidental. Não haveria, de nenhum modo, esse “ente ser humano” se ele não fosse constituído por uma temporalidade. É preciso compreender a temporalidade, a fim de entendermos o ser humano. A temporalidade é importante para compreensão do *Ser-aí*.

O relógio tem várias funções, dentre as quais não atentamos para sua dimensão, função e às vezes utilidade. Cada ponteiro determina algo extremamente importante. Mas, estando ligado ao ser humano propõe expressamente certo tipo de controle, levando o homem a exercer várias atitudes. O homem toma decisões, fixar-se em determinado lugar. Controla o horário de dormir e acordar. Contudo, apenas em termos de relacionar um instrumento fabricado pelo homem, com intuito de “controlar” o tempo no mundo, no qual o ser humano é atingido, e como forma metaforizar o tempo em que o ser humano está envolvido, os acontecimentos estão presos ao seu próprio sistema. Seibt (2015) procura explicar sobre a temporalidade e nos leva a acreditar que nós mesmos exercemos certo controle sobre o tempo, com o objetivo de controlar a própria realidade, e mais:

Medindo e controlando o tempo estabelecemos concomitantemente os critérios para o que é ou não real. A abertura para o acontecimento se fecha, somente a realidade, ou seja, o ente é, e nada mais. O tempo matematizado permite-nos, obviamente, um controle seguro sobre os fenômenos do mundo, dos entes, sobretudo se pudermos tornar essa medida cada vez mais precisa, dividindo suas partes em partes menores (hora, minutos, segundo e assim por diante). Esse modelo do tempo matematizado e controlado é o tempo derivado, que perde ou esquece suas raízes. Resta um tempo infinito e controlável.

À medida, porém, que pensamos a realidade a partir do tempo cronometrado, controlado, derivado e objetificador perdemos a acontecencialidade (o acontecer) (SEIBT, 2015, p.99).

Voltemos novamente à questão do *ser*. Chegou o tempo na história que foi necessário pensar de maneira “radical” sobre a questão do *ser*, e parece que Heidegger radicalizou isso. Para ele o *ser* não deveria permanecer no mesmo estado em que se encontrava. Para perguntar sobre determinada coisa, obviamente algo lhe inquietava bastante, e para isso analisava alguma coisa para depois interrogar. O próprio comportamento do homem o impeliu a isso, pensar de maneira mais profunda sobre o *ser*.

O homem é o ponto de partida para a compreensão do *ser*. Na pergunta pelo *ser* do homem, Heidegger dá a entender que isso vai além, e ir além do ente enquanto tal, a fim de recuperá-lo. Mas, ao ultrapassar o ente, o fez entender que isso acontece na essência do *ser-aí*. Heidegger mostra que a ciência moderna não procura uma “verdade” o que de certa maneira prejudicou um conhecimento do *ser* (como realmente é), pois a objetificação e o cálculo faz parte do seu sistema e que atinge o ente. A defesa de Heidegger é de que o ser humano existe em todo o “seu ser”, em sentido completo e pleno, diferente de qualquer outro

ente, e que essa diferença tece a existência do *ser* no ser do próprio homem. Sobre isso explica:

O ente que é ao modo da existência é o homem. Somente o homem existe [...]. A frase: ‘Somente o homem existe’ de nenhum modo significa apenas que o homem é um ente real, e que todos os entes restantes são irrealis e apenas uma aparência ou a representação do homem. A frase: ‘O homem existe’ significa: o homem é aquele ente cujo ser é assinalado pela insistência *ex-sistente* no desvelamento do ser a partir do ser e no ser. A essência existencial do homem é a razão pela qual o homem representa o ente em quanto tal e pode ter consciência do que é representado. Toda consciência pressupõe a existência pensada ekstáticamente como *essentia* do homem, significando então *essentia* aquilo que é o modo de o homem *ser* (West) na medida em que é homem (HEIDEGGER, 1983, p.82- 83).

Ao falar da existência temos a impressão de que algo existe. Heidegger afirma que “o homem existe” e como tal é real. Então, o seu *ser* é marcado por um *ex-sistente*, sem a qual dificilmente confirmaria essa verdade. Essa característica do *ser* é evidente desde sempre como àquele lançado no mundo e que está em contato com todos os outros entes.

Ao buscar apenas essa relação com o ente, será que poderemos tentar outra aproximação, a fim de buscarmos compreender o ser humano e perguntarmos pelo sentido do *ser*? Se este é uma possibilidade e se fosse considerado como um ente qualquer, não comprometeria sua existência? Cabe aqui pensar que “Somos essencialmente possibilidade, embora sempre em uma realidade ou efetividade. Os entes não ser-aí são realidade [...]” (SEIBT, 2015, p.97). Se o *ser* durante muito tempo caiu no esquecimento e Heidegger fez uma tentativa de resgate do *ser*, então, cabe aqui fazer outra tentativa: não perder o *ser* de vista e de não deixa-lo escapar. Buscar conhecê-lo melhor, a fim de saber um pouco mais sobre ele. E assim como Heidegger afirma que o “ser existe” e como *ser-aí* possibilita um ir além de si mesmo.

3. UMA DISCUSSÃO SOBRE A TÉCNICA: O QUE ESTÁ ACONTECENDO HOJE

Por mais que afirmamos os conceitos sobre o *ser* com propriedade, não podemos conhecer o homem em sua totalidade, em sua plenitude e no seu todo. Talvez por isso Inwood (2004, p.23) alegue que o termo *ser* seja contrastante e esse contraste seja com a ciência. “Muitos filósofos, na época de Heidegger e antes dele, especialmente os que alegavam seguir Kant, preocupavam-se com a epistemologia [...] Heidegger era avesso à epistemologia; esta ‘afia continuamente a faca, mas nunca efetua o corte’”.

Como se apresenta o homem ou como ele se encontra no mundo poderia ser também algo que deveria nos incomodar se nos perguntássemos quem realmente somos. Rüdiger (2014, p.11) diz que “Schopenhauer observara que para conduzir o homem a uma situação livre de prejuízos, não basta pô-lo num mundo melhor, precisamos transformá-lo de modo que ele possa ser o que não é”. Mas, será que o homem sabe quem realmente é?

A segunda metade do século XX foi fundamental para que o homem pudesse colocar em prática suas invenções científicas, seus experimentos de laboratório, seus protótipos, suas complexas redes de informações, sobretudo, na área da engenharia, que antes poderia ser considerada como conhecimento defendido pela *industrialização*. Isso foi colocado em prática, principalmente nas duas Grandes Guerras Mundiais. Talvez o homem não tenha atentado para um futuro próximo e como se encontraria a estrutura do mundo ou suas consequências com despojos de guerras e “sobras” de morte. Morin (2000) explica que:

A planetarização provoca, no século XX, duas guerras mundiais, duas crises econômicas mundiais e, após 1989, a generalização da economia liberal denominada mundialização. A economia mundial é cada vez mais um todo interdependente: cada uma de suas partes tornou-se dependente do todo e, reciprocamente, o todo sofre as perturbações e imprevistos que afetam as partes. O planeta encolhe. Foram precisos três anos para que Magellan desse a volta ao mundo por mar (1519-22). Eram necessários ainda 80 dias para que um intrépido viajante do século XIX, utilizando estradas, trem e navegação a vapor, desse a volta ao mundo. No final do século XX, o avião a jato circunda-o em 24 horas. E, principalmente, tudo está instantaneamente presente, de um ponto do planeta ao outro, pela televisão, telefone, fax, Internet (MORIN, 2000, p.67).

Morin apresenta a situação de Planeta após o fim das duas Grandes Guerras Mundiais. Com uma nova configuração e a necessidade de ampliar o conhecimento “o planeta encolhe”. Os projetos humanos são mais audaciosos e o tempo para realizar qualquer tarefa

diminui consideravelmente. Esse encurtamento não só de informações, mas de realizações trouxeram um conhecimento promissor na área da informática e da tecnologia.

A tecnologia aparece na vanguarda, desenvolvendo e aprimorando instrumentos que mais tarde permitirá um conflito “sem tréguas” entre ser humano e mundo. De fato, como diz Kuhn (1998, p.35-36) “A tecnologia desempenhou muitas vezes um papel vital no surgimento de novas ciências, já que os ofícios são uma fonte facilmente acessível de fatos que não poderiam ter sido descobertos casualmente”.

Ao voltarmos à história da humanidade iremos observar que potências mundiais, como por exemplo, a Grécia e o Império Romano, para não citar outras, conquistaram várias outras nações. Para que isso acontecesse foi preciso um “investimento” em táticas de guerras e instrumentos técnicos que durou séculos, e com isso não podemos entender que um suposto “encolhimento” do mundo fosse tão visível. Hoje, o Planeta sofreu um “encurtamento” de fronteiras, o que proporciona meios rápidos de se chegar a qualquer lugar em um curto espaço de tempo.

Com o mundo cada vez mais evoluído quanto às descobertas científicas, vale considerar que tudo um dia viria à tona, os sonhos não se tornariam pesadelos já que os fatos científicos por si só dariam respostas significativas à humanidade. Isso se torna real principalmente, e no momento em que foi possível uma inauguração em escala planetária de grande evolução na Biologia. Para Sibilia (2002) ao falar das informações que potencializaram essa realidade das ciências biológicas, diz que:

Assim, o tão alardeado Projeto Genoma Humano, que contribuiu grandemente para a popularização dos termos e de toda a retórica ligada à biologia molecular e à engenharia genética, apresenta o corpo humano como uma sorte de programa de computador a ser decifrado (SIBILIA, 2002, p. 76).

Sibilia (2002) argumenta que toda essa popularização dos termos ligada à engenharia genética, o corpo humano se assemelharia a um *software* de computador em que qualquer erro na sequência (erro de programação) poderia comprometer tantos os traços como qualquer tipo de doença no ser humano. Contudo, as ciências biológicas, assim como todas as áreas a ela ligadas podem se orgulhar que estão desenvolvendo ou tentando aprimorar ao máximo seus experimentos, a fim de responder e solucionar os problemas da humanidade.

A vida *moderna* entraria em emergência, se valendo de grandes fontes de energias extraídas pelo desejo de querer mais, explorando com todo vigor os recursos naturais para

além das suas necessidades, avançando na tentativa de curar inúmeras doenças que atingem à humanidade. Sibilia (2002) fala da recombinação do código genético como forma de manipulação da vida. “Trata-se da técnica do DNA recombinante, através da qual tornou-se possível alterar o programa genético, manipulando a informação vital para obter diversos resultados (SIBILIA, 2002, p.77). Com toda a evolução nas ciências, pouco foi feito com o objetivo de alcançar uma solução que vem atingindo o ser humano desde a segunda metade do século XX . Morin (2000) esclareceu:

O século XX pareceu dar razão à fórmula atroz segundo a qual a evolução humana é o crescimento do poderio da morte. A morte introduzida pelo século XX não é somente a de dezenas de milhões de mortos das duas guerras mundiais e dos campos de extermínio nazistas e soviéticos; é também a de dois novos poderes de morte (MORIN, 2000, p.70).

Esses dois poderes que Morin atribui à morte são as armas nucleares e a ecologia. A primeira diz respeito ao fato de que a humanidade está preste a ser extinta por bombas atômicas, hoje mais do que nunca evoluídas a um aniquilamento planetário. O segundo mostra a ecologia em constante retrocesso. O desenvolvimento técnico-industrial promove uma degradação na biosfera sem precedentes. O domínio sobre a natureza pela técnica tem levado à humanidade ao alvoroço e mortes em escala global. Além desses, os surtos de morte vêm em forma de vírus e efeitos de drogas, sem contar com as consequências danosas como câncer e depressão. Morin (2000) lembra-nos sobre o progresso da tecnologia, o estado e a morte da civilização ocidental.

A civilização nascida no Ocidente, soltando suas amarras com o passado, acreditava dirigir-se para o futuro de progresso infinito, movido pelos avanços conjuntos da ciência, da razão, da história, da economia, da democracia. Entretanto, aprendemos com Hiroshima que a ciência era ambivalente; vimos a razão retroceder e o delírio staliniano colocar a máscara da razão histórica; vimos que não havia leis da História que guiassem irresistivelmente em direção ao porvir radiante; vimos que em parte alguma o triunfo da democracia estava assegurado em definitivo; vimos que o desenvolvimento industrial podia causar danos à cultura e poluições mortais; vimos que a civilização do bem estar podia gerar ao mesmo tempo mal-estar. Se a modernidade é definida como fé incondicional no progresso, na tecnologia, na ciência, no desenvolvimento econômico, então esta modernidade está morta (MORIN, 2000, p.71-72).

Morin (2000) critica veementemente a civilização ocidental, por acreditar em um progresso promissor. Todo progresso e avanços científicos estavam em declínio. A partir dos

bombardeios em Hiroshima o mundo não se submeteria a qualquer lei (da eternidade simulada pela tecnologia *versus* a técnica que produz a antecipação da morte). Não respeitaria qualquer ordem democrática. O desenvolvimento da indústria técnica colocaria nação contra nação, o que comprometeria o bem estar social e a cultura com um todo, levando à humanidade a experimentar a morte.

Muito precisa ser pensado quanto à técnica na contemporaneidade, mas pouco poderia ser empenhado se Heidegger não tivesse uma preocupação particular por essa questão. Mas, de fato, em que momento da história seria possível combinar os avanços da tecnologia com o pensamento do filósofo? Ou como poderíamos pensar próximo ao pensar de Heidegger a fim de situar os eventos de hoje com o que o filósofo decididamente elaborou no seu estado de meditação? Rüdiger (2014) explica:

Desde bom tempo, verifica-se que a técnica, encarnada primeiro no homem, mas, em seguida, na máquina e agora em redes de maquinismos com que, enredados, formamos um novo mundo, acabou se tornando uma força tracionadora de toda a existência. Pensá-la através de Heidegger significa explorar as hipóteses mais extremas em curso nesse contexto e indagar de onde provém sua hegemonia e valorização, de onde vem seu imperialismo planetário, sem sucumbir em sua propaganda, mas também sem temor humanista e reacionário. Significa procurar onde se origina seu apelo silencioso, fascinante e perturbador aos olhos da humanidade. Em suma, perguntar qual é a essência ou sentido desse poderio, à luz de uma reflexão histórica e filosófica (RÜDIGER, 2014, p.14).

Rüdiger (2014) discute sobre a técnica como fundamento de ascensão e potência que primeiro atingiu o homem, e que logo após incorporou na máquina e que agora em “redes de maquinismo” estabelece uma nova virada no mundo e que se tornou uma força física que alcançou toda a existência humana. Desse modo, o intérprete de Heidegger colabora para pensarmos de que maneira aparece à valorização a esse imperialismo planetário. Mas, se essa dominação da técnica aparece no silêncio, de que maneira a humanidade é fascinada pelo seu apelo?

Durante bom tempo acreditou-se que os avanços tecnológicos pudessem fornecer melhores condições de vida ao ser humano, diminuir seus problemas e traria, sobretudo, uma vida estável e com menos transtornos vitais, conduziria à tranquilidade tão esperada pela humanidade. Com o passar do tempo constatou-se que pouco pôde ser dito dessas especulações, o máximo que foi possível acreditar, sem sombras de dúvida, foram as transformações que atingiram o próprio ser humano, não em sua maneira de pensar como que contribuindo por perguntar por ele mesmo, ou levá-lo a sentir um encontro consigo no mundo,

mas transformá-lo em outras coisas, próximo a *ciborgues*, robôs, máquinas humanas (TADEU, 2013).

Em todos os lugares, ao redor do mundo, a técnica impera, domina e estabelece uma relação interativa com o homem e com o mundo (aqui não estamos pensando do ponto de vista do conflito). Em todos os setores em que o homem habita há de encontrar grandes empreendimentos da técnica. Os métodos, experimentos e resultados fazem parte da era da técnica que não para de avançar. Do começo ao fim das ações humanas, a constituição de estruturas padronizadas é medida e matematicamente utilizáveis e computadas para um destino da técnica. O próprio mundo proporcionou isso, preparou, plantou e, nos tempos de hoje, colhe seus frutos. Morin (2000) é enfático em dizer que:

[...] O século XX produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como em todos os campos da técnica. Ao mesmo tempo, produziu nova cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos, e esta cegueira gerou inúmeros erros e ilusões, a começar por parte dos cientistas, técnicos e especialistas (MORIN, 2000, p. 45).

Podemos pensar no controle conferido pela técnica sobre o ser humano, e sobre seu estilo de vida. Com isso, há de supor que existe um “total controle” da técnica sobre a existência humana e certo grau de comprometimento (do ponto de vista da servidão humana) à tecnologia. Assim, o homem trava uma luta em si mesmo. Daí acontece um “acordo” entre o homem e o mundo ou uma suposta “perda” de mundo pela humanidade na história (RÜDIGER, 2014). Cabe ao ser humano buscar a *origem*, onde tudo começou e qual a intenção de tudo o que acontece nesse universo tecnológico. “Significa procurar onde se origina seu apelo silencioso, fascinante e perturbador aos olhos da humanidade” (RÜDIGER, 2014, p.14). Mas como se apresenta essa relação entre tecnologia e ser humano? Em que momento essa relação se aproxima e se distancia?

Na crença em que nada ou quase nada foge do controle e a realidade da tecnologia no tempo em que vivemos, Heidegger em vários momentos do seu pensamento preocupou-se com o estado que se encontrava o ser humano e qual seu destino no Ocidente, o que inspirou e ao mesmo tempo gerou preocupação para estudiosos dessa questão, principalmente quando perceberam que as ponderações do filósofo alemão estavam de acordo com a realidade em que a humanidade se encontra no presente tempo, e que dificilmente se verá livre dessa realidade. Rüdiger (2014) na intenção de deixar mais claro essa relação entre homem e tecnologia, que em momentos oportunos trouxe luz à mente do ser humano, comenta:

De acordo com o pensador, tecnologia é o título que podemos conferir ao ente em sua totalidade quando é perpassado pela essência da técnica, mas não qualquer uma: trata-se, sobretudo, da essência que, via a técnica, se expõe e se aperfeiçoa como armação de um certo tempo e seu mundo (era atômica, era espacial, era da informação, era da máquina). A tecnologia é formadora de uma época, expressa um modo de ser que abre um mundo, na medida em que é a correspondência entre um processo de posicionamento da realidade e uma forma de interpelação de nossa existência (RÜDIGER, 2014, p.19).

O ser humano dará um passo importante, para além da realidade estabelecida, se atentar para o seu próprio destino. É preciso pensar a técnica se quisermos ter uma relação com ela, foi o que Heidegger sempre acenou para despertar a humanidade para tal realidade. Ainda que consideramos que Heidegger possa ter sido o filósofo da técnica, seu pensamento foi além, o que melhor se enquadra nisso tudo, é que o pensador alemão deve ser visto como pensador da essência da técnica.

Agamben (2017) acredita que o homem é dominado tanto pela técnica como pelos seus utensílios que criou. Contudo, o ser humano exerce certa familiaridade com as coisas técnicas, usa os objetos com maior naturalidade como se tivesse “interagindo” com eles o tempo inteiro. Tudo isso estabelece certa preocupação quanto o estado do ser humano e o seu futuro, pois a técnica é conhecida como um domínio planetário.

Esse domínio da tecnologia que impera em forma de instrumentos está presente em todos os sentidos e em todas as formas. Em pleno século XXI esse domínio se mostra de modo surpreendente. Por exemplo, se diz: “*jogo da tecnologia*”; “*a decisão fica por conta da tecnologia*”; “*a tecnologia é uma forma de justiça*”; “*mais uma vez recorreremos à tecnologia*”⁵.

O que dizer da voz do cantor que precisa utilizar a técnica da voz para alcançar as notas graves ou agudas? Se olharmos de um lado ao outro, perceberemos que tudo se move tecnologicamente, e sem a tecnologia parece que nada funciona. O próprio ser humano tem dificuldade de viver fora de uma realidade tecnológica. O técnico está bem próximo da precisão, do acerto, do correto, do perfeito. O técnico de hoje é o mais solicitado (na saúde, na educação e em qualquer empresa utilizam-se os termos técnicos). Há a técnica do falar, do andar, do comportamento. Técnicos que exercem suas profissões em qualquer espaço e em qualquer horário (dia e noite). Estamos constantemente ocupados com as coisas (e porque

⁵ Foi muito divulgado na Copa do Mundo de 2018 (Rússia) como pronunciamento dos narradores de futebol, reportando ao árbitro de vídeo e/ou árbitro assistente de vídeo.

não dizer as coisas da técnica), o uso do celular demonstra essa realidade. Em todos os setores a presença da técnica é evidente (na *internet*). Estamos para concluir que as coisas se definem tecnologicamente, pois a tecnologia é a expressão da novidade, do descobrimento de coisas novas e modernas (haja a vista os jogos eletrônicos). O homem vive com dispositivos nas mãos, abre portas e tem acesso a tudo. Agora muito mais com a *inteligência artificial* (interação do humano com a máquina).

O olhar do mundo está fixado na técnica, no técnico e na tecnologia, e o homem objetiva viver aprimorando a cada instante o que precisa para tornar o mundo mais acessível e moderno, satisfatório e interessante. Daí se pensar em um domínio do mundo técnico, conduzido por máquinas, em um futuro não muito distante do que vivemos. Quando alguém trabalha utilizando algum instrumento técnico, diz que a pessoa é técnica naquilo que faz, ou quando tem o conhecimento específico afirma-se que acontece a técnica de um especialista. A técnica foi se desenvolvendo, se aprimorando, até chegar o que temos hoje: um mundo quase totalmente dominado pela tecnologia. Rüdiger (2014) explica da seguinte forma:

Quando se fala que há um problema técnico em relação a algo, este, em geral, consiste apenas em proporcionar sua solução, calcular os processos e meios com que se pode eliminá-lo. A resposta esperada consiste em fazer com o que funciona mal, ou mesmo não funcione mais, passe a funcionar o máximo possível, ou seja, substituído por algo mais econômico e funcional, de acordo com o saber disponível do momento (RÜDIGER, 2014, p.23-24).

A técnica tem seus meios para responder os mais diversos problemas que podem aparecer. A busca por um aprimoramento sempre está a todo vapor com o objetivo de alcançar sua perfeição, de acordo com cada etapa e as necessidades do momento. Rüdiger (2014) diz que a partir do momento que o homem apenas olha pela “razão” da sua instrumentalidade da técnica continuará na ilusão de dominá-la. Ainda para Rüdiger (2014) Heidegger atentou com cuidado sobre o futuro da humanidade. O ser humano, em seu caminho, cai nas “amarras” do seu destino, pois não busca um conhecimento profundo sobre a máquina e a técnica. Ao falar dos instrumentos técnicos a partir do entendimento de Heidegger, Rüdiger (2014) diz que:

Em seus primeiros escritos, observara o autor que o homem fabrica utensílios sob a forma de instrumentos, ferramentas e máquinas. A serventia é a essência das várias formas de utensílios, remete ao que está pronto para se usar (instrumentos), manusear (ferramenta), operar (máquina). Os utensílios são fabricados por meio de processos através dos quais eles

conquistam e passam a possuir uma prontidão para o seu uso por parte do homem [...]. Apesar de suas limitações, a técnica artesanal permitia que o homem tivesse um certo conhecimento de si e de seu mundo de acordo com sua medida. Os instrumentos se prestavam à atividade manual, permanecendo extensão ou parte do corpo humano. A tendência das ferramentas a formar sistemas de instrumentos, no entanto, rompeu essa situação. Os sistemas de instrumento evoluíram para a condição de vastos maquinismos (RÜDIGER, 2014, p.25-26).

Antigamente, o ser humano se valia do seu conhecimento para fabricar seus próprios instrumentos, fabricava com suas próprias mãos e tinha um conhecimento prévio do seu fazer. Exercia, sobretudo, seus sentimentos. Seus desejos eram direcionados naquilo que queria construir. No final de tudo seu gozo era evidente e seu esforço era recompensado. Não precisava usar de seu trabalho manual para fabricar em larga escala, com objetivo de suprir as demandas de uma fábrica, uma empresa ou uma indústria. Tomando o artesão que trabalha com as mãos é possível entender que o seu trabalho não tinha a obrigação de um comércio lucrativo. Na contemporaneidade parece que o trabalho artesão pôde ser substituído por outras formas do fazer humano, agora, tendo como ápice, instrumentos mais sofisticados e mais modernos. Rüdiger (2014) diferencia a técnica artesanal e a técnica maquinista.

São ambas manifestações do ser, seus veículos, mas-nessa essência-distintas, porque enquanto aquela promanava da *physis* e tinha um cunho poético, essa, no limite, vai além da sua mera exploração: é uma forma de exploração funcional, senão uma reproposição radical do mundo em sua totalidade. O camponês cuidava e vivia dos frutos nascidos da terra, visando seu crescimento conjunto. O trator, ao invés, provoca e extrai da terra os recursos para serem armazenados e empregados em nossas atividades maquinísticas (RÜDIGER, 2014, p.126).

A tecnologia procura dominar as relações humanas em todas as suas dimensões. O que antes era fabricado para suprir as necessidades, hoje, no mundo tornou-se fonte de exploração de recursos naturais. A técnica, na sua gênese, tinha várias possibilidades, pois era “poética”. Na contemporaneidade o *poético* deu lugar a uma realidade produtiva.

Originariamente poética, a técnica, necessariamente ocidental, no começo comportava várias possibilidades, carecia de conceito, para empregar a linguagem [...]. O progresso técnico deslanchado com a era moderna pode ser definidor dessa era, mas não todas, nem teve em outras a mesma direção que vem revelando na modernidade (RÜDIGER, 2014, p.58).

Nesse *tecnologismo* descontrolado, o homem e o seu futuro podem estar comprometidos. As ciências, detentora da “verdade” usa do seu “protagonismo” para seguir avante, de encontro aos seus eventos sofisticados e finalizados. Assim, toma o lugar do homem, que está em um contato direto com os meios tecnológicos. Com isso, o homem ficou para segundo plano. A partir das ideias de *Karl Jaspers*, Rüdiger (2014, p.70) diz que: “A técnica está se tornando uma força impetuosa e independente, em cujas malhas, cada vez mais extensas e poderosas, o homem caiu sem saber como aconteceu”. Ainda fortalece que a técnica mesmo sendo o que é como se apresenta na modernidade, pomposa e poderosa “fugiu do controle do homem”. Loparic (1996) ao se remeter as ideias de *Karl Jaspers*, em *O abandono do ser* diz que:

A técnica trata o ente no seu todo como objeto de consumo (*Vernutzung*). O consumo do ente visa a instrumentação (*Rüstung*), no sentido metafísico pela qual o homem se torna o “senhor” dos “elementos”. As guerras são apenas consequências da instrumentação. Elas tendem a garantir uma determinada forma de desgaste (*Vernutzung*) das coisas. Nesse processo está envolvido também o homem, a título de “matéria prima” mais importante. As guerras mundiais são a forma inicial de eliminação da diferença entre a guerra e a paz, eliminação que se tornou necessária desde que o mundo tornou-se invisível (*Unwelt*). Estamos nos aproximando de um estado em que a destruição da guerra não é mais experienciada com tal e a paz perdeu seu sentido e conteúdo (LOPARIC, 1996, p.14).

Na contemporaneidade, o ser humano está envolvido de todos os lados pelo mecanismo da técnica, e como é sabido, sem esse tempo (era da tecnologia) fica difícil nos encontrarmos no mundo, pois estamos em uma constante relação com a tecnologia. O homem tem o direito de escolher o que bem entender, e quando isso acontece melhor escolher o caminho mais acessível. O caminho da técnica é o mais acessado, ao mesmo tempo mais acessível. A técnica estabelece que tudo deve ser imediato e esse imediatismo proporciona um bem-estar ao homem. Assim, o caminho do ser humano é tomado pelo desejo e comprometimento com a técnica.

A técnica oferece à humanidade um conjunto de ferramentas construídas e executada pela sociedade na contemporaneidade. Permite entre outras coisas, desenvolver uma relação de tecnologia e natureza, natureza e mundo, mundo e humano. Todavia, a técnica vinculada a esse momento de predomínio vigente, faz do homem “um homem científico”, daí entender que exista certo “empobrecimento do pensamento do homem” em pleno desenvolvimento da tecnologia. O que poderia ser apenas um “acessório”, tornou-se, sobremaneira fonte de preocupação. A técnica aparece como uma estrutura de dominação, no qual o ser humano é o

mais afetado. Isso porque o ser humano sempre buscou controlar de certa forma todas as coisas, mas parece que no tempo da técnica os papéis se inverteram. Se durante muito tempo a humanidade foi considerada *industrial*, agora é vista como tecnológica.

3.1 Técnica em Heidegger: a técnica e a essência da técnica

É consenso de todo estudioso em Heidegger perceber que o filósofo alemão foi além do seu tempo. Rompeu de certa forma com o diálogo da *Metafísica* e proporcionou ao campo do pensamento contemporâneo uma aproximação com o *ser* que durante muito tempo foi esquecido pela *filosofia metafísica*. Em *Sein und Zeit (Ser e Tempo)*, é o início, podemos assim dizer, do pensamento de Heidegger refletindo sobre a existência do homem. Heidegger (2005, p.29) diz que o conceito de *ser* é “indefinível”. Talvez por isso não houve uma preocupação particular para des-encobrir o “ser” e por isso caiu no esquecimento.

O pensamento filosófico de Heidegger fez com que, posterior a *Ser Tempo* (1927) iniciasse a discussão sobre *A Questão da Técnica* (1953), em que a técnica vem se estruturando enquanto domínio *controlador e planificador*, no qual o ser humano nesse caminhar no mundo, também se submete a esse domínio. É sobre essa questão que Heidegger reflete sobre a essência da técnica, a fim de explicar que o que está no mundo, controlando e planificando, não tem nada de técnico. Heidegger (2012, p.11) diz que “A técnica não é igual à essência da técnica”.

Desde o início da humanidade, mas principalmente a partir dos gregos a técnica precisa ser encarada com algo importante, desde que o próprio homem venha dar a devida importância a ela. Para que não haja nenhuma confusão no que diz respeito à compreensão do que possa ser a técnica, Heidegger se propôs trazer à luz o termo a partir do grego, a fim de transcrever seu real significado. O filósofo alemão explica da seguinte maneira:

O termo ‘técnica’ deriva do grego *technikon*. Isto designa o que pertence à *technè*. Este termo tem, desde o começo da língua grega, a mesma significação que *epistemè*- quer dizer: vela sobre uma coisa, compreendê-la. *Technè* quer dizer: conhecer-se em qualquer coisa, mais precisamente no fato de produzir qualquer coisa. Mas para apreender verdadeiramente a *technè* pensada à maneira grega bem como para compreender convenientemente a técnica posterior ou moderna, isso depende de que pensemos o termo grego no seu sentido grego, e de que evitemos projetar sobre este termo representações posteriores ou atuais. *Technè*: conhecer-se no ato de produzir (HEIDEGGER, 1995, p.21).

Com o objetivo de não criar outro termo diferente do original, Heidegger procura compreender a técnica pela etimologia do termo grego para não ter que usar outro termo desnecessário. O cuidado de Heidegger é pela língua original, a fim de não ocultar qualquer termo que venha esclarecer o conceito sobre a técnica. Compreender a técnica, nada mais é que observá-la, em seu sentido mais adequado e pleno, pois velar sobre algo é estar em total observação e sem declínio (nem para direita e nem para esquerda), mas está em prontidão e olhar fixo sobre algo de grande importância. Esta importância proporcionou ao filósofo germânico considerar o sentido da técnica, a fim de evitar dúvida quanto à origem de conceitos. Mais uma vez Heidegger conceitua a técnica:

Para falar de maneira elíptica e sucinta: *technè* não é um conceito do fazer, mas um conceito do saber. *Technè* e também técnica querem dizer que qualquer coisa está posta (*gestellt*) no manifesto, acessível e disponível, e é dada enquanto presente à sua posição (Stand). Ora, na medida em que reina na técnica o princípio do saber, ela fornece a partir de si própria a possibilidade e a exigência de uma formação particular do seu próprio saber ao mesmo tempo que se apresenta e se desenvolve uma ciência que lhe corresponde (HEIDEGGER, 1995, p.22).

Na concepção grega, a *téchne* constitui uma forma de saber, e como se desenrola, é algo sempre presente e nada foge a essa compreensão. Por isso, os intérpretes de Heidegger como Loparic (1996) considera que desde os gregos, Heidegger explica que a “*téchne*” incide em um sentido tanto para a compreensão do artesanato como para a arte, contudo, ao mesmo tempo, seu sentido não é nenhum e nem outro.

Os gregos, diz Heidegger, usavam a palavra “*téchne*” tanto para o artesanato como para a arte. Mas, essa palavra não significa propriamente “nem o artesanato, nem a arte, nem, por certo, a técnica no sentido de hoje”. Não se trata nem mesmo de “um modo de performance prática em geral”. A palavra significa antes “um modo do saber”, no sentido de “recepção do presente como tal/ na sua presença/” (1954, p. 47), isto é, de “desocultamento do ente” na verdade.

Nessa interpretação, a *téchne* não pode ser usada para interpretar o “manuseio ocupado” de Ser e tempo. O desocultamento do ente na sua verdade, pensando na *téchne* pelos gregos, nunca é uma atividade do homem, mas um produzir “que deixa de antemão que o ente chegue à presença de acordo com o seu aspecto”, em meio ao ente “que surge autógeno, da *phýsis*” (p. 48). O fazer do artista não se compreende a partir da atividade artesanal, mas a partir da *téchne* como *phýsis*, como produzir que faz aparecer (LOPARIC, 1996, p.11).

Heidegger não se preocuparia com a questão da técnica, seus significados e resultados, senão fosse uma questão que atingisse diretamente o ser humano. A técnica tem sua serventia, e assim não podemos perder de vista à realidade construída por ela, assim como seus empreendimentos e objetivos. Todavia, mais que isso, é preciso entender como se desenvolve a *essência da técnica*, a fim de compreender o que é técnico.

Não se trata de assistir a tudo com pessimismo, de modo nenhum, mas perceber que tudo indica que em um futuro próximo a realidade do mundo pode estar comprometida e o futuro do homem em um profundo perigo. Loparic (2005) diz o seguinte:

No artigo “Gelassenheit” (Serenidade) (1955), Heidegger retoma o tema da fabricação dos humanos. Em um encontro recente dos ganhadores do Prêmio Nobel realizado em Lindau, cidade situada beira do lago de Konstanz, escreve ele, o químico americano Stanley declarou: ‘Está próxima a hora em que a substância viva será entregue na mão dos químicos, que poderão desfazer, refazer e modificar essa substância como quiserem’ (1959a, p. 22). Aqui teríamos, entende Heidegger, o anúncio de *ataque total* contra a vida e a essência do ser humano, pior que a explosão de uma bomba de hidrogênio. Mesmo se bombas desse tipo não explodirem, continuará, em virtude dos resultados da pesquisa genética, a mais radical e impensável modificação do mundo humano. Inúmeras vezes Heidegger enfatizará que se trata aqui de um perigo extremo que consiste – dirá em 1963, numa conversa com um monge budista tailandês – na possibilidade ‘de o homem ser totalmente entregue à técnica e de ser transformado, um dia, numa máquina pilotada’ (LOPARIC, 2005, p.405-406).

As conferências de Heidegger mostraram o quanto o filósofo alemão preocupa-se com estado do ser humano e o mundo habitado por ele. Deu a entender, sobretudo, que até mesmo entre os cientistas havia uma preocupação com a vida humana, podendo haver um “ataque total” à essência humana, e ainda, uma possibilidade de um dia o homem ser entregue totalmente ao domínio tecnológico e que no futuro pudesse ser controlado. A preocupação de Heidegger estava baseada não apenas na utilização de bombas de hidrogênio, que a exemplo das duas Grandes Guerras Mundiais dizimaram a Europa do século XX, mas consistia nos resultados das pesquisas genéticas que poderiam modificar o mundo do ser humano.

Em suas conferências, Heidegger sempre procurou elucidar as questões mais intrigantes e pouco pensadas pela maioria dos seus contemporâneos, o que o manteve no patamar de um pensador diferenciado e comprometido com o seu pensamento. Em a *Língua de Tradição e Língua Técnica*, o filósofo quis trazer à tona alguns conceitos da técnica, no intuito de melhor esclarecer o termo. Considerou que alguns deles não seriam necessários, ou mesmo não levaria em consideração, mas não negou sua importância e como aparecia,

embora confirmasse, se alguém considerasse que a técnica conhecida hoje fosse apenas um entendimento das máquinas industriais, tal caracterização já estaria ao passo da inexatidão. No entanto, a técnica poderia ir a várias direções, desde o conjunto de máquinas tendo os objetos em funcionamento até chegar a um conjunto de produção e desenvolvimento humano responsável por sua instalação. Heidegger elencou cinco teses que considerou como normativas, ainda que no final de tudo deixasse em questão se as mesmas alcançariam a caracterização da técnica moderna:

A técnica moderna é um meio inventado e produzido pelos homens, isto é, um instrumento de realização de fins industriais, no sentido mais lato, propostos pelo homem.

A técnica moderna é, enquanto instrumento em questão, a aplicação prática da ciência moderna da natureza.

A técnica industrial fundada sobre a ciência moderna é um domínio particular no interior da civilização moderna.

A técnica moderna é a continuação progressiva, gradualmente aperfeiçoada, da velha técnica artesanal segundo as possibilidades fornecidas pela civilização moderna.

A técnica moderna exige, enquanto instrumento humano assim definido, ser igualmente colocada sob o controle-e que o homem se assegure do domínio sobre ela assim como da sua própria fabricação (HEIDEGGER, 1995, p.15-16).

Com o alcance que a técnica tem hoje, não podemos negar que as cinco “teses” de Heidegger não tenham fundamento, como ele mesmo quis dá a entender. Elas são definidas como fatos que asseguram a legitimidade de uma particularidade dirigida no tempo em que vivemos. O intuito é que o homem esteja consciente de que a técnica esteja sobre controle e que o próprio homem assegure o domínio desse controle. Indica que ao fazer algo, nunca poderá ser considerada uma atividade sem sentido. Por isso, constitui uma maneira de conhecer, para após entender o fazer. Araujo (2014) explica:

Em *Die Frage nach der Technik*, o pensador alemão apresenta a seguinte consideração no tocante ao sentido da palavra *τέχνη*: “primeiro de tudo, *τέχνη* não constitui apenas a palavra do fazer na habilidade artesanal, mas também do fazer na grande arte e das belas-artes. A *τέχνη* pertence à produção, a *ποίησις*, é, portanto, algo poético.” Noutros termos, podemos dizer que, para Heidegger, a *τέχνη* seria uma forma de pensar, é o próprio processo de instauração do ocasionamento desencobridor que torna possível o ser-presente e a produção. Portanto, a *τέχνη* como algo poético é mais originária que o pensamento operativo da metafísica produtivista e, por isso, a *τέχνη* não comporia a atividade que intervém sobre o modo de desencobrimento dos entes, mas o saber sobre a forma como eles acontecem na medida em que a *ποίησις*, ou o poetar, é o próprio processo de instauração da verdade do ente como tal (ARAUJO, 2014, p.189-190).

Segundo Araujo (2014) Heidegger tem em mente a ideia de que a técnica é algo a mais das habilidades de um artesão (embora não descarte isso), mas para, além disso, a técnica está mais para a produção poética e mais originária que o pensamento da operação da metafísica (cálculo-planificador).

A técnica não é algo dado ou oferecido sem nenhuma pompa. É o *des-encobrimento* de algo, trazendo à luz para que seja visto seu sentido verdadeiro. É a verdade poética pertencente ao movimento de quem a desenvolve. É algo mais (nesse poético) que vai além da simplicidade que acontece na metafísica do produzir.

Na contemporaneidade, a técnica embora venha emanada de nós, não significa que temos total domínio sobre ela. O homem acredita que pode sobrepor-se a era da técnica estabelecida. Para Rüdiger (2014, p.37) “Em essência, a técnica o conhecimento operatório, em ato: é uma forma de saber. O problema consiste em determinar sua origem e seu sentido como força formadora de mundo”. Já Vattimo (1996, p.15) diz o seguinte: “Escutar o apelo da essência da técnica, todavia, não significa tampouco abandonar-se sem reservas às suas leis e a seus jogos; por isso, creio eu, Heidegger insiste em dizer que a técnica não é algo técnico, e é a essa essência que devemos estar atentos”. Werle (2011) explica que:

Heidegger afirma no início do ensaio sobre a técnica que ‘a técnica não é nada de técnico’ e distingue a técnica da essência da técnica. Uma coisa é pensar a técnica tal como mostra imediatamente aos nossos olhos, segundo a relação instrumental como um meio para fins, outra coisa é pensar a técnica pelo modo como ela se apresentou segundo a sua essência histórica, enquanto atitude decidida antes mesmo que a técnica se revelasse na existência. A palavra essência é então tomada segundo o verbo *wesen* e a pergunta pela essência da técnica é a pergunta pelo modo de se apresentar ou de se essencializar da técnica em seu rasgo fundamental (WERLE, 2011, p. 20).

A técnica não ganha esse termo somente porque intercala instrumentos que são vistos, palpáveis e que fazem parte de determinada época, mas porque o homem aparece com suas possibilidades. Se considerar que a técnica está em todos os lugares e que faz parte do cotidiano do homem, então não se pode negar sua atuação, desdobramentos, domínio e controle no espaço que circula todas as atitudes humanas. Na mesma ordem em que entende Vattimo (1996) e Werle (2011), Araujo (2014) considera a mesma causa, no que diz respeito à essência da técnica, pois defende que vivemos impregnados na era da técnica.

A essência da técnica não é nada de técnico, quer dizer, nossa época não é técnica porque existem máquinas a vapor e posteriormente motores de explosão, mas, ao contrário: se há tais coisas é porque a época é técnica. Isso a que chamamos técnica moderna não é só uma ferramenta, um meio em contraposição ao qual o homem atual pudesse ser senhor ou escravo; não só determina os meios de transporte, a distribuição de alimentos e a indústria do ócio, mas toda atitude do homem em suas possibilidades, isto é, cunha previamente suas capacidades de equipamento. Por isso, a técnica somente é dominada ali onde, entrando previamente nela e sem reservas, se diz um sim incondicionado (ARAUJO, 2014, p.236).

Se a partir de Heidegger a essência da técnica não se constitui em algo que não seja técnico, isso equivale dizer que a *armação*, como princípio de existência, e posteriormente o esquecimento do ser humano, configura-se no ideário de uma vida humana “ordenada, uniforme, calculável e automática” (SILVA, 2012, p.93). Este intérprete de Heidegger, incumbido de explicar sobre a técnica em seu trabalho, continua em seu empenho, e posiciona-se da seguinte forma:

Com o processo da armação técnica ocorre uma radicalização da falta de distância entre o mundo e o ser humano, a perda de mundo por parte de uma humanidade cada vez menos histórica. A técnica sugere que tudo é imediato: é assim que tudo mais e mais aparece (SILVA, 2012, p. 94).

Quando Heidegger sugere a temporalidade sugere o ser humano no caminho histórico, dando a devida importância a seu legado como *ser* que é e como aparece. Nesse percurso entende que a técnica, com o seu dinamismo, oferece ferramentas essenciais ao “desaparecimento” do ser humano, levando a alguns intérpretes de Heidegger considerar o ser humano como desumanizado. É o caso de Vattimo (2002):

Em Heidegger, de fato, a crise do humanismo, enquanto ligada à culminância da metafísica e a seu fim, relaciona-se de maneira não acidental à técnica moderna. Ora, é justamente em conexão com a técnica que quase sempre se fala, hoje, de crise do humanismo. A técnica aparece como a causa de um processo geral de desumanização, que compreende os ideais seja do obscurantismo humanistas da cultura em favor de uma formação do homem centrada nas ciências e nas habilidades produtivas racionalmente dirigidas [...]. Se a crise do humanismo está seguramente ligada, na experiência do pensamento do século XX, ao crescimento do mundo técnico e da sociedade racionalizada, esse vínculo nas diversas interpretações que dele são dadas constitui também uma linha de demarcação entre concepções profundamente diferentes do significado dessa crise (VATTIMO, 2002, p. 20- 22).

A crise do humanismo do século XX ultrapassou a fronteira do tempo, devido à conexão com a técnica, no qual toda a formação humana tem como base as ciências e nas habilidades da produção que se submeteu o homem. No século XXI tanto uma técnica como propriamente uma tecnologia nos tempos de hoje, determina o centro que o homem se encontra no mundo. Há de fato uma suposta imposição da técnica sobre o homem. Por isso, Vattimo (2002) acha importante considerar a sua essência:

[...] Heidegger insiste sempre que é necessário pensar a *essência* da técnica e que essa essência não é, por sua vez, uma coisa técnica. A saída do humanismo e da metafísica não é uma superação, é uma *Verwindung*; a subjetividade não é uma coisa que se deixa simplesmente para trás, como um traje que se deixa de usar. Se, por um lado, Heidegger fornece as condições teóricas para eliminar qualquer visão demoníaca da técnica e da racionalização social e para apreender os elementos de destino que nos falam a parti dela, por outro reconduz a técnica ao sulco da metafísica e da tradição que nos liga a ela (VATTIMO, 2002, p.36).

Vattimo (2002) confirma o que Heidegger se propôs explicar. A técnica não poderia ser vista como algo demoníaco e que o ser humano venha a negar sua existência e afastar-se da sua realidade. Contudo, enfatiza em dizer que a *essência da técnica* não deve misturar-se com o que é técnico. A técnica necessita ser apresentada, desde que não se negue primeiro à sua essência.

Rüdiger (2014) entende que Heidegger acredita que a tecnologia é título dado a um ente em sua totalidade, cuja essência da técnica é exposta como uma armação de um tempo (de um atomismo, de uma espacialidade, de uma informação e de um maquinismo). Assim, a tecnologia é responsável por essa *armação*, correspondente a uma determinada época, que por sua vez “expressa um modo de ser”. Assim, o pensamento meditativo perde seu lugar, já que prevalece o calculismo e o homem *sistematiza sua existência*.

Heidegger, ao falar sobre a *armação*, defende que exista um “ordenamento”. A produção, por sua vez, não se constitui uma causa em si mesma, mas sim um ciclo produtivo e um consumo progressivo. Com a *armação* os recursos naturais são transformados em produtos fundamentais e essenciais às necessidades humanas. Tanto a natureza como o homem, em si, passa pelo calculismo, padronização, informação e planejamento sistematizado.

A armação (*Ge-stell*) provoca um processo de posicionamento do ser, de certa forma isso colabora para a tecnologia contemporânea. Assim, na *armação* há de se encontrar, entre outras coisas, a própria *destruição do ser humano*. Há uma armação da essência humana, visto

que o ser humano é condicionado a um *maquinismo* que resulta no trabalho, no consumo e na autossatisfação. Na era tecnologia o ser humano pode ser conduzido a uma simples reserva de exploração. Com isso o ser humano caiu no esquecimento que o enraíza. Explica Rüdiger (2014) que:

A caracterização essencial da técnica moderna se encontra, portanto, em algo que não é técnico: reside na sua armação como novo princípio de existência, no correlato esquecimento de seu enraizamento em nossa condição, na progressiva maquinização dos entes em geral, num evento radical e misterioso, que termina por nos prescrever uma existência cada vez mais ordenada, uniforme, calculável e automática (RÜDIGER, 2014, p.31).

O mundo de posse da *armação* torna-se um mundo possível que se enquadra na recriação da artificialidade, ao mesmo tempo em que se fixa no mundo da presença metafísica. O que dá a entender que o mundo passa na mediação como simples objeto em que o homem é atingido. RÜDIGER (2014, p.38) diz que: “O próprio homem foi ganho pela técnica, tornou-se, com o tempo, seu objeto [...]”. Então, o entendimento que se tem é que nesse processo o ser humano estar envolvido terminantemente. Werle (2011, p.20) afirma que “A *Ge-stell* surge como expressão da atitude organizacional, volitiva e de coação da *Vorstellung*, ou seja, como a manifestação da representação como vontade no domínio da ciência e da vida”. Com isso considera que a armação pode ser efetivada quando caminha ao avanço da organização do mundo.

É importante encaminhar o sentido dessa expressão *Ge-stell*. Para Rüdiger (2014, p. 129): “[...] a técnica moderna é em sua essência, ocorre, sim, através da atividade humana [...]”. O que nos leva a crer que o ser humano não esteja desassociado desse processo que o envolve. Ainda para Rüdiger (2014, p.129) “O homem elabora o conhecimento e explora o real com os meios técnicos, mas não é ele o senhor do processo, visto que ele não o controla, antes é chamado a servir esse processo pela armação”. Heidegger em *A Questão da Técnica* (2012) traz luz ao termo e seu significado.

Com-posição, “*Gestell*”, significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, como dis-ponibilidade. Com-posição (*Gestefn*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna mas que, em si mesmo, não é nada técnico. Pertence ao técnico tudo o que conhecemos do conjunto de placas, hastes, armações e que são partes integrantes de uma montagem. Ora, montagem integra, com todas as suas partes, o âmbito do trabalho técnico. Este sempre responde à exploração da com-posição, embora jamais constitua ou produza a com-posição [...]. Na com-posição, dá-se com propriedade

aquele desencobramento em cuja consonância o trabalho da técnica moderna des-encobre o real, como dis-ponibilidade. Por isso a técnica não se reduz apenas a uma atividade humana e muito menos a um simples meio desta atividade (HEIDEGGER,2012, p.24)

Em *A Questão da Técnica*, Heidegger mostra o “des-encobrir” o sentido da essência da técnica. O termo *Gestell* nada mais é que a era da técnica de *des-encobrimento*, assim como nada é técnico, visto que a própria *armação*⁶ ultrapassa todos os limites da exploração do técnico ou tecnológico. No *des-encobrimento do real*, a partir da técnica moderna, acontece o domínio da técnica, que por sua vez, favorece a totalidade com *dis-ponibilidade*. Por isso, o entendimento que vem da técnica não se reduz a uma mera atividade do homem, pois projeta algo para além do humano. Rüdiger (2014) relembra o termo que Heidegger cunha e que no presente é fortalecido como princípio unificador e potencializador.

A armação é, portanto, a reunião de todas as formas de posicionamento do ente em termos sistêmicos e funcionais; nosso chamamento para a exploração de tudo o que existe em termos operatórios e, virtualmente, automáticos; a redução do mundo à reserva de recursos passível de emprego em novas jogadas, cujo único sentido reconhecível é promover e potencializar o poder desse jogo cada vez mais anônimo e coletivo sobre a existência (RÜDIGER, 2014, p.128).

No momento atual o mundo estaria a um passo de conviver com as mais terríveis causas da “desumanização do ser humano”. Na era da técnica, o ser humano é, sobretudo, afetado pela *armação* e o mundo é potencialmente atingido em todos os setores. O ser humano pode até explorar o que é real, mas jamais pode se considerar senhor desse processo. Se o percurso da técnica precisa ser dominado, logo o homem deveria assim o fazer. Mas, quanto aos gritos e alarmes mais altissonantes que possam aparecer “O silêncio traduz muito mais o facto de que face à reivindicação do poder pela técnica o homem se vê reduzido à perplexidade e à impotência [...]” (HEIDEGGER, 1995, p.28). Heidegger, ainda comenta sobre a *essência da técnica moderna* ao dizer que:

A essência da técnica moderna põe o homem a caminho do desencobramento que sempre conduz o real, de maneira mais ou menos perceptível, à dis-ponibilidade. Pôr a caminho significa: destinar. Por isso, denominamos de

⁶ O termo *Gestell* é traduzido como *armação* por Marco Aurélio Werle. Martin Heidegger: *A questão da técnica*. Scietle studia, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007. Francisco Rüdiger utiliza o mesmo termo em Martin Heidegger e a questão da técnica: *prospectos acerca do futuro do homem*. ed. Sulinas, 2014.

destino a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desencobrimento (HEIDEGGER, 2012, p.27).

Heidegger não utiliza o termo “escolha” considerando que seja preciso escolher um caminho pronto e de sentido certo, mas *destino* como motriz desencadeador da força, alinhando o homem em um caminho de des-encobrimento. Este des-encobrimento traz à tona a busca por um estado livre e não tornar-se um escravo nesse destino. Ainda para Heidegger (2012) uma das questões que alarde o destino está na própria *Gestell* (pois se constitui em um perigo extremo), que ao trancar o homem em um sistema de dis-posição, por sua vez, contribui para que o perigo afete o homem na perda de sua essência como homem e *ser* livre.

Jamais poderemos entender o que é técnico senão buscarmos o valor de um relacionamento com a essência da técnica. A neutralidade do homem em relação à técnica não o favorece e nem o fortalece nesse processo de des-cobrimento. O perigo também está presente tanto em uma afirmação da técnica como em sua negação. Quando se busca a essência de alguma coisa, nunca pode ser aquilo que vemos de imediato, mas olharmos além com o objetivo de achar o que procuramos.

3.2 Entre a técnica e a serenidade: o ser humano e a era da técnica

Heidegger com sua filosofia do pensar discute a técnica oferecendo ferramentas essenciais para que aconteça um olhar apurado no presente tempo sobre essa questão no mundo. Cunhada pelas ciências, a tecnologia compreende, entre muitas coisas, a supervalorização da técnica atual, dentro de uma perspectiva científica. Com isso, o ser humano segue um percurso totalmente determinado, cujo destino é atraído tecnologicamente. Este acontecimento só aparece porque “A ameaça, que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem” (HEIDEGGER, 2012, p.30).

A crítica de Heidegger está atrelada ao próprio comportamento humano, pois o homem na contemporaneidade traduz-se em um “homem científico”, vinculado ao maquínico, impelido por operações matemáticas, por mecanismos que controlam seu tempo, sua razão, sua maneira de agir, persuadido por invenções que tratam da objetividade que o homem tem assumido, em uma constante e ilusória satisfação que contribui para que o homem venha deixar de existir como um ser que pensa, negando sua própria essência como um *ser no*

mundo, e ainda, traz à tona as dificuldades que o ser humano tem enfrentado e o perigo que a era da tecnologia denuncia. Isto colabora para o posicionamento de Prado (2011):

Na modernidade, a falta de sentido parece ser um traço e uma preocupação constante e instigante para a existência humana. A consciência profundamente radicada no cerne da consciência moderna de que a modernidade [a era da técnica] é a era do progresso deixa a impressão de que o homem pode, facilmente, manipulá-la. Mas, o que se percebe é o contrário: o homem é manipulado por aquilo que cada vez mais tenta controlar (PRADO, 2011, p.113).

O que se quer discutir neste momento é o impacto que vem se propagando a partir da técnica na contemporaneidade, na vida cotidiana, e como isso tem transformado a maneira de agir e pensar do ser humano. Segundo Possamai (2010, p.630) “Heidegger nos ajuda a esclarecer com que estamos comprometidos na era da técnica maquinística e os desafios que devemos enfrentar e vencer, se quisermos estabelecer uma nova relação com esse fenômeno”.

O ser humano está se constituindo na contemporaneidade por inúmeras informações, dando respostas a um mundo globalizado, encabeçada pelas ciências e suas novas descobertas, assim como as transformações anunciadas pelas representações virtuais de objetos e principalmente como o homem vem lidando com essas transformações. Na questão que alude à técnica na contemporaneidade e como seria possível controlá-la, a fim de que fosse possível, a partir dela, absorver coisas boas para que o ser humano pudesse de alguma maneira subsistir, Prado (2011, p.112) diz que: “Nesse sentido, a tecnologia, na modernidade, tornou-se a tal ponto indispensável que não conhecemos mais a possibilidade os mecanismos de controle etc”. De certa maneira, a tecnologia tem controlado o tempo e ao mesmo tempo controlado o homem, que deveria, ao menos, ser o senhor do tempo. De sorte que o homem se viu perplexo e impotente frente a sua própria passividade quanto aos instrumentos e dominação da técnica. Ainda para Prado (2011):

A técnica nos tempos modernos define uma época, porque não é um simples meio do homem se tornar sujeito da história. Ao invés disso, é um modo pré-decidiado de interpretação do mundo, que determina não apenas os meios de transporte, o fornecimento de alimentos e a indústria de lazer, mas, em suas possibilidades próprias, todas as atitudes do homem (PRADO, 2011, p.113-114).

Acima de uma simples descoberta, a técnica para Heidegger é a forma da constituição do pensamento humano. O avanço científico-tecnológico domina as ações do ser

humano na sociedade e projeta um sentido de avanço para o futuro, levando em consideração a relação de existência do homem na contemporaneidade.

A técnica na contemporaneidade, por exemplo, impelida pelas ciências, faz o homem acreditar que vive em um mundo de certezas e um caminho de verdades. O homem caminha a passos largos acreditando que está na direção do brilho e da luz. Com isso, mais uma vez entra em choque a questão da existência do homem em relação à técnica. Segundo Rüdiger (2014, p. 45) “A pergunta pelo ser tende a se reduzir à procura pela técnica. A técnica se torna o caminho através do qual o homem pode alcançar por si mesmo a certeza no conhecimento e se assegurar de que tem a verdade”. Todavia, isso não é bem assim. Existe algum caminho bom ou quem sabe uma solução para o homem diante do perigo que o rodeia?

Em *A Questão da técnica* (2012), Heidegger elabora uma solução mesmo diante de um *perigo*. A poesia de Hölderlin é um imperativo essencial para que venha aparecer o brilho da luz que tanto se espera. O termo “salvar” que Heidegger utiliza do poeta, vai muito além de um retirar ou puxar com força ou violência diante de um perigo ou destruição:

"Salvar" diz chegar à essência, a fim de fazê-la aparecer em seu próprio brilho. Se a essência da técnica, a com-posição, constitui o perigo extremo e se também e verdadeira a palavra de Hölderlin, então o domínio da com-posição não se poderá exaurir simplesmente porque ela de-põe a fulguração de todo desencobrimento, não poderá deturpar todo o brilho da verdade. Ao invés, a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que salva. Neste caso, uma percepção profunda o bastante do que é a com-posição, enquanto destino do desencobrimento, não poderia fazer brilhar o poder salvador em sua emergência?

Em que medida a força salvadora também cresce onde mora o perigo? Onde algo cresce, é lá que ele deita raízes, é de lá que medra prospera. Ambas as coisas se dão escondidas, em silêncio e no seu tempo. Segundo a palavra do poeta, porém, não nos é permitido esperar que, no perigo, se possa apanhar a força salvadora, imediatamente e sem preparação. Por isso é que temos de pensar agora na medida em que, no perigo extremo, isto é, na regência da com-posição: a força salvadora se enraíza até, o mais profundamente possível, e lá que ela medra e prospera. Para pensá-lo, torna-se mister olhar, com um olhar mais vivo ainda, o perigo, num último e derradeiro passo de nossa caminhada. Assim devemos questionar, mais uma vez, a essência da técnica. Pois, em sua essência, deita raízes e prospera, como se disse, a força salvadora (HEIDEGGER, 2012, p.31).

Ainda que exista uma manifestação do perigo é possível acontecer à salvação. Se a técnica está nessa presença e enraizada no mundo, então não podemos demonizá-la ou acreditar que ela pode colocar tudo a perder e que a partir daí nenhuma solução podemos esperar. Se a técnica se instala no mundo e cria suas raízes e se ela causa algum tipo de mal, é

aí que devemos fixar o nosso olhar, no descobrir de uma saída que venha, sobretudo, uma “força salvadora” e uma nova relação com o mundo. Por isso, a importância de questionarmos o caminho que a técnica vem estruturando, construindo e aperfeiçoando. Se o homem conseguir atentar com cuidado para essa realidade que o coloca afastado de suas raízes (da sua essência como *ser*) por estar subitamente envolvido no sistema de uma dominação técnica, poderá, então, rever sua trajetória no objetivo de recuperar a sua existência e conduta poética.

Se ao caminhar não atentarmos nos nossos próprios passos, dificilmente veremos as marcas que ficam no caminho. Nada pode crescer no solo senão for plantado, e que futuramente venha germinar e dar frutos. Contudo, o que germina, germina no esconderijo e no silêncio. Se caminharmos sem ao menos atentar para onde andamos, não entendemos o objetivo da nossa trajetória. Se formos encaminhados pela técnica, devemos compreender seu percurso, seu objetivo e o seu fim. Tanto Hölderlin como Heidegger, entendem que exista um porque em tudo isso. Se o perigo pode ser entendido na dis-posição da técnica, o salvar encontra-se na sua essência.

Pensar a essência da técnica é escutar a voz, o canto do destino, que advém da fonte principal, é colocar-se na história de maneira autêntica. Esta escuta põe Heidegger a se deter na voz do poeta. Hölderlin, “poeta dos poetas” doa, em seu dizer, muitas palavras que abrem o seu pensar. Diante deste poeta o filósofo-pensador se detém em muitos momentos, com muito cuidado. Assim diz o poeta: “Ora, onde mora o perigo/ é lá que também cresce/ o que salva” (NOBRE, 2015, p.38).

Mas como encarar algo sem perder de vista outra, sabendo que as duas coisas são importantes nessa trajetória? Em um mundo minado pela técnica, o que fazer para que a técnica seja dominada? Como podemos encontrar a sua essência? Qual o empenho que se pode exercer para que isso aconteça? Heidegger pode nos ajudar nesse sentido, tendo o ser humano como um suposto dominante nessa empreitada.

Primeiro é preciso descobrir o caminho de encontro com alguma coisa, nesse sentido, em encontrar a essência da técnica em vez de somente a técnica. Enquanto focarmos sobre o que é somente técnico, dificilmente encontraremos sua essência e com isso permaneceremos na escuridão. Mas, se buscarmos de certa maneira um caminho, não terá êxito nenhum se esse caminho for um caminho qualquer. Não podemos passar por cima do que é técnico, nos eximindo da responsabilidade que tão de perto nos rodeia, mas encarar seus desdobramentos para em seguida ir ao encontro à essência da técnica. Por outro lado, para que isso ocorra nada

será promissor se e somente se enveredarmos pelo caminho técnico-científico. Experenciar alguma coisa é essencial para desvendarmos a essência da técnica.

Quando pensamos, porém, a essência da técnica, fazemos a experiência da com-posição, como destino de um descobrimento. Assim já nos mantemos no espaço livre do destino. Este não nos tranca numa coação obtusa, que nos forçaria uma entrega cega à técnica ou, o que dá no mesmo, a arremeter desesperadamente contra a técnica e condená-la, como obra do diabo. Ao contrário, abrindo nos para a *essência* da técnica, encontramos-nos, de repente, tomados por um apelo de libertação (HEIDEGGER, 2012, p.28).

Uma pergunta pela técnica se torna urgente. Ao fazer a pergunta, nos interessamos pelo questionamento. O questionamento é importante, pois nos mostra o caminho da dúvida, a dúvida nos leva ao desejo de descobrir e conhecer algo. “O questionamento trabalha na construção de um caminho” (HEIDEGGER, 2012, p.11). Como se apresenta o homem hoje na atualidade? O questionamento é pertinente devido à relação profunda entre técnica e o homem. Contudo, é preciso existir uma relação livre com a técnica, pois somente uma relação livre proporciona um conhecer da técnica, no intuito de experenciar a sua essência. Na conferência sobre “*A Questão da técnica*”, Heidegger mostra esse caminho junto à vereda do pensamento, a fim de que aconteça certa liberdade e não a prisão às várias sentenças:

A seguir, *questionaremos* a técnica. O questionamento trabalha na construção de um caminho. Por isso aconselha-se considerar sobretudo o caminho e não ficar preso às várias sentenças e aos diversos títulos. O caminho é um caminho do pensamento. Todo caminho de pensamento passa, de maneira mais ou menos perceptível e de modo extraordinário, pela linguagem. Questionaremos a *técnica* e pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica. Livre é o relacionamento capaz de abrir nossa Pre-sença à essência da técnica. Se lhe respondermos à essência, poderemos fazer a experiência dos limites de tudo que é técnico (HEIDEGGER, 2012, p.11).

Quando Heidegger fornece esse caminho para um esclarecimento, suas determinações são constantes e dadas a uma “antropologia da técnica”. Então, aparecem junto à tradição duas assertivas, em respostas ao que o filósofo conecta: “A concepção corrente da técnica de ser ela um meio e uma atividade humana pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica” (HEIDEGGER, 2012, p.12). Mas em que relação pode se fixar o empreendimento de uma relação direta entre a técnica e o homem? Ou o que o homem pode fazer para exercer certo domínio sobre a técnica? Ela pode ser dominada? Heidegger explica:

[...] também a técnica moderna é meio para um fim. É por isso que a concepção instrumental da técnica guia todo esforço para colocar o homem num relacionamento direto com a técnica. Tudo depende de se manipular a técnica, enquanto meio e instrumento, da maneira devida. Pretende-se, como se costuma dizer, "manusear com espírito a técnica". Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem (HEIDEGGER, 2012, p.12).

Confirmamos uma urgência em saber dominar a técnica. Essa urgência já fazia parte das conferências de Heidegger. Sua corrida era para esclarecer a humanidade o perigo que espreita. Ao saber 'manusear a técnica', o dever é buscar a pulsão pelo 'espírito', e não apenas forçar uma situação de somente manter contato, fazendo com que a ordem de domínio se torne inversa. O pensamento do filósofo pode nos alcançar, para que não sejamos manipulados pela técnica e controlados por ela. A técnica tem seu fetiche, sua maneira de agir e seus encantos. Não é apenas considerada um perigo, mas um avanço colossal na nossa era, capaz, talvez, de mudar a nossa trajetória.

Questionamos a técnica ao nos depararmos com o perigo desta escapar ao nosso domínio. Criamos teorias e conceitos com o fim de assegurar domínio. Construimos escolas com o intuito de dominar o saber e agora vemos as criações fazendo um papel oposto ao intuito pensado em uma cadeia de eventos onde o ser foi perdendo lugar ao domínio do ente [...]. O próprio homem encontra-se preso, sem-saída nessa cadeia de disponibilidade. Ele encontra-se conectado a essa amarração, a esse esqueleto, a essa teia, nessa com-posição que a tudo abarca (NOBRE, 2015, p.33).

Estamos situados no mundo, nos "alimentamos" das coisas que o mundo oferece. Vivemos no acúmulo de informações, e sem isso parece que temos dificuldade de ver além. Estamos afogados em uma rede informações e disponíveis às coisas que acessamos e encontramos a partir do nosso olhar, a ponto de não sabermos, muitas vezes, onde realmente nos encontramos ou mesmo porque estamos envolvidos. Torna-se uma extensão do corpo, e sem ela, parece que não se vive mais. Essa rede de informações cria a ideia de que ela é o mundo em que vivemos, e junto com muitos outros, somos "prisioneiros" de uma rede que envolve um mundo inteiro. Não conseguimos nos livrar dessa realidade. A cada momento somos amarrados com mais força, e o esforço que fazemos fortalece ainda mais e aperta os laços que nos envolvem. Tudo indica que não há uma existência a partir de nós mesmos. Nos envolvemos sobremaneira com os objetos, e estes fazem parte do mundo que construimos e vivemos. Até mesmo a linguagem caiu em um "desuso" e expressamente acontece um

empobrecimento, pois na contemporaneidade, a linguagem foi colocada a um mero serviço da técnica, de sorte que as coisas se tornaram possíveis dentro de uma imposição e posição calculada pela técnica.

Com a dominação absoluta da técnica moderna cresce o poder-tanto a exigência como a eficácia-da língua técnica adaptada para cobrir a latitude de informações mais vasta possível. É porque se desenvolve em sistemas de mensagens e de sinalizações formais que a língua técnica é a agressão mais violenta e mais perigosa contra o caráter próprio da língua, o *dizer* como mostrar e fazer aparecer o presente e o ausente, a realidade no sentido mais lato (HEIDEGGER, 1995, p.37).

Essa “dominação absoluta da técnica” reforça a realidade em que vivemos, levando o mundo ao caos, com os seus instrumentos bélicos, reforçando um arsenal de destruição. Migração do natural ao artificial, modificando a *performance* humana em protótipos maquinários. Manipulação dos alimentos naturais em industrializados, mutações genéticas, proporcionando ao corpo humano uma evolução acelerada e “perfeita”, corrigindo supostas imperfeições na corrida contra o tempo. Sobre isso, Araujo (2014) comenta o seguinte sobre o estado do homem e da vida:

Dado que, na era do átomo, a investigação científica descobre mais coisas sobre a estrutura genética do organismo humano, tal informação pode alterar fundamentalmente a maneira como a humanidade trata o seu próprio organismo: os investigadores definem a vida humana em termos de estrutura genética. Com o domínio do código genético, os cientistas podem, dentro de um tempo previsível, tornar-se capazes de *fabricar* o homem, quer dizer, constituí-lo em sua própria essência orgânica, tal como ele se fizer necessário: homens hábeis e inábeis, inteligentes e estúpidos (ARAUJO, 2014, p.184-185).

Uma das corridas da era científica e que pode ser considerada como era da técnica, está insertada no desenvolvimento do organismo humano. Esse esforço de melhorar o homem colabora como um novo desafio, “fabricar o homem” do jeito que quer e da maneira que deseja. Várias modificações vêm sendo testadas a fim de atender as exigências da humanidade descontente com o seu estilo de vida. Dessa forma o homem está submetido e ajustado em uma “fôrma” com adequação própria e milimetricamente idealizada. Hoje é possível vir à vida tanto homem como mulher, de acordo com uma genética adulterada e com variadas mutações. Mas isso, talvez, não garante um aperfeiçoamento e melhoramento do ser humano.

Outra coisa que precisa ser dita, na relação de dominação da técnica é que existe um afetar dessa dominação no humano e que obstrui gradativamente o “caráter próprio da

língua”, encaminhando o ser humano a um estado totalmente diferente da sua origem, de seu estado natural de ser e como veio ao mundo. Por isso, Heidegger (1995, p.38) diz que: “[...] a agressão da língua técnica sobre o caráter próprio da língua é ao mesmo tempo uma ameaça contra a essência mais própria do homem”.

3.2.1 Entre a técnica e a serenidade: o ser humano e a serenidade

O mundo da técnica perpassa por todo o sentido o homem e tudo o que o rodeia, pois a era atual é marcada por uma tecnologia que procura influenciar pessoas de todas as idades. Na contemporaneidade é difícil imaginar que não haja objetos técnicos os mais sofisticados, a qual a tendência é melhorar e estreitar essa rede de relação entre homem e tecnologia. Entre muitas coisas que a técnica pode proporcionar, vale considerar que no século XXI:

[...] continuamos fascinados pelos benefícios que novas tecnologias trazem à vida do homem ou se cedemos ao medo de que tudo vá pelos ares num futuro não muito distante: novas tecnologias favorecem ao mesmo tempo a criação e a destruição humanas, aumentando em muito o seu potencial, sendo o conforto apenas o primeiro mensageiro do cortejo triunfal (NASCIMENTO, 2010, p.18).

Vivemos cercados por objetos e instrumentos técnicos. De um simples fio de cobre que conectado a um interruptor gera imagem em um determinado aparelho, até os mais complexos como a bomba atômica, e outros que estão em desenvolvimento e que podem destruir em questão de segundo o Planeta Terra, como por exemplo, os olhares do mundo ainda estão fixos nos confrontos que podem ocorrer entre EUA e China (que talvez guardem os maiores arsenais militares da atualidade) ou quem sabe armas biológicas e que estão sendo produzidas (e que foge ao nosso acesso e conhecimento) em outros países como espreita de um suposto desencadear de guerras entre nações. Mas, o que está acontecendo em nosso tempo e o que poderá acontecer nos tempos vindouros? Não podemos negar que tudo isso está acontecendo com rapidez, e chegará o tempo em que o homem não conseguirá controlar essa produção de engenharia. “O poder oculto da técnica contemporânea determina a relação do Homem com aquilo que existe. Domina a Terra inteira” (HEIDEGGER, 2001, p.19). Domina com as invenções e produções que faz com o homem e com o mundo.

Heidegger não presenciou a evolução de aparelhos celulares, *internet* e outros sofisticados objetos que temos hoje, e outros que estão por vir. O filósofo alemão, mesmo não presenciando essa avançada tecnologia que usufruímos na atual conjuntura, já havia deixado o

mundo em alerta, pois presenciou as duas Grandes Guerras Mundiais (por isso que tanto enfatizou a bomba atômica, inquirindo sobre a era atômica). Heidegger preocupou-se com que estaria por vir. Como aceleradamente o ser humano estava correndo, rumo a um infinito mundo de descobertas, a fim de conquistar avidamente toda a sua produção *maquinista*. Todo esforço humano está “fundamentado” na possibilidade de encontrar solução para tudo. A era que vivemos proporciona tudo isso. O *marasmo* de um suposto atraso não deve fazer parte de uma humanidade tecnificada. Na verdade, o tempo presente é uma arma para saber de imediato o futuro, já que o ser humano busca incessantemente respostas às suas inquietudes.

O empreendimento do ser humano na contemporaneidade é buscar respostas aos seus questionamentos, e caminhar em direção as informações, pois quanto mais informado estiver, melhor será seu lugar no mundo. É o desejo de encontrar meios práticos às suas necessidades. Tudo o que pode pensar marca sua natureza, o que faz sempre, na dimensão de um mesmo pensamento, na produção das mesmas obras.

Voltemos o que Heidegger poderia estar imaginando. O que tanto preocupou o filósofo, afinal? Seriam os produtos fabricados por diversas empresas no mundo, em larga escala? Ou as fábricas de munições nos campos de concentração em plena Segunda Guerra Mundial? Os instrumentos técnicos, os mais sofisticados, seriam então o fator essencial de seu angustiante pensamento? Nada disso traria desconforto a Heidegger, mesmo porque o filósofo sempre foi sóbrio nesse sentido, por entender o sentido essencial disso tudo no seu tempo. A questão desdobra-se como a técnica tem dominado a maneira de pensar, de falar e agir do homem na atualidade. A ênfase de Heidegger é sobre a ameaça que atinge o homem. Diz ele em *A Questão da técnica* (2012):

A ameaça, que pesa sobre o homem não vem, em primeiro lugar, das máquinas e equipamentos técnicos, cuja ação pode ser eventualmente mortífera. A ameaça, propriamente dita, já atingiu a essência do homem. O predomínio da com-posição arrasta consigo a possibilidade ameaçadora de se poder vetar ao homem volta-se para um desencobrimento mais originário e fazer assim a experiência de uma verdade mais inaugural (HEIDEGGER, 2012, p.30-31).

Já falamos que a essência do homem está ameaçada e dominada pela era da técnica, pois o homem não tem centro em si mesmo. Então, a primeira preocupação está nesse atingir humano e, em segundo, as próprias máquinas e instrumentos técnicos. Isso faz com que, de posse de qualquer objeto tecnológico, tanto um cálculo como uma *armação* define como o homem deve agir nesse mundo. “O que mais o assustou foi a possibilidade cada vez mais

crecente de esse olhar com-positor, lógico, calculista, representador, em resumo, esse olhar técnico ser o único olhar que domine todas as nossas decisões. Essa sim é a grande ameaça ao homem” (NOBRE, 2015, p.77).

Cabe destacar que Heidegger jamais demonizou os objetos técnicos. “A técnica não é perigosa. Não há uma demônia da técnica. O que há é o mistério de sua essência” (HEIDEGGER, 2012, p.30). Sem dúvida que o homem na contemporaneidade necessita desses instrumentos técnicos para estar conectado em suas relações sociais. A técnica também determina a linguagem de quem fala, como dando ordens e mostrando uma nova maneira de relacionamento. Assim, “Uma tal proposição é possível se se admite que o próprio da língua está reduzido, isto é, limitado à produção de sinais, ao envio de mensagens” (HEIDEGGER, 1995, p.39).

Na conferência de 1955, *Serenidade (Gelassenheit)*, Heidegger procura trazer o despertar do homem para o pensamento meditativo, pois somente este pensamento medra um estado de “salvação” frente ao que o homem está embebido e dominado e emprega amplamente seu tempo, a técnica da presente era. A partir dessa obra Heidegger traz luz o que de fato o homem precisa fazer, um dizer “sim” aos objetos técnicos, ao mesmo tempo dizer “não” a esses objetos. Essa reflexão proporciona uma abertura ao diálogo entre o modo de agir do homem, a fim de levá-lo a uma tomada de decisão, e que essa decisão não seja apenas de uma forma, em um sentido único. Esse meditar exige, entre muitas coisas, um olhar diferenciado para tudo que está acontecendo no tempo em que vivemos.

Quando Heidegger procura estabelecer certa cisão entre técnica e serenidade, de fato, está a diferenciar o pensamento meditativo do pensamento calculador. Mesmo diante de uma simples comemoração (*Gedenkfeier*), o filósofo sugere que pensemos (*denken*). Pensar também faz parte do destino do ser, pois insistir, indagar é ao mesmo tempo uma forma de mostrar a precariedade da nossa forma de pensar (SCHNEIDER, 2005, p.51). A maneira como o homem pensa e busca sua satisfação imediata instigou a seguinte pergunta “[...] o que está realmente a acontecer no nosso tempo? O que caracteriza o nosso tempo?” (HEIDEGGER, 2001, p.17). Antes disso o pensador alemão entendia que o grande problema seria essa falta de pensamento. Ninguém teria a ideia em uma comemoração de pensar em alguma coisa. Para quem não tem o que pensar, qualquer discurso em uma comemoração torna-se desinteressante e cansativo. Ainda que seja do nosso interesse, nada garante que pensemos realmente, isso se reflete em toda e qualquer comemoração. Às vezes nos iludimos por achar que estamos envolvidos em algo que não estamos pensando. Heidegger explica da seguinte maneira:

Não nos iludamos. Todos nós, mesmo aqueles que pensam por dever profissional, somos muitas vezes pobres-em-pensamentos; ficamos sem-pensamentos com demasiada facilidade. A ausência-de-pensamentos é um hóspede sinistro, que no mundo atual, entra e sai em toda a parte. Pois, hoje toma-se conhecimento de tudo pelo caminho mais rápido e mais econômico e, no mesmo instante e com a mesma rapidez, tudo se esquece. Do mesmo modo, os actos festivos sucedem-se cada vez mais pobres- em- pensamentos. Comemorações e ausência-de-pensamentos andam intimamente associadas (HEIDEGGER, 2001, p.11).

Pelo discurso é possível conhecer fatos desconhecidos, entrar na intimidade de qualquer segredo. O esquecimento é tão rápido como qualquer lembrança, pois conhecemos qualquer fato, e logo é possível esquecer, e isso não se enraíza no pensamento. No tempo em que vivemos tudo é fácil esquecer, todavia esquecemos porque um dia lembramos alguma coisa. Como diz Heidegger (2001, p.12) “[...] só podemos tornarmo-nos pobres em pensamentos ou mesmo sem-pensamentos em virtude de o homem possuir, no fundo (*Grund*) da sua essência, a capacidade de pensar [...]”. O “caminho mais rápido” proporciona chegarmos mais cedo em determinado lugar, mas talvez não ensine muito no caminho que trilhamos, não nos permite conhecer os detalhes da estrada, até mesmo as dificuldades não são bem-vindas nesse trajeto. Nos atos comemorativos:

Pensamos muito mais vezes nos presentes do que nas homenagens e homenageados. Pensamos, e aqui já nem podemos mais dizer pensar, nós queremos, calculamos muito mais os resultados do que o processo, o ponto de chegada do que o caminhar à-proximidade-de, e assim nos escravizamos pelos objetos do desejo mais do que nos permitimos livres ao acaso (NOBRE, 2015, p. 80).

Por conta da técnica, a *Gestell* evidencia uma trama de domínio sobre a história do homem quase impossível de trazer de volta a sua liberdade. Essa *armação* que leva o homem em um controle no mundo faz com que aconteça o evitar o que mais importante existe na essência humana, a evidência poética capaz de trazer de volta a maravilha da reflexão responsável por incumbir o homem de encontrar o que porventura vem perdendo no tempo da era do *átomo*. Heidegger, por esse tempo, ainda prossegue em sua trajetória meditativa, e não perde a coerência com o fato que elenca. Ainda sobre o pensamento ou ausência deste, comenta:

A crescente ausência-de-pensamentos assenta, por isso, num processo que corrói o âmago mais profundo do Homem atual: O Homem atual “*está em fuga do pensamento*”. Esta fuga-aos-pensamentos é a razão da ausência-de-pensamentos. Contudo, tal fuga ao pensamento deriva do facto de o Homem não querer ver nem reconhecer essa mesma fuga. O Homem atual negará mesmo, redondamente, esta fuga ao pensamento. Afirmará o contrário. Dirá e com pleno direito- que em época alguma se realizaram planos tão avançados, se realizaram tantas pesquisas, se praticaram investigações de forma tão apaixonadas, como atualmente. Com toda a certeza. Esse dispêndio de sagacidade e reflexão foi de extrema utilidade. Um tal pensamento será sempre indispensável. Mas convém precisar que será sempre um pensamento de um tipo especial (HEIDEGGER, 2001, p. 12-13).

O entusiasmo em que o homem da era da técnica vive, merece ser brindado? Sim, sem dúvida que sim. Brinda-se tudo e qualquer coisa. Avanços científicos, pesquisas modernas que trazem eminentes retornos ao pesquisador. Respostas às várias perguntas. Paixão por tudo que se faz e é descoberto. Desejo demasiado por tudo que é novo. A novidade ganha destaque no universo mundo do entusiasmo do Homem da atualidade. Mesmo que para muitos isso não seja possível acontecer, para o filósofo alemão é muito fácil compreender que quando articulamos determinado resultado, a lógica é permitir que aconteça um cálculo, “[...] mesmo que não opere com números, nem recorra à máquina de calcular, nem um dispositivo para grandes cálculos. O pensamento que calcula (*das rechnende Denken*) faz cálculos (HEIDEGGER, 2001, p.13).

A fuga pela “ausência-de-pensamento” promove o negar do pensamento que medita, pois, o homem na contemporaneidade acredita nos resultados que encontra no progresso de novas descobertas que causam impactos positivos, jamais idealizados e sonhados por eras anteriores. É nesse momento, na contemporaneidade, que o ser humano procura depositar toda sua confiança na ciência, e na tecnologia como um “amuleto” para conseguir seu bem-estar.

O pensamento que medita torna-se um desafio, pois não se constitui uma tarefa fácil. Quem está envolvido em um pensamento calculador não tem a predisposição para buscar o pensamento meditativo, uma forma de pensar com profundidade. Heidegger diz que “O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade” (HEIDEGGER, 2001, p. 13). Assim, o pensamento que medita torna-se muito diferente do pensamento calculador. O pensamento que medita precisa ser apreciado, feito com cuidadoso ato, requer paciência para executá-lo. Para quem busca o pensamento meditativo sabe que não trilha por um caminho fácil, muito diferente do pensamento do cálculo que sempre está disponível, por isso está sempre em dinamismo.

O pensamento que calcula nunca para, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (*eins besinnliches Denken*), não é um pensamento que reflete (*nachdenkt*) sobre o sentido que reina em tudo o que existe.

Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e reflexão (*Nachdenken*) que medita (HEIDEGGER, 2001, p.13).

Aqui há dois pensamentos distintos que o homem utiliza. Sendo que o pensamento que calcula parece ser o mais visitado pelo homem. Já o pensamento meditativo é o menos quisto pelo homem, pois procura “remover” algo que fixa na essência do ser, e prossegue na clareira e acendendo a luz do “espírito do ser”. A preocupação do filósofo alemão é com o desaparecimento do pensamento meditativo, pois o homem vive na fuga-do-pensamento. Não medra nenhum esforço por buscar o caminho meditativo, mas a busca por fortalecer o pensamento que mais acessa, o calculador. Heidegger explica da seguinte maneira:

É, por fim, diz-se que a pura reflexão, a meditação persistente, é demasiado “elevada” para o entendimento comum. Nesta desculpa a única coisa correta é que é verdade que um pensamento que medita surge tão pouco espontaneamente quanto o pensamento que calcula. O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício. Contudo, tal como o lavrador, também tem de saber guardar que a semente desponte e amadureça (HEIDEGGER, 2001, p.14).

O pensamento que caminha pelo campo da atualidade e que justifica a maneira de viver do homem moderno, a técnica, faz com que Prado (2011) posicione-se ao falar do conhecimento técnico e como vem se concretizando o atual momento da técnica na modernidade, traz à tona a compreensão de Heidegger da seguinte maneira:

Heidegger vê o seu tempo com o apurado olhar de filósofo: tempo em que a razão foi reduzida ao cientificismo; época em que o próprio homem se viu reduzido a “homem científico”. Além disso, percebe que a filosofia da subjetividade pretende converter os grandes problemas da humanidade em fórmulas passíveis de manipulação por operadores lógicos, como testemunha a grande ilusão do homem moderno: achar que é o senhor da história, ou seja, senhor dos entes (PRADO, 2011, p.112-113).

Do ponto de vista da técnica antiga (tradicional), na qual o homem não explorava a natureza e sim buscava artifício para retirar o seu sustento, havia uma interação entre natureza

e homem, que por sua vez permitia o respeito pelo meio ambiente. Agora, segundo Prado (2011), tomando do ponto de partida a reflexão de Heidegger, na modernidade, comenta:

[...] o aparecimento da técnica, a agricultura tornou-se uma indústria motorizada de alimentação. Por exemplo, explora-se o ar para obter nitrogênio, o sol para obter minerais, os minerais para conseguir urânio, e este para conseguir energia atômica, que por sua vez será explorada para fins pacíficos ou destrutivos (PRADO, 2011, p.117).

A ação do homem na natureza determina sua real situação junto aos artifícios emblemáticos das ciências. O que deveria apenas ser um complemento para auxiliar na sua defesa, beneficiando-o em suas necessidades, tornou-se uma questão de descontrole e insensatez. O mundo aparece como mero instrumento de manipulação do homem, capitaneado por novas descobertas das ciências que investe maciçamente a cada momento, preconizando cada passo da sua época. “O mundo aparece agora como um objeto sobre o qual o pensamento que calcula investe, nada mais devendo resistir aos seus ataques” (HEIDEGGER, 2001, p.18-19)

Obviamente que o homem necessita dos instrumentos e linguagem técnicos como um ente-no-mundo. O valor, também, é simultâneo em um dizer “sim” e “não” ao mesmo tempo, pois o homem “tem poder para assim fazer”. É o traçar de um diálogo constante, podendo até mesmo escolher o que melhor se identifique o que realmente deseja trilhar, caminhar, a fim de também questionar o seu próprio pensamento.

O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único na direção de uma representação. O pensamento que medita exige que nos ocupemos daquilo que, a primeira vista, parece inconciliável. (...) Podemos dizer sim à utilização inevitável dos objetos técnicos e podemos ao mesmo tempo dizer não, impedindo que nos absorvam e, desse modo, verguem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza (*Wesen*) (HEIDEGGER, 2001, p.23-24).

O pensamento que medita vai à contramão do pensamento que calcula, pois sua vereda é pelo sentido autêntico do homem no inspirar da poesia. Com diz Heidegger (2001, p. 15) “O poeta quer dizer: onde deve medrar uma obra humana verdadeiramente alegre e salutar, o Homem tem de poder brotar das profundezas do solo natal, elevando-se em direção ao Éter. Éter significa aqui: o ar livre das alturas do céu, a esfera aberta do espírito”. Vir à tona o pensar, diferente do mundo do cálculo, da investigação científica, na superfície da

fonte do querer entender as coisas de forma mais rápida e de maneira mais acessível. O homem preso no mundo técnico fica mais vulnerável a aquisição de objetos e o “sim” absoluto permanece na esfera do seu existir próprio com naturalidade, fortalecendo seus laços de desenraizamento, negando a poesia como medrança uma “salvação” para a vida. Nobre (2015) diz o seguinte:

É esse pensamento poético, meditativo que nos exige que digamos sim e não, simultaneamente, à técnica. O que nos permite viver em meio a ela, com ela, sem dela ser escravo, e isso não de um modo vacilante, oscilante, mas de forma tranquila, ou como nomeia Heidegger, de modo sereno. Com a mais elevada serenidade (*Gelassenheit*). Esse dizer sim e não à técnica, enquanto diálogo que se demora no entre é o que Heidegger nomeia por Serenidade (NOBRE, 2015, p.79).

A maneira tranquila, livre, sem se dar à prisão que nos fundamenta na procura de um estar sereno, livre de qualquer ameaça controladora da técnica, “sem dela ser escravo”, mas sim enveredar pelo caminho do “diálogo que demora no entre”, não com o objetivo de escapar com avidez ao diálogo, a troca de experiências, ao falar com propriedade e escutar o som da voz daquele que se nomeia e que se dispõe a compartilhar na supremacia da poesia, é o que o filósofo denomina de Serenidade.

Heidegger nos doa um belo discurso acerca do que seja essa Serenidade que, aqui, é, desde os primeiros passos, aguardada. Tema que por ele já tinha sido abordado em uma conversa nos anos de 1944/45. Nesta conversa tem-se uma característica de uma linguagem bem mais solta e também bem mais profunda. Um excelente exemplo de uma linguagem que busca libertar-se da representação, da conceituação. Nessa conversa dar-se um deixa ser conduzido pelo pensamento de amigos que, caminhando, são aceitos nas proximidades do mistério do ser, e que, contudo, não perde em profundidade, mas que por esse deixar, ao contrário, é admitido por esta. Já o discurso comemorativo tem uma sistemática e uma linguagem bem mais próxima, já que é dirigida a um público mais abrangente, do que se costuma usar habitualmente. Neste discurso, pondo-se a pensar sobre o que seja um ato comemorativo, Heidegger nos leva, pelo discurso, a pensar que comemorar é pensar acerca de algo, é pensar sobre o motivo do qual a comemoração presta-se a homenagear. Diz-nos que ali se escutam as obras do compositor, sua biografia, que ali são proferidas análises críticas de suas criações, mas será que já aí se realiza um pensar acerca de algo? Relatar, enumerar, descrever, narrar ainda não é um pensar, um meditar sobre algo, sobre a abertura que em uma obra de arte dá-se (NOBRE, 2015, p.79-80).

Nesse diálogo, nessa conversa com linguagem compreensiva capaz de amenizar a ansiedade, no interesse do caminhar meditativo, no discurso de amigos a caminho do campo, sentido a voz da natureza e o som do vento, permitindo o enraizamento profundo no solo do

pensamento, é possível compreender acerca de algo distinto e proveitoso, capaz de mudar a trajetória ilusória de um pensamento calculador.

Heidegger (2001, p.20) assegura que “As técnicas que hoje conhecemos como do cinema e da televisão, dos transportes, particularmente do transporte aéreo, da informação, da medicina e da alimentação representam provavelmente apenas um grosseiro estágio inicial”. Para Possamai (2010, p.630): “O principal ponto a ser descoberto é o que a técnica coloca para o futuro do ser humano, pensada para além da forma e do sentido como esse ser foi definido no Ocidente”. Esse novo sentido que vem formando o homem no Ocidente, conjuga algumas preocupações de supervalorização dos meios técnico-científicos, ao ponto de poder se pensar sobre a real situação do ser humano.

Esses avanços tecnológicos têm proporcionado um tipo de idealismo por parte do homem presente, pois formaliza principalmente a sua maneira de pensar e responder suas expectativas como homem direcionado e condicionado por um mundo de instrumentos técnicos. Essa busca desenfreada, em sua particularidade, em suprir suas necessidades, colabora para que haja uma insistente fuga do seu ato de pensar, algo que está na própria natureza humana, mas que ao mesmo tempo o impede de assim realizar. Uma das coisas que chama atenção de Heidegger são as transformações que ocorrem de maneira célere, e mais inquietante é não sabermos meditar sobre o mundo emergente:

No entanto, aquilo que é verdadeiramente inquietante não é o facto de o mundo se tornar cada vez mais técnico. Muito mais inquietante é o facto de o Homem não estar preparado para esta transformação do mundo, é o facto de nós ainda não conseguirmos, através do pensamento que medita, lidar adequadamente com aquilo que, nesta era, está realmente a emergir (HEIDEGGER, 2001, p.21).

O pensamento que calcula, torna-se, nessa corrente de pensamento, um instrumento “solitário” de investigação, já que para o homem contemporâneo o ato de calcular é capaz de medir e projetar, ou mesmo dominar as coisas e o homem que está “controlado” por inúmeras pesquisas das ciências. Assim, o pensamento que calcula é a “única arma” que o homem tem para poder se (auto)realizar. A todo instante está preso a instrumentos técnicos, satisfazendo-se pela produção desses mesmos instrumentos à realidade que espera. Não se constitui em uma negação da técnica, pois ela tem sua grandeza e participa da vida do homem, e ao mesmo tempo possui seu grau de importância. Heidegger lança o desafio. Não é dever do homem seguir às cegas a técnica:

Façamos a experiência. Para todos nós os equipamentos, aparelhos e máquinas do mundo técnico são hoje imprescindíveis, para uns em maior e para outros em menor grau. Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objetos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objetos técnicos que nos tornamos seus escravos (HEIDEGGER. 2001, p.23).

A questão instigada é como está a relação do homem com a técnica. Não é o transtorno que a técnica pode causar, mas como se dar a relação do homem com ela. Como o homem está lidando com essas transformações da técnica. Como o homem se comporta com essas transformações e como vem encarando essa realidade. Assim, acontece uma grande ameaça que compromete o homem da era atômica. É evidente que possa acontecer a perda do homem no solo em que habita, um contrassenso e um contraponto à *Serenidade* na aproximação da “Mãe Terra”. Com isso Heidegger comenta o seguinte:

O Homem da era atômica estaria assim entregue, de forma indefesa e desamparada, à prepotência (*Übermacht*) imparável da técnica. Seria efetivamente assim o Homem de hoje renunciasse a contrapor ao mero pensamento que calcula o pensamento que medita para o campo do jogo decisivo. Mas se o pensamento que medita despertar, a reflexão tem de estar a trabalhar ininterruptamente e na mínima oportunidade; portanto também aqui e agora e justamente durante esta cerimônia comemorativa, pois ela oferece-nos motivo para reflectir (*bedenken*) sobre algo que na era atômica está particularmente ameaçado: o enraizamento das obras humanas (HEIDEGGER, 2001, p.22).

As pessoas atualmente estão submetidas a um sistema de relação que domina que acaba por intensificar a conduta imediata do ser humano. As pessoas estão a cada instante “controladas”, apressadas para conquistar com rapidez e triunfar com sucesso sobre as coisas. As novidades estão postas e com isso o homem já não dispõe de tempo para pensar. Não consegue sequer perceber a sua volta às coisas que estão acontecendo. Não busca tirar lições, pois sua vida está condensada pelos instrumentos da técnica. Para Heidegger (2006) o homem da era atômica segue sem solo e enraizamento do brotar essencialmente poético, a fim de inspirar a essência do meditar. Perde seu enraizamento que brota da Terra pelo fato de estar inteiramente mergulhado no universo da técnica. Com isso, essa armação técnica impõe armadilhas no caminho do *ser-no-mundo*, como prerrogativa de domínio total. Assim, Heidegger utilizar o termo meditar como despertar do homem contemporâneo:

Qual seria o solo de um futuro enraizamento? Talvez aquilo que procuramos com esta pergunta se encontre muito próximo; tão próximo que muito facilmente o não vemos. Porque o caminho para o que está próximo é para nós, homens, sempre o mais longo e, por isso, o mais difícil. Este caminho é um caminho de reflexão. O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único da direção de uma representação. O pensamento que medita exige que nos ocupemos daquilo que, à primeira vista, parece inconciliável (HEIDEGGER, 2001, p.23).

O homem não tem mais tempo para reorganizar suas ideias, lidar com situações diversificadas e conflitantes. Para Rafael (2007) o tempo presente é uma forma de saber o futuro, já que o ser humano busca incessantemente seus resultados. Isso normalmente acontece, pelo simples fato de que, com a ausência do pensamento que medita, o pensamento que calcula ganha terreno. Ao falar da diferença que existe entre a técnica antiga e a técnica moderna, Possamai (2010) diz que:

Hoje, ela é também ideologia, pois seus objetivos participam da própria construção do sistema tecnológico. O homem passa a ser visto como matéria para qualquer tipo de cálculo e operação [...] A técnica passou a ser a resposta líquida e certa para os problemas aos quais não meditamos ou sequer formulamos mais. A conversão do mundo em imagem só tornou-se possível graças à tecnologia (POSSAMAI, 2010, p.631).

Mas, de fato, o que seria a técnica para Heidegger? Rafael (2007, p.6) nos dá uma pista: “A tecnologia, segundo Heidegger nada mais é do que a herança que recebemos da tradição Ocidental”. Para Possamai (2010, p.630) “O principal ponto a ser descoberto é o que a técnica coloca para o futuro do ser humano, pensada para além da forma e do sentido como esse ser foi definido no Ocidente”. Ao tentar compreender o que Heidegger procura expor, Rafael (2007) posiciona-se da seguinte maneira.

Ora, dizer sim e dizer não aos objetos tecnológicos nada mais é do que a “serenidade” que devemos ter ao lidar com tais objetos [...]. Ter “serenidade” para com as coisas, ou melhor, para com os objetos tecnológicos implica em enxergar esses objetos não apenas do ponto de vista da técnica. “Serenidade” é perceber que há um mistério que envolve toda e qualquer técnica. Essa serenidade não implica numa evasão do mundo tecnológico ou numa negação que desencadearia na aniquilação da tecnologia, mas num modo de ser mais radicalmente nas coisas, na atenção ao Mistério que perpassa todas as nossas relações cotidianas (RAFAEL, 2007, p.7).

A questão que se desenrola a partir da técnica está no sentido de que há um mistério. Esse mistério tende a permanecer oculto. Oculto pelo simples fato que, por mais que a técnica participe da realidade do homem, este não a domina, não a conhece inteiramente. É possível descobrir muita coisa a partir das ciências, mas de igual modo não se torna possível desvendá-la por completo. Abrir as “portas” da compreensão do homem, nada mais é que permitir revelar o que permanece oculto a partir da serenidade. De certa maneira a tecnologia tem controlado o tempo do homem, que deveria, ao menos, ser o senhor do tempo. De sorte que o homem se viu perplexo e impotente frente ao desafio quanto aos instrumentos e dominação da técnica. Como nos diz Prado (2011):

A técnica nos tempos modernos define uma época, porque não é um simples meio do homem se tornar sujeito da história. Ao invés disso, é um modo pré-decidiado de interpretação do mundo, que determina não apenas os meios de transporte, o fornecimento de alimentos e a indústria de lazer, mas, em suas possibilidades próprias, todas as atitudes do homem (PRADO, 2011, p.113-114).

Heidegger procura nos manter em contato e atentos quanto que permeia a sociedade hodierna. O filósofo lança mão do seu conhecimento para fortalecer a ideia de que estamos mergulhados em um cenário de comprometimento com a era da tecnologia, e não apenas isso, mas que esse fenômeno que sobressai, muitas vezes ao conhecimento humano e que precisa ser articulado com algo que faz parte da natureza humana, o pensamento. Essa expressividade que confere a técnica pode ser mal utilizada quando não a submetemos a um rigor do “sim” e do “não” (HEIDEGGER, 2001, p.24), pois não havendo equilíbrio nas escolhas que fazemos, fica impossível compreendermos o lugar em que estamos. Segundo Possamai (2010) ao falar de Heidegger diz:

Para ele, tecnologia é o título que conferimos ao ente quando este é perpassado não pela técnica, mas sim por sua essência- e não qualquer uma, mas a que se encontra vigente em nosso tempo. A tecnologia seria uma forma de revelação da existência, um princípio de construção do mundo em determinadas condições- ela é formadora de uma época, expressa um modo de ser do mundo pois é a correspondência entre um processo de posicionamento da realidade e uma forma de pensamento (POSSAMAI, 2010, p.630).

Buscar a serenidade não se constitui uma tarefa das mais fáceis, principalmente para os que não têm o hábito de “dizer não” a uma novidade ou para coisas que fascinam. Assim como a técnica é algo útil e que o homem precisa conviver, não se constitui superior e não

pode se tornar algo absoluto, a ponto do próprio homem achar que a técnica é a última coisa que ele deve experimentar. O ato de meditar também não se constitui uma tarefa das mais simples para o homem na atualidade. Talvez, por isso, se torna mais prático optar pelo caminho da técnica, pois esta é acessada pelo homem com maior facilidade.

O homem na contemporaneidade se dedica em saber sobre os objetos técnicos, pois não foge dessa realidade ou pelo menos não consegue fugir dela. A novidade que esse homem está concentrado permite, entre muitas coisas, fortalecer a ideia de que aquele que calcula não exige de si mesmo paciência, pensamento profundo e reflexivo, um pensamento meditativo, isso de fato não faz parte da vida do homem do meio técnico, do homem que calcula. Com isso “O homem deixa-se facilmente seduzir pelo pensamento que calcula e quanto mais seduzido ele se encontra conseqüentemente, mais dominado ele fica por esse pensamento perdendo assim suas próprias raízes” (RAFAEL, 2007, p.5).

Por outro lado, para superar essa realidade que vive o ser humano na atualidade, é necessário que seja capaz de buscar compreender o significado da tecnologia, desejando entendê-la com maior profundidade, querendo saber seu real sentido, a fim de libertar-se da tecnologia posta, e que o escraviza. Para Heidegger a técnica não se constitui um mal em si mesma, mas sim o seu destino. O próprio homem é o grande responsável pelo seu desenvolvimento.

Heidegger, reflete sobre em que estado real é possível alcançar a liberdade. “Heidegger conduz nosso pensamento não a uma representação da verdade, mas atentarmos para o perigo a fim de que possamos encontrar essa liberdade que nos salva, já que o perigo da essência estabeleceu um mecanismo na técnica moderna” (PRADO, 2011, p.123). Nesse contexto, Heidegger interroga de maneira contundente de como a contemporaneidade tem conferido as ciências da natureza uma assertiva de que, na atualidade, a falta de reflexão do homem permite uma satisfação em concordar com os ditames da técnica científica e assim mostra a posição do homem no mundo, como diz Heidegger (2001, p.18-19) “Daí resulta uma posição totalmente nova do Homem no mundo e em relação ao mundo. O mundo aparece agora como um objeto sobre o qual o pensamento que calcula investe nada mais devendo poder resistir aos seus ataques”.

Quando o homem é capaz de pensar de maneira diferente, ele mesmo permite desatar-se das amarras que o escraviza. Todavia, se conseguirmos pensar de maneira diferente da atual, do pensamento que calcula, seremos capazes de transformar a nossa essência. Heidegger (2001) comenta:

Se, no entanto, dissermos desta maneira, simultaneamente “sim” e “não” aos objetos técnicos, não se tornará a nossa relação com o mundo técnico ambígua e incerta? Muito pelo contrário. A nossa relação com o mundo técnico torna-se maravilhosamente simples e tranquila. Deixamos os objetos técnicos entrar no nosso mundo cotidiano e ao mesmo tempo deixamo-los fora, isto é, deixamo-los repousar em si mesmos como coisas que não são algo absoluto, mas que dependem delas próprias de algo superior. Gostaria de designar esta atitude do sim e do não simultâneos em relação ao mundo técnico com uma palavra antiga: a serenidade para com as coisas (*die Gelassenheit zu den Dingen*).

Nesta atitude já não vemos as coisas apenas do ponto de vista da técnica (HEIDEGGER, 2001, p.24).

O que o filósofo especifica é que os instrumentos técnicos têm sua utilidade e o seu valor. Todavia, que esses mesmos instrumentos não venham dominar o homem, deixando-o alienado e perdido no mundo, longe da sua realidade. Que esse homem possa resistir aos apelos e fascinação de dominação que a tecnologia proporciona. Assim, a compreensão que trata essa realidade, de que é possível dizer “não” aos objetos técnicos, pode ser um escape à própria natureza humana, pois ao se envolver sem limites com a técnica, o homem está destinado a não mais compreender seu papel fundamental como um ser que pensa. Heidegger (2001) insiste:

Denomino a atitude em virtude da qual nos mantemos abertos ao sentido oculto no mundo técnico a abertura ao mistério (*die Offenheit für das Geheimnis*).

A serenidade em relação às coisas e a abertura ao segredo são inseparáveis. Concedem-nos a possibilidade de estarmos no mundo de um modo completamente diferente. Prometem-nos um novo solo sobre o qual nos possamos manter e subsistir (*stehen und bestehen*), e sem perigo, no seio do mundo técnico.

A serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento. Que um dia poderá mesmo conseguir recordar, de uma nova forma, o velho enraizamento, que agora se desvanece rapidamente (HEIDEGGER, 2001, p.25).

Heidegger faz um esforço em explicar a relação serena que há entre as coisas e uma abertura ao segredo do descobrimento. Desvendando os segredos de como é possível vivermos no mundo sem saí dele. Estar no mundo exposto ao *perigo alarmante* sem por ele ser dominado. Assim, mostrando-nos um permanecer em solo enraizado. Ao se fixar nesse solo, é possível subsistir ao tempo em que habita, sem muitos problemas, na era da técnica.

4. TÉCNICA E EDUCAÇÃO: DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO NA ERA DA TÉCNICA

Na era da técnica a educação encontra-se diante de um problema a ser discutido. O mundo está imerso em um domínio da armação tecnológica (*Gestell*). Com isso, a preocupação assinala que o homem encontra-se ameaçado enquanto *ser*. Heidegger ao escolher o termo *Gestell* sabia do perigo que se aproximava do ser humano. Assim, desde que a técnica se instalou no mundo o homem está diante de um eminente perigo. Há uma fé incondicional em tudo que determina a *armação* na era atômica e que compromete o futuro da humanidade. Gadamer (2001, p.72) diz que “A fé na ciência deste terceiro Iluminismo seguiu-se, porém, a dúvida corrosiva sobre o futuro da humanidade. Aqui, pode e deve inserir-se a reflexão sobre a história da ciência”.

O filósofo alemão já anunciava uma virada das ciências na era atual, pois se as ciências dominam e se apoderam do homem, é nessa era da técnica que mais o homem se torna impotente e sem forças para inverter todo e qualquer processo impelido pela era atômica. Heidegger (2001) já atentava para a produção de energia atômica na Europa inglesa e que repercutiria em uma nova felicidade. Sempre presente, as ciências mudariam a maneira de viver do homem. Heidegger prossegue, olhando “cl clinicamente” ao que isso poderia influenciar positivamente ou negativamente o posicionamento do homem na contemporaneidade. O filósofo pergunta, indaga e questiona:

O que significa esta afirmação? Resulta de uma meditação? Reflete sobre o sentido da era atômica? Se ficarmos satisfeitos com a referida afirmação da ciência, permaneceremos o mais longe possível de uma meditação sobre a era actual. Porquê? Porque nos esquecemos de perguntar: em que assenta o facto de a técnica científica ter podido descobrir e libertar novas energias na natureza?

Assenta o facto de estar em curso há alguns séculos uma reviravolta de todas as representações dominantes. O Homem é, assim, transposto para uma outra realidade. Essa revolução radical da visão do mundo é consumada na filosofia moderna. Daí resulta uma posição totalmente nova do Homem no mundo e em relação ao mundo (HEIDEGGER, 2001, p.18).

As interrogações de Heidegger são para que haja continuamente um posicionamento frente às afirmações científicas, pois acredita que as ciências mantêm o homem distante de uma meditação. Se as ciências mostram seus recursos disponíveis e transpõe o homem a ver outra realidade, conseqüentemente provoca novas atitudes e uma nova forma de educar-se socialmente, logo a postura do homem no mundo é uma idealização consumada pela técnica na contemporaneidade. Mas de fato, como é encaminhado o homem na época da técnica? Que

prejuízos são colhidos quando o homem, uma vez vivendo na era do conhecimento (este científico-acadêmico-educacional) não reflete por tudo que é posto diante dele? Ao escrever sobre “*O homem e a sua mão no hodierno processo civilizacional*”, Gadamer (2001) traz um estilo pedagógico, pois fala do “formar”, “educar”, o que leva a um direcionamento educacional, desde que possa ser visto em uma relação técnica-humana, e que de certa maneira traz implicações na civilização, transformando muitas vezes os processos organizacionais do homem.

Estamos num processo civilizacional em que as condições de trabalho se modificam cada vez mais. Perante a organização técnica dos nossos *mass media* e a inclusão de todos os nossos meios de comunicação no processo da industrialização, as ideias artísticas criativas não se convertem, sem mais, em produção industrial. Os interesses econômicos da produção a baixo custo e a imitação de projetos já existentes adquirem validade ao abrigo da racionalidade comercial. Temos de competir com a realidade e descortinar, com muita intenção prática, as possibilidades produtivas que a realidade oferece.

Trata-se do problema do ser humano em toda a sua extensão. Pressupõe, em primeiro lugar, que os sentidos se devem formar, e daí que o homem tenha de se educar. A esta educação chamamos, por vezes, cultura e dizemos então que o homem precisa da cultura (GADAMER, 2001, p.109).

Percebe-se o caminho tomado pela civilização. Hoje, tudo é modificado e transformado para atender a era da técnica. Os meios de comunicação fabricados são do domínio exclusivamente da indústria. Toda produção maquinista é direcionada ao comércio. Todavia, Gadamer especifica que o ser humano precisa de formação, ao mesmo tempo em que precisa de educação, e esta se torna um processo civilizacional, no qual o homem é e está envolvido. Por seu turno, a cultura, uma vez inserida no invólucro da civilização dominada pela técnica, também é considerada como indústria de consumo. A cultura também está afetada pela *armação (Gestell)*, e com isso até mesmo o homem, “nascido nessa” cultura está à beira de perder sua autonomia como benfeitor da poesia, subjugando suas habilidades semelhantes a qualquer outra. E mais, o próprio homem caminha na derrocada de finalidades artificiais, escolhendo ser o que bem entender. Sendo assim, Loparic (1996) comenta o seguinte:

A cultura também é consumo e representa o único caminho pelo qual o homem ainda pode pretender salvar a subjetividade. Não nos enganemos: a demanda pela cultura existe no mesmo sentido que existe a demanda pela matéria prima humana e obedece às mesmas regras de instrumentação ordenadora. Para a produção de livros de entretenimento e de poesia, o poeta

não é mais importante do que o aprendiz de encadernação. Dessa maneira, até mesmo a obra de arte perde o seu poder de desocultamento originário da verdade do ser e passa a existir sob o domínio do ser desocultado como técnica, como armação instaladora (LOPARIC, 1996, p.15).

O intérprete Heidegger concorda com o filósofo na originalidade do acontecer da cultura como forma já “manipulada” e dominada pela armação técnica na era presente, tendo como alvo representações e obras não inéditas e sim já instaladas. Acredita que a cultura pode “salvaguardar” o homem. E ainda, que a obra de arte e a poesia estão na mesma condição ordenadora instalada pela técnica na contemporaneidade. Com isso, o homem se aproxima da mesma condição de instrumentação e se constitui no mesmo par de igualdades com “o aprendiz de encadernação”.

No que se pode considerar sobre o fértil pensamento de Heidegger, o filósofo cunhou o termo *Gestell*, como “arranque” a um desenfreado momento em que vive o mundo. Pode-se aqui considerar, que a própria *armação* se infiltra soberanamente no mundo humano desenvolvendo seu poderio maquinal dominador. A reflexão para tal realidade não é destruir esse alarmante mundo técnico, mesmo porque o filósofo alemão desconsiderou esse fato de acabamento de uma era técnica, e tampouco demonizou tal era, mas defendeu uma “livre relação com a técnica”. Esse é um dos grandes desafios da humanidade, saber viver este momento que domina, mesmo porque esse domínio tem feito parte da realidade educativa. Gadamer (2001) desenvolve o pensamento em que o homem diante da realidade que enfrenta estar em uma conexão com o mundo que diminui a sua criatividade.

A nossa tarefa é, então, explicar as formas de ordenamento que são capazes de configurar a constituição fundamental política da vida humana. Basta esclarecer que a disponibilidade de um poder-fazer especializado cria sempre, de modo inevitável, dependências que a todos concernem. O mundo moderno, no exercício do seu gênio e do seu poder-fazer, foi espantosamente longe que, com o auxílio da ciência e da sua aplicação técnica, aprendeu, cada vez mais, a dominar e a tirar proveito das forças da natureza, vê e trata o homem individual como função na totalidade de uma ordem racional. O indivíduo está numa conexão funcional que lhe deixa cada vez menos liberdade criativa (GADAMER, 2001, p.112).

De que maneira isso pode afetar a educação? Todas. Se existe uma imposição (e isso temos visto) da técnica, no sentido *desconfigurado* de um ordenamento, a maneira especializada da vida cria, sobretudo, dependências infundáveis ao processo de organização e isso pode implicar na educação e no processo pedagógico. É bem verdade que no mundo em que vivemos as facilidades que são disponibilizadas pela tecnologia tem acelerado os

processos de conhecimento, todavia, também é preciso se ater à realidade da era *maquinista*, pois ao prosseguir no raciocínio (aqui pode ser relacionada à educação), Gadamer argumenta o seguinte:

No decurso subsequente de todo o nosso processo- cultural, o indivíduo encontra-se cada vez mais confinado à prestação de funções, a servir máquinas e autómatos em funcionamento. Em vez do domínio sobre algo, que o poder- fazer permite e um certo jogo livre da vontade formal possibilita, e que expressaria o indivíduo, apossou-se da humanidade uma nova e universal atitude servil.

Ela verá isso como o seu destino infundável: deve servir. O homem de hoje pode realmente já não servir, quer dizer, pode já não servir a outros homens, mas paradoxalmente é obrigação sua servir-se dos botões de controle e das alavancas dos mecanismos de comando da produção industrial e económica. Eis um desenvolvimento que, progressivamente, deita por terra a harmonia da totalidade das nossas capacidades humanas é, assim, do equilíbrio, aparentemente tão natural, entre instinto e entendimento, entre os condicionamentos e a liberdade de configuração no nosso mundo. Não há que iludir-nos: é a ciência que determina profundamente a forma de existência do homem hoje (GADAMER, 2001, p.112).

Com o domínio da técnica no mundo, a cultura de hoje também é uma *cultura tecnológica*, determinada e configurada dentro de um padrão de planificação e ordenamento universal da era técnica. Por seu turno até mesmo a educação é afetada por essa planificação, pois o processo educativo é, muitas vezes, direcionado à produção económica. Por ingenuidade ou não é o próprio homem afetado por tudo isso. É uma derrocada universal capaz de formar, em pouco tempo, indivíduos que possam servir, de maneira capital, as demandas totais de uma civilização tomada pelos *desejos maquinistas*. Ao ponto de podermos perguntar: qual o caminho tomado pelo homem na era da técnica? Que educação podemos esperar para o futuro? Para onde caminha o homem na era da técnica?

O docente, que educa, precisa ter uma visão dinâmica de afirmação da vida e conseqüentemente uma formação comprometida com a realidade. Por isso, quem ensina deve, sobretudo, está atento ao diálogo, tendo a oportunidade de “experimentar” algo para a vida. O diálogo é um conhecer, de um acontecer no diálogo, em uma “conversação”, no aprender que proporcione a compreensão e o diálogo (HERMANN, 2002, p.90-91). Isso é essencial para que haja um relacionamento pessoal entre quem fala e quem escuta.

O ser humano construiu suas ideias baseadas em fatos e ensinamentos que foram repassados por seus antepassados que experimentaram as mesmas coisas. Vários esforços foram realizados para conhecer o homem no decorrer da história, mas poucos foram os que buscaram a agregação do conhecimento humano a partir de sua *origem*. No tempo em que

vivemos encontramos, em todos os lugares, as evidências das transformações pelos meios de comunicação. Hoje, com a revolução tecnológica, imprimida pela linguagem eletrônica, revela muito essa realidade.

Estamos enfrentando novamente uma revolução de importância capital, a maneira como nos comunicamos com os outros. Há muito tempo, na Grécia antiga, devido à invenção do alfabeto, surgiu um novo modo de comunicação baseado na capacidade de ler e escrever. Algo semelhante ocorreu nas últimas décadas. Temos enfrentado uma transformação da maior importância em nosso modo de comunicação, como resultado de importantes inovações tecnológicas e do surgimento da linguagem eletrônica ⁷ (ECHEVERRÍA, 2003, p.17). *[Tradução nossa]*.

Nos tempos antigos, como na Grécia, a revolução aconteceu por meio da leitura e da escrita, que não deixou de determinar a forma de estabelecer a cultura dos gregos e conduzi-los à educação. Assim, nos tempos atuais, o homem experimenta as transformações dos meios das comunicações eletrônicas, que diz muito como a humanidade está se definindo, do mesmo modo em que mostra sua organização cultural. Essas transformações vêm mostrar o quanto o homem é capaz de desencadear novas configurações no espaço em que vive, desfazendo um “território estático”. O homem é um ser que está em constante exercício e em movimento. Nesse movimento apresenta-se a sociedade do espetáculo e do autômato, a fim de colocar em xeque a natureza humana, próximos a indivíduos em forma de máquinas.

4.1 Técnica e educação: o estar livre e o acontecer na educação

Heidegger foi um filósofo e ninguém pode duvidar. O filósofo alemão foi professor, pois lecionou filosofia e foi reitor da Universidade em Freiburg na Alemanha entre 1933 a 1934. Heidegger preocupou-se com a educação, confirmando suas contribuições à humanidade e dedicando tempo a importantes escritos, além de ter sido mestre de Herbert

⁷ Tradução livre a partir do espanhol: “Estamos enfrentando nuevamente una revolución de importancia capital em, la forma de comunicamos con los demás. Hace mucho tiempo, em la antigua Grecia, debido a la invención del alfabeto, surgió un nuevo modo de comunicación basado em la capacidade de ler y escribir. Algo similar há ocurrido em las últimas décadas. Hemos estado enfrentando una transformación de ela mayor importancia em nuestro modo de comunicación, como resultado de importantes innovaciones tecnológicas y de la emergencia del lenguaje electrónico”.

Marcuse, Hannah Arendt, Hans-Georg Gadamer, Emmanuel Levinás, Hans Jonas, Giorgio Agamben, entre outros que passaram pelo seu convívio e instrução.

Essa lista impressiona não apenas pelo seu tamanho ou pelo porte de cada um dos pensadores, nomes certos entre os grandes do século que acaba de passar. Impressiona também pela diferença entre eles, o que prova como o ensino de Heidegger, concretamente, parece ter realizado com sucesso o tal convite a aprender. Não a aprender o que ele, Heidegger, tinha a dizer. Mas a aprender a aprender. Por isso, cada um desses alunos pôde aprender de seu próprio modo, tal como, hoje ainda, cada um de nós pode fazer ao ler Heidegger. Tudo leva a crer, por isso, que Heidegger foi um grande professor no mais alto sentido da palavra (ANDRADE, 2008, p.69-70).

Uma das provas em que Heidegger, além de filósofo foi professor, deu-se a sua didática e estilo em conduzir seus alunos a buscar o verdadeiro sentido do “aprender a aprender”. Isso, sem dúvida fez a diferença em toda a sua trajetória como educador e reitor da Universidade em Freiburg. Quando se tem um mestre a disposição, de não somente transmitir conhecimentos, mas conduzir os seus alunos a conhecer a si mesmos e olhar para “dentro de si”, na busca de novas descobertas, na trilha do ainda desconhecido, faz com que o aluno imprima em si próprio o convite ao aprender. O texto de Andrade (2008) mostra o quanto Heidegger ensinou, ao mesmo tempo em que proporcionou a liberdade aos seus alunos. Heidegger sabia muito bem sobre o que ensinar, pois sempre entendeu que o *ser-aí* (*Dasein*) estaria nessa abertura do aprender. Com isso, pensar sobre Heidegger é estar disponível para pensar a educação como parte do seu *projeto filosófico*.

Ao fazer a pergunta, pelo sentido do *ser* e não somente pelo *ser*, demonstra o quanto Heidegger proporciona conhecer o ser humano em sua essência e integralidade. Isto traz implicações quanto à educação, pois se o *Dasein* é o sentido do termo *ser-aí* (ser de possibilidade e não uma determinação), então é possível dizer que está aberto ao aprender e ao educar. Isto é a causa viva do *ser-aí*, pois uma árvore ou pedra não pode aprender ou autoeducar-se, ou qualquer outro objeto é capaz de exigir educação. Somente o ser humano tem essa possibilidade. No mundo animal, qualquer espécie nasce e morre e nada vai além dessa possibilidade, não tem nenhuma abertura contrária a essa realidade. O ser humano é diferente desse sentido próprio de qualquer espécie animal. O ser humano é distinto, pois é um *ser* que possui abertura e nessa perspectiva estar apto a exercer o aprender e o educar.

O desdobramento em que aparece a educação na filosofia de Heidegger proporciona a forma de se ver o *cuidado* expresso em suas contribuições educacionais, seja por meios direto ou indireto. Mostra elementos edificantes e de caráter singular a fim de remeter ao ser

humano caminhos de rever novas metodologias que o leve ao encontro às suas necessidades, enquanto indivíduo do aprender/educar-se. A partir de então iremos entender que:

Com Heidegger, tal conceito expressa um traço essencial à existência, na medida em que o *ser-ai* se empenha a cada instante em cuidar de si mesmo, em um processo de apropriação de si próprio apontando o modo de ser do indivíduo, mediante o esforço constante de compreensão de seu ser e do ser das coisas em geral (KAHLMeyer-MERTENS, 2008, p.27).

Heidegger compreende que o *ser-ai* sempre está em uma condição de abertura. Projeta-se no tempo e mantém-se não estático, mas no movimento que o *lança* em direção ao futuro. Diferente de qualquer outro ente, o ser humano possui a capacidade de decidir e escolher. “Em síntese, o ser humano é um ente educável porque está na abertura do ser, é o ente no qual a abertura acontece e que, por isso, não está previamente determinado no seu ser” (SEIBT, 2016, p.175). Assim, é possível pensar que ao tratar do ser humano na condição do aprender e educar-se, estabeleça, dessa forma, uma relação mais de perto com a educação. Segundo o que apresenta Kahlmeyer- Mertens (2008) ao tratar o ser humano em uma relação com o mundo cabe dimensionar o que pode ser apresentado como uma *filosofia do cuidado*, e que também se estende ao caminho do conhecimento. Com isso, ao se deparar com diversas áreas do conhecimento, é notório as lições encontradas na “pedagogia do cuidado”, inclusive nas ciências que são direcionadas a saúde e ao meio ambiente. Assim:

Vê-se que o cuidado designa um modo de ser no mundo, maneira de ser si mesmo em cada novo instante; evidenciando que o no *ser- ai* nada está como é, mas que tudo nele seria um esforço por ser. Isso nos deixa claro que esse cuidar (*Sorge*) não é ocupação (*Besorge*), no sentido de um uso das coisas no cotidiano e das tarefas mais diversas possíveis junto a essas; tampouco a preocupação (*Fürsorge*), que indica o comportamento com o próximo ou ainda para o outro (KAHLMeyer-MERTENS, 2008, p.29).

Kahlmeyer-Mertens (2008) deixa claro que Heidegger ao tratar do termo *cuidado* tem em vista a relação do termo no sentido do *ser-no-mundo*. Especificamente, a relação máxima ajusta que o *ser-ai* está sempre em posição de estar no mundo. “Para Heidegger, gestos que expressem zelo, assistência, tutela ou responsabilidade por alguém (inclusive os que envolvem o tratamento de um enfermo ou a prática educativa) seriam preocupação em vista de uma relação de ser com outro” (KAHLMeyer-MERTENS, 2008, p.29). Se a questão em que envolve o cuidado, em todas as suas dimensões, tendo em vista o próprio ser humano, salva a própria existência humana, então cabe entender que o conjunto que o

determina lista o tratamento que deve existir entre indivíduos. Heidegger em *Ser e Tempo* (2005) ao se referir ao *ser-aí*, já traz certa questão, em dizer que o mesmo, enquanto ser lançado no mundo participa ativamente do *cuidado* com os outros.

Se o ser-com constitui existencialmente o ser-no-mundo, ele deve ser interpretado pelo fenômeno da cura⁸, da mesma forma que o modo de lidar com a circunvisão com o manual intramundano que, antecipadamente, caracterizamos como ocupação [...] o caráter ontológico da ocupação não é próprio do ser-com, embora esse modo de ser seja um *ser* para os entes que vêm ao encontro dentro do mundo como ocupação (HEIDEGGER, 2005, p. 172-173).

O *ser-aí*, em vista da sua condição humana precisa se ajustar a sua própria natureza e como o próprio mundo o estabeleceu como um *ser* que deve proceder de acordo com a sua condição de cotidianidade, com o seu regime condicionante de grupo e de relações de costumes e culturas e que deve ser vista como horizontes certos e padronizados. Assim, o ser humano se ver na dimensão de pensar não por si, como *defensor-emérito* de suas atitudes, responsável por sua conduta organizacional e educativa, mas por reproduções herdadas por “tradição”, muitas vezes impostas e sem reflexão quanto ao que de fato seria uma “educação para a vida”. Contudo, para o ser humano é digno que para estar no mundo precisa dar conta de si mesmo e das suas atribuições como *ser-no-mundo*. Com isso, o ser humano “[...] não vive solto no mundo, sem rumo. Ao contrário, por sua condição ontológica da abertura, de ter-que-ser alguma coisa, todo o tempo, o Homem se entrelaça no mundo, por meio da busca incessante pelo sentido” (SODELLI, 2008, p.208). É nesse sentido que se encontra a possibilidade e a necessidade de se buscar a educação.

Desde que começamos a ter contato com a educação (o que podemos aqui relacionar com a escola) carregamos um legado de ideais e transmissão de saberes muitas vezes condutor de efeitos formativos sobre o indivíduo. Dessa forma, saber que precisamos inverter alguns processos educacionais (não que estejam errados ou sem uso) é importante para promover uma reflexão a partir de novas ferramentas educacionais e, sobretudo, entender a educação como promotora de novas “vozes” e pensamentos indispensáveis na aprendizagem. O não fazer o esforço para a transformação é cair na mesmice de não questionar, de não perguntar o que é devido perguntar. Como diz Hermann (2002, p.58) quando não damos possibilidades de abrir para a pergunta. “Aí se transforma em uma mera técnica, reduzindo possibilidades. Em vez de se abrir, fecha-se no limite da resposta que já está sendo

⁸ Marcia Sá Cavalcante Schuback traduz o termo cuidado por “cura” em *Ser e Tempo*. ed. Vozes, 2005.

planejada”. Nesse aspecto, até a maneira de pensar influencia positivo ou negativamente nossa conduta no mundo. Aqui podemos pensar sobre a era em que vivemos: na ordem de uma educação idealizada dentro de uma perspectiva da técnica.

Quando compreendemos, de fato, o que acontece ao nosso redor, isto é, o que existe no mundo, melhor será inferir opiniões. Como diz Sodelli (2008, p.207) “O *Dasein* é essencialmente livre, no sentido de ser capaz de realizar opções e de tomar decisões das quais resultam os significados de sua existência”. Essa liberdade adquirida pelo ser humano leva-o de encontro ao seu estado de autenticidade e existência. O *Dasein*, assim se apresenta no mundo com possibilidades dessa tomada de decisões que o faz ir além de qualquer outra coisa, ir para além de algo que esteja no acabamento e sem aberturas na aquisição do novo, do refazer, do reinventar e do transformar, nesse caso, na formação, na cooperação, na singularidade do processo formativo que evidencie, de fato, o significado que o vincule o “eu” com o mundo (HERMANN,2002).

Diante da trajetória que traçamos e fomos encaminhados por outros, sabemos que não somos indivíduos totalmente livres do caminho que fomos direcionados na educação, pois fomos “moldados” durante toda a nossa vida, e com isso educados por comportamentos que na maioria das vezes é difícil romper e estarmos livres, no objetivo de pensarmos de uma outra forma e (re)pensar de uma outra maneira uma educação no qual nos conduza a um pensamento autônomo. Uma formação autônoma, na qual o ser humano esteja no mundo, tendo como princípio o questionar os conceitos que estão postos diante de si. E ainda, tendo a iniciativa de expor suas ideias, sua compreensão e tornando-se um sujeito crítico e consciente de suas atitudes.

O professor deve propor a preocupação pelo aluno a fim de direcioná-lo em sua trajetória de vida como um ser que pensa nas possibilidades do aprender. Aqui o professor nada mais é que um *facilitador* (mediador) no processo ensino-aprendizagem. O professor é o grande responsável por deixar livre o aluno para escolher o seu caminho e decidir por si mesmo, deixar o aluno ser ele mesmo ou mesmo dar ao aluno a possibilidade do encontro consigo. Isso não quer dizer que o professor não seja responsável pelo ensino ou não estabeleça nenhuma responsabilidade na relação ensino-aprendizagem. Desse modo, o professor:

[...] pode conduzir sua própria existência e ainda atender aos anseios de uma educação contemporânea, preocupada em formar cidadãos *reflexivos, autônomos e participativos*, contribuindo à esfera do indivíduo, da sociedade e da espécie. Importa dizer-livre de pedagogices- de que o docente nessa

relação não é o tutor, que diz doutrinas e instrui em saberes, mas um companheiro no processo (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p.34).

Com a autonomia que o aluno precisa ter, vale ressaltar o compromisso que professor precisa exercitar. Uma educação que possa desenvolver uma aprendizagem “eficiente” passa pela iniciativa do professor se ver livre da didática rotineira ou de ser um repetidor de lições. A eficiência do ensino docente passa pela oportunidade dada ao aluno, para que este se encontre consigo e na perspectiva de encaminhar o aluno ao encontro com o mundo. Mas, nessa relação entre professor-aluno, como colocar em prática o deixar livre o aluno ou mesmo permitir encontrar caminhos para que alcance autonomia quanto suas escolhas na prática educacional? Como conviver com essa realidade não muito convencional na educação brasileira?

O professor, no seu exercício docente, assim como o aluno, precisa liberta-se das suas práticas rotineiras, dominantes e munidas de uma *pedagogia intencional e de verdades*. O professor precisa ser sensível em sua prática docente. Ao se dedicar a sua prática, olhando o aluno como àquele que necessita descobrir suas necessidades do aprender, o professor também participa do mesmo processo do aprender, pois “Na ambiguidade do ensinar/aprender reside a copertinência do discente ao docente” (Kahlmeyer-Mertens, 2008, p.41).

O ensinar, pelo professor, precisa ter o mesmo sentido do aprender pelo aluno e acontecer com a mesma proporção e com o mesmo entusiasmo. Quem ensina precisa entender que o aprender também faz parte do processo educacional. O professor ensina, mas também aprende, e é nesse “ir e vir” da docência que permite existir um relacionamento mútuo entre o professor e o aluno, no ensino-aprendizagem. Kahlmeyer-Mertens (2008) ao trazer a discussão a partir de Heidegger explica que o filósofo alemão preconiza que o ensinar, como fazendo parte da docência, não se constitui algo fácil, pelo contrário, quem caminha pela área do ensinar estar envolvido na tarefa do aprender, pois ensinar nada mais é que *deixar aprender*. Diante do pensamento de Heidegger na questão que conduz o ensinar/aprender podemos chegar a conclusão que a função do professor é deixar o aluno “se descobrir” enquanto individuo nesse processo da educação. Fazer isso é conduzir o aluno na vereda do “deixar aprender por conta própria”. Fazer com que o aluno encontre o seu próprio caminho do aprender, faz do professor seu “maior aliado” e seu maior incentivador nesse processo. Pois:

Uma educação, como possível de ser pensada pela filosofia heideggeriana, não nos dá senão a oportunidade de experimentarmos a possibilidade de

sermos livres da imediatez cotidiana, colocando-nos diante da urgência de escolher um sentido próprio a si, do decidir pelas ocupações necessárias ao esforço por ser singular no mundo (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p.33).

Por que é importante saber sobre isso? Nossa educação sempre foi forjada, desde a tenra idade no exercício fundamental do conjunto instituído de valores iniciado na escola formal. Desta extrai-se todas as normas, padrões e onde estão assentados os parâmetros curriculares preestalecidos, o que mantém uma tradição escolar voltada para uma cultura predeterminada e estabelecida dentro de um círculo, muitas vezes, irrefletido e de igual modo mantendo-se em um grau de satisfação aceito por todos. Dificilmente estamos na preocupação incisiva de desconstruir qualquer coisa que já está estabelecida no mundo, que está pronta e captada no nosso pensamento e decisão. Talvez não temos a capacidade de fazer novas escolhas e decidir de outra forma algo que venha de encontro a realidade inusitada da era atual. Quanto a isso, Seib (2016) explica da seguinte forma:

Não temos e nem podemos esperar uma nova teoria que nos ajude a explicar métodos, conteúdos, processos avaliativos, o ensinar e aprender, mas, sim, uma maior consciência daquilo que dá sentido e exige tais explicações, do projeto em que estamos temporalmente envolvidos, do destino que estamos encaminhando (SEIBT, 2016, p.178).

No tempo em que vivemos, dificilmente atentamos para novas formas de (re)ver a educação dentro de uma nova perspectiva do ensinar e aprender. Somos prontamente encaminhados a assimilar as mesmas coisas e do mesmo jeito em que são encontrados no mundo, assim aceitamos e compreendemos os fatos, motivos e como os processos educativos são colocados a nossa disposição para que, deles, possamos extrair com autenticidade e “verdade”. Estamos dentro de um projeto formador de ideias, pensamentos e conhecimento prontos, idealizados e compreendidos por todos os *entes* sociais. Quanto a isso, entende Amorim (2017) da seguinte forma:

A educação é um processo que deve ocorrer de forma intencional, planejada e articulada para determinados fins. Quando o professor, por inúmeras razões, desconsidera isso, corre o risco de trabalhar em uma educação superficial, que de fato não colabora com a formação do aluno, ou mesmo que apenas ofereça a ele conteúdos prontos e que dificilmente colaboram para sua formação cultural, social e identitária (AMORIM, 2017, p.356).

Um dos grandes desafios da educação é levar o ser humano (des)encobrir novas formas de refletir sobre todas as determinações “estáveis” dos processos educativos. Todavia, vale ressaltar que os processos educacionais, também, estão dentro de uma estrutura inegável de informalidade construída ao longo da vida, exercida pela experiência e interações entre indivíduos. Assim, embora os indivíduos sejam encaminhados desde cedo à escola formal, não se pode negar que as experiências e conhecimentos adquiridos, a partir da informalidade do aprender são menos importantes para a educação. Há os que aprendem dentro desse universo das experiências e conhecimentos, e nisto é dizer que os processos educacionais não estão, somente, idealizados em uma formalidade escolar.

Quando o ser humano é *lançado* no mundo, suas atitudes são perenemente canalizadas para a aquilo que é óbvio e de fácil acesso por ele mesmo e por outros. Ser diferente, por nenhum momento tornar-se uma tarefa fácil, pois negar uma construção desenvolvida durante toda a vida colabora, entre outras coisas, negar o próprio ser humano é como este tem sido educado dentro de uma visão idealista à realidade encontrada no mundo. Pelo ensino que somos direcionados, falta-nos entender para que “somos educados” e para onde a educação nos direciona. Não estamos dizendo que a educação não tem importância, pelo contrário, queremos ressaltar que a educação tem um sentido além de uma simples formalidade do ensinar/aprender, de um simples doar/receber informações (comum em algumas práticas de ensino).

O ser humano ao ser *lançado* no mundo está sujeito a tudo que pode encantá-lo. Contudo, cabe saber o verdadeiro sentido da vida e como ela pode proporcionar outros destinos. Então, de que maneira devemos ver a educação nos dias atuais? Como nos vemos no mundo enquanto “residentes” desse processo do aprender/ensinar? Para que somos educados, afinal? Krishnamurti diz o seguinte:

Se somos educados apenas para nos tornarmos pessoas eminentes, para conseguirmos melhores empregos, para sermos mais eficientes, para exercermos domínio mais amplo sobre os outros, em tal caso nossas vidas serão superficiais e vazias. Se somos educados, apenas, para sermos cientistas, eruditos casados com seus livros, ou especialistas devotados a ciência, estaremos então contribuindo para a destruição e a desgraça do mundo (KRISHNAMURTI, 1994, p.9).

A citação acima mostra que a educação, pelo menos, deveria indicar outra perspectiva diferente da recorrente, e assim, proporcionar ao ser humano um destino que pudesse vir na contramão do existente na atualidade, de contribuir para um ser humano mais

comprometido com o verdadeiro sentido da vida. Assim, para esse *ser* que se encontra no mundo, caberia entender, que de fato, a educação deveria ter um espaço na vida humana essencialmente promissora, capaz de transformar suas ações em um destino de estar satisfeito consigo e com os outros. No objetivo de desfazer o laço que faz do humano um indivíduo capaz somente de contribuir para a evolução “sem tréguas” do produzir, do construir e do promissor legado de contribuir para “a destruição e a desgraça do mundo”. Não despensa a ideia que ao tratar sobre a educação do ser humano, Krishnamurti (1994) destaca que a educação em relação ao saber que são adquiridos no decorrer da vida e que forma o indivíduo, faz do ser humano um construtor de ideias, informações e conhecimentos retirados de livros, conduzindo o ser humano a fugir de si mesmo, como um indivíduo capaz de transformar o seu ambiente e toda a sua trajetória no mundo.

Krishnamurti enfatiza que as lições que são direcionadas pela escola são lições que leva o indivíduo a aprender uma técnica que seja possível conseguir algo na vida, uma profissão, tendo uma segurança econômica, mas questiona a resposta dada ao verdadeiro sentido da vida a partir de uma educação forjada e que conduz o indivíduo a ter um preparo técnico, e diante da técnica interroga o proveito e a melhora do ser humano enquanto indivíduo no mundo. A educação não se limita somente ao ensino e aprendizagem e a um conjunto de diretrizes curriculares determinados pela a escola, é uma dimensão mais ampla e mais completa que implica o ensino e aprendizagem para a vida.

Se partirmos da ideia que a educação é capaz de transformar a ordem de alguma coisa já estabelecida, então é possível que ela mude a direção, mude fatos e determina de certa forma como encontrar alguma coisa que está nas “sombras”, em um estado obscuro e desconhecido. A educação pode proporcionar ao ser humano enxergar além. Não é o simples fato de alguém adquirir informação e conhecimento, mas permitir que o ser humano aproximar-se para perto de si (se permitir aprender). É o descobrir o verdadeiro significado do aprendizado. É a abertura às possibilidades que a vida proporciona.

Na educação a principal tarefa, e que às vezes se torna árdua, são as mudanças de padrão que vem acontecendo em torno do processo educacional e que afeta o desenvolvimento humano. Padrões muitas vezes técnicos e sem uma permanência e demora no pensamento de quem se habilita a aprender. Com isso percebe-se certa inversão nos processos educacionais, pois o saber se adequa as diversas profissões, e deveria acontecer o contrário, as profissões é que deveriam estar adaptadas ao saber. Assim, seria possível tentar reverter os grandes problemas que muitas vezes encontramos na educação.

4.2 Técnica e educação: o aguardar da educação na era da técnica

Haveria um desafio em que a educação pudesse estar envolvida na contemporaneidade? Temos motivos para nos preocuparmos com o sentido do educar na era atual? Parece que sim. É possível que Heidegger já houvesse pensado nessa possibilidade, pois pronuncia em seus escritos essa preocupação de um tempo dominado pela era da tecnologia, que subitamente estamos vivenciando. Mesmo que Heidegger não pode contemplar, enquanto vida, no século passado, o avanço cibernético e da tecnologia com todos os seus instrumentos e utensílios, além dos grandes eventos das ciências como temos observado na *internet*, nos encontros científicos, nos laboratórios de Biologia, Química e Física, nos diversos debates em que temos notícias a partir de trabalhos científicos, artigos publicados, eventos nas universidades, etc., como vemos hoje, o filósofo alemão já acenava para um tempo em que a realidade da tecnologia pudesse ser a *grande marca* do século XXI.

Heidegger se dispôs, sobremaneira, pensar que se o ser humano não fosse alertado dos problemas existentes e dos acontecimentos que estava ao seu redor, possivelmente, aconteceria um *desastre global* capitaneado pela era da técnica. Isso seria evidente a partir do momento em o ser humano negasse alguns princípios que desenraizasse o seu agir, como um *ser* que pense possibilidades da sua *essência poética*. Não poderia esquecer o seu verdadeiro sentido de ser no mundo, dando margem somente ao que hoje pudemos observar na contemporaneidade, um mundo em que todas as “redes de relacionamentos” são sinalizadas pela era da técnica.

Na educação, percebemos o quanto a tecnologia está sendo valorizada, divulgada e utilizada. Óbvio, seria impossível não presenciarmos tudo isso, no mínimo seríamos indivíduos atrasados e sem perspectivas do futuro. Contudo, pouco atentamos à produção da tecnologia, sua origem e intenções. Na atualidade a tecnologia é “endeusada”, e para todos os fins é a maneira mais fácil de acesso ao mundo e considerada instrumento de transformação social. Mas, quais as implicações da tecnologia na educação e o que pode acontecer? Quando a educação é direcionada somente para atender as exigências do mercado de trabalho, conseguir um emprego melhor ou mesmo quando os indivíduos são vistos apenas como àqueles que devem exercer determinado cargo e potencializados como recursos humanos, então pode morar o perigo, o perigo do envolvimento na era da técnica, e, por conseguinte o *esquecimento do ser*.

Heidegger compreendia que a técnica seria a grande responsável por modificar o ambiente do homem. Quanto à educação, o filósofo alemão não divulgou abertamente e com

todas as letras tal sentença, mas nada nega o fato de que, diante dos acontecimentos que o reitor e professor universitário presenciou, olharia a vanguarda dos acontecimentos. Heidegger como filósofo, e não como pedagogo daria aberturas para entender a educação como fazendo parte do ser-aí. No entanto, Hodge (2015) traz a elucidação que a filosofia de Heidegger poderia ser vista como pedagogia, assim como enfatizou uma educação que viesse romper com as práticas que traduzem a realidade das instituições ocidentais.

O trabalho de Heidegger está repleto de implicações para a educação. Ehrmantraut (2010) argumentar que a filosofia de Heidegger pode ser vista como uma pedagogia. Então, não só suas palavras contêm inúmeras lições para educadores, sua vida exemplifica a ideia do aprendizado ao longo da vida⁹ (HODGE, 2015, p.31). [*Tradução nossa*].

As implicações do texto dão a entender que Heidegger foi um defensor de transformação da filosofia e da educação. Da educação, pelas práticas que havia observado em seu país de origem, como transmissão de conhecimento que dominava as instituições de ensino. Embora Heidegger não tenha sido claro em favor de uma pedagogia da educação, não nega o fato que o professor da Universidade de Freiburg, na Alemanha, preocupava-se com uma educação que proporcionasse uma “reviravolta” no ensino do seu tempo e que avançasse para além de um conhecimento puramente técnico.

Pensar em uma educação que transforme e possibilite ao ser humano “romper” com as práticas educacionais rotineiras e geradoras somente de informações, é um desafio na contemporaneidade. Desafio porque o ser humano há muito tempo vem se debruçando em formas técnicas das práticas de ensino. Daí entender que uma vez em contato com todo e qualquer objeto produzido pela era da técnica, faz-se necessário exercer o domínio sobre esses objetos e não ser dominado por eles. Assim, questões urgentes devem ser pensadas, a fim de despertar o ser humano para o perigo, que aparece na educação como forma de *manipular* tanto o ensino como o ser humano.

A educação não pode, primeiramente, valorizar demasiadamente seu sistema de ensino, assim como exaltar o seu currículo e esquecer que o mais importante nesse processo é o indivíduo. Por isso, Hodge (2015) argumenta que a educação enquanto instituição histórica traz implicações inerentes ao *esquecimento do ser*.

⁹ Tradução livre a partir do inglês: “Heidegger’s work abounds with implications for education. Ehrmantraut (2010) to argue that Heidegger’s philosophy can be viewed as a pedagogy. So, not only do his words contain numerous lessons for educators, his life exemplifies the ideal of the life-long learner”.

As ideias de Heidegger são tão desafiadoras para a educação que a tarefa de se envolver com a sua filosofia é repleta de dificuldades conceituais e até mesmo morais [...]. A educação enquanto uma instituição histórica está implicada da forma mais direta com o esquecimento do Ser e todos os perigos, que Heidegger pensou que ela envolve. Mas, como disse Hölderlin (o poeta de Heidegger por excelência), onde há perigo, é onde o poder Salvador cresce. A instituição da educação é sempre potencialmente um poder salvador na medida em que agora isso poderosamente nos ameaças¹⁰ (HODGER, 2015, p.32).[Tradução nossa].

Embora Heidegger não tenha se dedicado particularmente a um tratado de educação, o que poderia denomina-lo como um autêntico educador ou ser diplomado em Pedagogia, suas ideias são legítimas e podem ser consideradas como educativas. A educação é considerada algo em que o ser humano poderá encontrar segurança, “um poder salvador” em que o ser humano depende. Todavia, segundo Hodge essa educação está ameaçada. Concordamos com o autor, pois na era da técnica não podemos defender que exista uma educação que invista diretamente no ser humano e que, talvez, venha melhorar sua vida, já que temos observado que na contemporaneidade, a educação está voltada para atender as necessidades econômicas, dentro de um *projeto calculador*.

Na história, a educação está ligada diretamente ao ser humano, pois o homem necessita e “serve-se” da educação. Ninguém pode dizer que a educação está aquém da realidade do ser humano. Contudo, essa questão deve ser bem entendida, pois na contemporaneidade, a educação sofre influencias poderosas da era da técnica o que exige, sobretudo, rever o posicionamento do homem que recebe as instruções educacionais. O desafio da educação está lançado já que a técnica domina os setores educacionais e por sua vez tem o poder de transformar o pensamento do ser humano. Com isso, o que é possível fazer para “desconstruir” essa tendência e livrar-se da serventia da técnica na educação? O ser humano necessita nesse meio bem complicado encontrar possibilidades de superar o que está posto, um *ser* apto somente ao sentido calculador. Aqui, deve ser pensada sobre a civilização que o ser humano está inserido, uma *cultura da técnica* que vem traduzindo as redes da armação planejada. Hodge (2015) explica da seguinte forma essa *armação*:

¹⁰ Tradução livre a partir do Inglês: “Heidegger’s ideas are so challenging for education that the task of engaging with his philosophy is fraught with onerous conceptual and even moral difficulties. [...] For education, as a historical institution, is implicated in the most direct way with the contemporary forgetfulness of Being and all the dangers. Heidegger thought this entails. But, as Hölderlin (Heidegger’s poet *par excellence*) said, where the danger is, there the saving power grows. The institution of education is always potentially a saving power just as it now powerfully endangers us”.

O enquadramento [Gestell] educacional pode trabalhar de duas maneiras. Por um lado, promovendo os valores da tecnologia através do uso de tecnologias para facilitar as funções da educação. Por exemplo, o uso de computadores e Smart boards nas salas de aula e a "entrega" de programas on-line são maneiras pelas quais as funções da educação são tecnologizadas. Por outro lado, a educação possibilita aos alunos considerar o mundo (incluindo as pessoas) como meros recursos. Currículos, pedagogias e sistemas de avaliação nos dão o conhecimento e as técnicas para explorar, aperfeiçoar e manter as pessoas e as coisas como recursos. Estudantes são ensinados como enquadrar o mundo e acabam enquadrando-se [Gestell] e uns aos outros de acordo com o mesmo padrão¹¹ (HODGE, 2015, p.38). [Tradução nossa].

Os impactos da tecnologia são evidentes dentro de uma *cultura cibernética*. Esses impactos atingem sobremaneira a educação que precisa harmonizar seu currículo, ensino e avaliação dentro dos padrões estabelecidos e que compromete a relação ensino-aprendizagem, fortalece a invocação da técnica e “enfraquece” a autonomia do ser humano. Na educação é possível se ver a relação das tecnologias com o homem e este com as tecnologias, em uma relação *eterna* frente a frente, existindo “uma comunicação” entre ambos. Uma relação no mundo de “smart boards”, interligados com redes computadorizadas, esquematizadas com vias de inteligência artificial e enquadrados em um campo virtual, no qual computadores ganham força e espaço, procurando evoluir os sistemas operacionais. Quanto mais o tempo passa mais o aprimoramento é evidente, permitindo uma escolha do educando pelo conhecimento técnico.

A educação está diretamente ligada ao ser humano, e este a educação. Assim, para Amorim (2017, p. 355) “A educação é um processo e no centro deste processo está o ser humano, que para Heidegger, fundamenta-se como o ser com o mundo, o ser para com os outros e o ser consigo mesmo, o ser humano cria e ele mesmo destrói”. Nesse contexto, tornou-se mais difícil e complexo educar no século XXI, pois é neste tempo em que vivemos que o ensino-aprendizagem desdobrasse mais pelo conhecimento técnico. Quanto mais o ser humano é qualificado e especializado mais técnico torna-se. Assim, Heidegger havia alertado para esse tempo em que o ser humano estaria mergulhado na era da técnica. Esse mergulho

¹¹Tradução livre a partir do inglês: “Educational enframing can work in two ways. On the one hand by promoting the values of technology through the use of technologies to facilitate education’s functions. For example, the use of computers and smart boards in classrooms and the ‘delivery’ of programs on-line are ways the functions of education are technologized. On the other hand, education equips learners to regard the world (including people) as mere resources. Curricula, pedagogies and assessment systems give us the knowledge and techniques to exploit, refine and maintain people and things as resources. Learners are taught how to enframe the world and end up enframing themselves and each other according to the same pattern”.

conduz ao ser humano a negação do diálogo na educação, no conviver na relação docente-discente. Com diz Freire (2011, p.109) “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.

Nesse encontro “O homem se torna EU na relação com o TU” (BUBER, 2001, p.68). Com isso, o diálogo é imprescindível, que aparece na abertura da experiência e na possibilidade do conhecer. Isso se faz possível na relação docente-discente, pois para Hermann (2002, p.90) “[...] aprender se realiza por meio do diálogo, de modo a tornar nítidos os vínculos entre aprender, compreender e dialogar”. O diálogo não aparece em um tempo dominado pela era da técnica, pois “O diálogo não é um procedimento metodológico, mas se constitui na força do próprio educar-que é educar-se-no sentido de uma constante confrontação do sujeito consigo mesmo [...]” (HERMANN, 2002, p.94). Por fim, Hermann (2002, p.91) diz do diálogo: “Ele só acontece quando deixa algo em nós”. E completa Freire (2011, p.109) que “[...] o diálogo é uma exigência existencial”. O diálogo acontece entre um e outro, no “eu e tu”, mas também entre “tu e nós”, no envolvimento com outros nesse processo do ensinar/aprender e do falar/escutar. Escutar no dizer do outro como forma do aprender. Do falar como matriz desencadeadora do também escutar.

A educação do século XXI é voltada inteiramente para trazer algo próximo a *Revolução Industrial*. Um dos marcadores que compete o presente século é fazer com que o mundo do trabalho venha de encontro às necessidades humanas, dando respostas imediatas às suas ansiedades. Com isso, “O homem tem que se formar em qualquer coisa [...]” (GADAMER, 2001, p.109). Há um processo de inclusão da educação na era da técnica e isso nos permite dizer que até mesmo a civilização, em seu estado globalizado, está sob o domínio da tecnologia.

A educação no Brasil, por exemplo, está em um processo de grande divergência. O currículo do ensino brasileiro vem modificando, caracterizando um modelo que vem dinamizando a produção e preparando o indivíduo para o mercado de trabalho, ou seja, há uma presente pregação que a esperança da prosperidade do país esteja diretamente relacionada ao investimento nos cursos que tragam um retorno imediato à economia (medicina, engenharia, etc.). Já as disciplinas como Filosofia e Sociologia ganham menos importância no sistema de ensino brasileiro. O mundo visto por essa ótica é interpretado por uma exigência “informatizada” e que traduz as ansiedades do ser humano por um retorno imediato em tudo que realiza. Daí, um investimento grandioso em “verdades tecnizantes”. Hermann (2002) entende da seguinte forma:

Poderíamos afirmar que, desde as políticas até a organização curricular, o fazer pedagógico tenta traduzir numa técnica (técnica de leitura, técnicas de trabalho em grupo, passando pelas promessas das novas tecnologias informatizadas que facilitam o processo conhecedor). [...]. Não há nada de errado com a técnica, exceto quando ela tutela o processo sem tornar explícitas as bases de seu procedimento e quando ela pretende encerrar a produtividade de um processo- que consiste na abertura ao outro- em suas regulações lógicas (HERMANN, 2002, p.88).

Ao pensar dessa maneira, fica nítido que na educação, o ser humano em sua formação emerge para mudanças no compreender das tarefas que desempenha no seu dia a dia, nos conceitos que adquire, no seu saber cultural, nos desafios que estão pela frente, etc. Em um contexto histórico, o ser humano participa ativamente da tradição que está arrolada na maneira de pensar dos outros. O problema de educação estar lançado em uma era da técnica que tende a evoluir de tempo em tempo. Não precisamos esperar décadas para que o fenômeno tecnológico apareça e estacione na contemporaneidade. Quando a educação depende exclusivamente da técnica gira em torno de recursos humanos, pronto a satisfazer a um “delírio econômico”. Nesse aspecto, o ser humano compulsoriamente está em uma “corrente controladora”, sem o poder de questionar o porquê tudo isso está acontecendo. A educação, nesse meio, não se volta para o olhar transformador, modificador e questionador que leve o ser humano a pensar novas possibilidades. O que podemos observar consta no que Hodge (2015) apresenta como um tipo de *enquadramento* na educação, vista como econômica.

[...] A mudança de olhar para a educação como um componente de um sistema pode vista na ideia contemporânea de que a educação é essencial para a prosperidade econômica. A ligação entre educação e economia foi feita pelos teóricos de ‘capital humano’ como Becker (1964), que argumentou a respeito de trazer aprendizagem e educação para o escopo da análise econômica (HODGE, 2015, p.40)¹². [Tradução nossa].

As alusões de Hodge esclarecem, na contemporaneidade, o que vem acontecendo e que dificilmente o ser humano saberá converter à educação ao seu favor. Pois, vale ratificar que a educação tem forte propensão a um modelo econômico. A economia constitui um

¹² Tradução livre a partir do inglês: “The shift to viewing education as a component of a system can be seen in the contemporary idea that education is essential for economic prosperity. The link between education and economics was made by ‘human capital’ theorists such as Becker (1964) who argued for bringing learning and education into the scope of economic analysis”.

modelo organizado e centralizador, tendo como estágio final a relação educação e produtividade, com objetivo de alcançar a primazia de satisfação econômica internacional. Dessa forma, não se pode defender que a educação esteja na competência e responsabilidade dos educadores (responsáveis pela transformação educacional) e sim pelos que dominam e detêm o poder econômico. Sendo assim, as determinações que ora deveriam estar sob as diretrizes dos sistemas educacionais de ensino estão no controle de órgãos capitaneados por grandes empresários, deixando os educadores a mercê de meros técnicos. Hodge (2015) explica o seguinte:

Os sistemas de ensino profissional dos países ocidentais, os quais são os mais enquadrados [Gestell] no sentido de Heidegger. Ou seja, seguir as prescrições entregues pelos analistas como Finegold e Soskice (1988), os sistemas de ensino profissional foram retirados das mãos de educadores e reformatados para que representantes da ‘indústria’ e governo recebam o controle do currículo enquanto educadores são deixados com o papel enfraquecido de técnicos de instrução e avaliação, implementar os objetivos entregues a eles (Hodger 2015). O trabalho dos educadores torna-se de desenvolver, mensurar e relatar as habilidades, conhecimentos e atitudes dos alunos com as especificações recebidas dos empregadores. Sistemas reformados de ensino profissional são assim incorporados em sistemas econômicos da maneira mais eficaz e visível¹³ (HODGE,2015,p.41). [Tradução nossa].

Hodge destaca os acontecimentos de como a educação é vista e desenvolvida nos países do Ocidente. Assim, como Heidegger já havia alertado para o que estava acontecendo, no seu tempo, na Alemanha, em que os sistemas de ensino estavam comprometidos pela *armação tecnológica* que dominava, assim também, de um modo geral a educação precisou ser “reformulada” a fim de atender de imediato uma solicitação econômica nos países ocidentais. O trabalho dos educadores tornou-se apenas um trabalho profissional-técnico oriundo das relações econômicas e de governos detentores do capital mundial. Nessa esfera, os educadores realizam parcos trabalhos formais, relatando as habilidades e medindo as competências dos educandos, exercendo um papel secundário na educação. Ressalta-se que a

¹³ Tradução livre a partir do inglês: “The vocational education systems of Western countries that are the most enframed in Heidegger’s sense. That is, following the prescriptions delivered by analysts like Finegold and Soskice (1988), vocational education systems have been taken out of the hands of educators and reshaped so that ‘industry’ and government representatives are given control of curriculum and educators are left with the diminished role of instruction and assessment technicians, implementing the objectives handed to them (Hodge 2015). Educators’ work becomes that of developing, measuring and reporting the skills, knowledge and attitudes of learners to the specifications received from employers. Reformed vocational education systems are thus incorporated in economic systems in a most efficacious and visible manner”.

educação, visto por esse aspecto, brota em si mesma a tecnicização do ensino e de sistema com caráter voltados para o estabelecimento de uma educação profissionalizante, fazendo dos educandos estagiários do controle da técnica. Os educadores, por seu turno, são conduzidos a meros coadjuvante em todo o processo educacional, pois nada podem fazer de diferente, a não ser “reproduzirem” um perfil preestabelecidos pelo sistema que define a maneira correta de uma educação. Hodge (2015) prossegue em sua assertiva em dizer que:

O fato de a educação ter sido enquadrada [pelo Gestell] chegou a ser associado com o argumento de que a educação agora é amplamente considerada como um componente ou subsistema dentro de um sistema mais amplo, compreendida em termos econômicos. Educação tem sido explicitamente subordinada a um sistema dedicado à produção de recursos e maximização. Esta ordem é conceituada em termos econômicos, de riqueza, investimento, lucro, distribuição, fluxos e riscos em uma escala global. A visão de mundo e ethos da economia agora molda o projeto de educação. Gestell também tem o sentido de um sistema total (Fitzsimons 2002). Tem sido demonstrado que todos os níveis de educação formal—início setores de infância, educação e pós-obrigatória—além dos domínios postulados de aprendizagem informal foram ou estão sendo subordinados aos imperativos econômicos. Também foi explicado que esta subordinação se tornou global. Em todos os níveis, de todos os tipos e em todos os lugares, a educação é agora legitimada como parte da ordem econômica¹⁴ (HODGE, 2015, p.43). [Tradução nossa].

Hodge argumenta que a educação, na atual conjuntura, é considerada parte dos sistemas econômicos. O projeto educacional, o que deveria ser “um organismo transformador” e que alcançassem a todos, não passa de uma simples manobra política e econômica, no qual quem detém esse poder diz o que pode e não ser feito na educação. O que poderia afetar apenas uma “área do ensino” estende-se desde a infância ao mais alto nível de escolarização. A educação infantil já vem sofrendo as consequências de uma educação interessada pelo retorno financeiro (por um retorno imediato) e que possa trazer de volta o “milagre econômico” e de prosperidade a população mundial. Como a educação está sob as determinações econômicas não é incomum a *educação informal* aparecer como propulsora de

¹⁴ Tradução livre a partir do inglês: “The case that education has been enframed has come to be associated with the argument that education is now widely regarded as a component or sub-system within a wider system understood in economic terms. Education has been explicitly subordinated to a system devoted to resource production and maximisation. This order is conceptualised in economic terms of wealth, investment, profit, distribution, flows and risk on a global scale. The worldview and ethos of economics now shapes the project of education. Enframing also has the sense of a *total* system (Fitzsimons, 2002). It has been shown that all levels of formal education— early childhood, schooling and post-compulsory sectors—in addition to postulated realms of informal learning have been or are being subordinated to economic imperatives. It has also been explained that this subordination has become global. At all levels, of all kinds and in all places, education is now legitimated as part of the economic order”.

rendimentos financeiros, pois, na atualidade, a técnica promove, sobretudo, uma educação rápida e que não pode demorar na conclusão dos conteúdos. Não tendo nenhum sentido, na era da técnica, conduzir o estudante a esperar as coisas acontecerem em sua naturalidade, e tampouco, levá-lo a pensar as coisas como elas são. A educação do *imediatismo* tem como objetivo preparar o jovem para mercado de trabalho.

A educação, na atualidade, precisa se adequar as demandas do trabalho e das necessidades empregatícias. Com isso, o currículo escolar precisa se adaptar às exigências daqueles que comandam a educação. É perceptível como o currículo passa por um controle. Tanto a formação docente como discente precisam se enquadrarem para melhor responderem ao rigor estabelecido pelo mercado de trabalho. Outra evidência são os padrões pormenorizados na dinâmica do conhecimento. Hoje, tudo indica que ter informações é o suficiente. Quanto mais informação melhor será responder as competências e habilidades exigidas pela prática do ensino. As respostas em si são objetivas, estruturadas e satisfatórias, o que não exige um maior “acabamento em suas terminações” em torno de uma educação de qualidade. Na verdade, na contemporaneidade, o currículo, em suma, apoia-se em seu objetivo maior alcançar um maior número de estudantes. Hodge (2015), bem especifica esse enquadrar da educação, determinado por ranqueamentos e que possibilita o ser humano também se inserir nesse processo.

Através do controle e especificação do currículo, apoiado por sistemas de gerenciamento de entrega e emissão de relatórios e ranqueando mecanismos, a educação torna-se a forma mais eficaz de enformar o Ser-aí para o tipo de recurso sofisticado necessário para realizar a total instalação da armação [Gestell]. Bonnett conclui que este é um sistema, 'altamente "armado" e da "Gestell" no sentido heideggeriano, o que se torna inteiramente natural, ao considerar a educação principalmente como recurso econômico¹⁵ (HODGE, 2015, p.93). [Tradução nossa].

O currículo, de acordo com Hodge, faz parte de subsistemas e vem sofrendo várias formas de controle, a fim de dar respostas a um sistema maior e global e controlar o ser humano. Assim, tanto estará disponível o mercado de trabalho como o ser humano dentro desse enquadramento econômico. Por isso, a relação que se dá entre educação e mercado de trabalho tornam-se cada vez mais eficaz e longe de qualquer ruptura. A especificidade nesse

¹⁵ Tradução livre a partir do inglês: “Through control and specification of curriculum, supported by delivery management systems and reporting and ranking mechanisms, education becomes a more and more effective way to shape Dasein into the kind of sophisticated resource needed to realise total enframing. Bonnett concludes that this is a system, ‘highly “enframed” and “enframing” in Heidegger’s sense, in which it becomes entirely natural to regard education primarily as an economic resource”.

sentido é da aptidão. Tanto a educação como o que dela participa (educadores e educandos) precisam exercer aptidões, a fim de responderem ao sistema que está à disposição. Necessitam preencher os requisitos da formalidade educacional a fim que, por exemplo, recursos financeiros sejam viabilizados. As competências precisam ser evidentes, satisfeitas e próximas a “perfeição”.

Os educandos, na era da técnica precisam ser habilidosos e eficazes, ao mesmo tempo em que devem dar respostas ao que neles “investem”. Assim, torna-se natural a realização da *armação*, uma vez que tudo é direcionado e gera a satisfação de todos, tanto da educação como dos “seus responsáveis”.

Heidegger deteve-se, principalmente, na educação superior como parte de sua trajetória como reitor. Com isso, adquiriu uma visão ampla dos acontecimentos do seu tempo. Sua docência também o permitiu ter experiências com o que acontecia em sala de aula. Heidegger preocupa-se com o que estaria por vir. Acenava com ímpeto para uma educação que pudesse não “seduzir” professores e alunos, mas despertasse para o que poderia acontecer ao ser humano e luz que possibilitasse, entre outras coisas, alusiva liberdade e tomada de decisão para que não viesse ser dominado pela era da técnica. Uma vez não tendo domínio sobre a técnica, o contrário aconteceria, o ser humano estaria sob seu domínio. Como fugir dessa realidade? Parece uma coisa impossível de acontecer. Com o pensamento voltado nos escritos de Heidegger, Hodger (2015) traz alternativa, a fim de tentar resolver o grave problema ligado à educação e questiona, sobretudo, o trabalho docente como forma de liberdade na presente era.

Professores que não foram alertados sobre o desafio de Heidegger à educação podem trabalhar de todo o coração para induzir seus alunos para a base de conhecimento massiva e sofisticada da técnica moderna. Esses professores podem abraçar a promessa inebriante de soluções tecnológicas para problemas de gestão de sala de aula e grandes desafios sociais e ambientais enfrentados tanto pelo ser-aí quanto pelo planeta. Tais professores trabalham em sistemas que envolvem entendimentos cada vez mais elaborados, refinados e penetrantes do mundo e do Ser-aí. [...] Como servos da essência da técnica, os professores desempenham um papel central em traduzir e transmitir o chamado do Gestell. Se o encantamento do Gestell é o maior perigo para o mundo contemporâneo e para o Ser-aí, então o ensino é potencialmente um dos papéis mais perigosos do repertório do domínio do impessoal¹⁶ (HODGE, 2015, p.70). [*Tradução nossa*].

¹⁶ Tradução livre a partir do inglês: “Teachers who have not been alerted to Heidegger’s challenge to education may work whole-heartedly to induct their learners into the massive, sophisticated knowledge base of modern technology. These teachers may embrace the intoxicating promise of technological solutions to classroom ‘management’ issues and to the great social and environmental challenges facing Dasein and the planet. Such teachers work in systems that involve ever more elaborate, fine-grained and penetrating understandings of the world and Dasein.[...] As servants of the essence of technology, teachers play a central role in translating and

A educação precisa ter um cuidado especial. Os professores necessitam atentar para a sua docência com objetivo de estar atentos quanto ao que está posto no mundo. O trabalho do professor como diz Hogde (2015) tem vários desafios pela frente, desafios estes que atingem o meio ambiente, a sociedade como um todo e principalmente a particularidade do *ser-aí*.

Os professores estão *lançados* em um sistema que envolve um conhecimento cada vez mais sofisticados e elaborado, exigindo da docência uma adequação que desempenham um papel total das suas capacidades, não só educacionais, mas, sobretudo, técnica. Nesse caso, a técnica já traz para dentro do ambiente escolar a sua *armação* como força propulsora de domínio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Martin Heidegger procura perguntar e ao mesmo tempo “responder” questões inerentes ao ser humano. Pergunta pelo *ser* que marca sua vida e trajetória como filósofo inquietante por entender o *Dasein* no mundo. Seu esforço contribui para que estudiosos em todo mundo possam voltar o seu olhar para o significado do ser humano, diferente das características enunciadas por outros filósofos do seu tempo. A maneira como o filósofo alemão traz a tona suas raízes de apresentação do homem, conjuga um enraizamento natural do encontro do homem com o seu próprio habitar, seu *solo* e nascimento. As contribuições de Heidegger removem “o lodo” que fixava o ser humano em areia movediça do não saber quem era e porque é. Heidegger traz à tona a essência do ser humano, mostrando o sentido do *ser-aí*, e não mais representações que diziam dele.

Fundamentalmente o filósofo alemão mostra como tudo isso veio a acontecer. Traça uma trajetória do homem no decorrer da história, a mesma história que conta o abandono do *ser-no-mundo*. Mas para que isso acontecesse foi preciso evidenciar o *ser* mais que o ente. Nesse ínterim, as ciências entram em cena como protagonista de transformações e detentora do saber capaz de dominar o homem. Heidegger traz todo o limiar da técnica, desde sua etimologia, a fim de explicar sua atuação na contemporaneidade, cunhando conceitos que retratam seu sentido original, com o objetivo de alcançar à sua compreensão. A partir do momento que esses conceitos são identificados fica mais acessível reconhecer que durante a história foram deturpados pela *filosofia metafísica*. Heidegger considerou a técnica como um “tipo” de prolongamento da *metafísica*. Com isso, conceitos básicos que aparecem na pesquisa como: natureza, técnica, planeta, e outros são evidentes, fazendo com que Heidegger tivesse interesse pelos seus conceitos “perdidos” e possibilitasse uma forma de resgate a partir de sua *filosofia fenomenológica e hermenêutica*.

Heidegger critica a *filosofia metafísica* como fator preponderante do esquecimento do *ser*, considerando o ser como um ente qualquer. Com isso, o homem, de certa forma, perde esse seu enraizamento do seu *solo* existencial, sendo a partir de então indispensável à era *maquinista*, servindo como um “recurso disponível” calculador da era da técnica. Dessa forma, a *armação* domina soberanamente o homem, e este está “fadado” a um destino sem retorno, a não ser que o mesmo prontamente possa exercer uma relação infinita com o pensamento que medita a fim de resgatar sua essência que vem se perdendo na era atômica, além de não mais buscar a sua essência poética que o guarda (que salva). Vale ressaltar, que no momento em que o ser humano esqueceu o poético como abertura de respirar novamente à

sua originalidade, seu enraizamento e o seu solo existencial, o seu esforço será na busca do pensamento que possa resgatar novamente à sua essência perdida e capaz de trazer de volta seu estado de meditação.

O filósofo alemão traz para o campo de discussão *A Questão da técnica* (2012) como pressuposto importante para compreendermos como o ser humano vem se comportando no mundo. Mostra o questionamento no intuito de trazer à luz a clareza perdida do “homem-poeta”, querendo salvá-lo das redes da armação (*Gestell*), que polarizou o ser humano no evento do esquecimento do pensamento que medita. Esse desencontro do homem com a sua essência é possível devido à perda da sua relação com o seu próprio ser. Contudo, se há um perigo em tudo isso, há também um emergir de um mistério que necessita ser desvendado.

A partir do momento que a armação técnica entra no cenário mundial, anuncia com todos os seus meios a instalação fixa da era *maquinista*, que desde a sua gênese proporcionou ao ser humano desafios singulares, mas comum a todo ser humano. Este é um dos “impérios” das ciências como doadora da verdade latente no mundo maquinista, e que durante muito tempo lançou seu fundamento como *coroa reinante* do conhecimento, a qual o homem submete-se como seu “servidor” autêntico e incondicional. Prontamente Heidegger (2001) encara a questão de qualquer um poder afirmar que a *Ciência* tem a solução de um caminho feliz. O filósofo entende que a humanidade ficará ainda mais distante de uma meditação da era atual. Dessa maneira as ciências têm como um dos seus objetivos produzir conhecimento e a técnica (como *parceira* nesse processo) que vem dominando as relações humanas e desejando envolver o homem em um estado essencialmente dominador e controlador.

Uma nova maneira de ver o mundo está à disposição e ninguém pode negar essa realidade. O ser humano está envolvido nas relações de potencialidades tecnológicas que constroem um espaço que confunde o existir humano, pois essas relações humanas estão fixadas em cyber espaço, realidade virtual (ambiente virtual), conhecimento cibernético, inteligência artificial (aprendizagem de máquinas), projeções em imagens real (3D/4D), mutações genéticas (transformações químicas no corpo humano), com o objetivo de alcançar o maior número de pessoas em uma era digital, ao qual fazem parte de um mesmo “pacote” de dados programáveis de sistemas e controle em escala mundial, na tentativa de formar uma sociedade que se enquadre em uma estrutura dominada pela técnica. Em tudo isso existe a preocupação com o futuro da humanidade. Onde estamos e o que estamos fazendo? Qual o “centro” que o homem se encontra e o que podemos esperar do futuro da humanidade?

A crítica de Heidegger não tem como intuito o rompimento da tradição metafísica, mas, sobretudo, em perceber que o ente enquanto ente foi confundido com o próprio *ser*, o que proporcionou um esquecimento do *Ser-aí*. De início isso poderia não ter nenhum problema, mas a partir do momento em que o *Ser-aí* aparece sem nenhuma abertura do questionamento existencial fica mais fácil aceitar qualquer determinação.

Quem sabe com essa derrocada, a técnica futuramente contribua para um ser humano articializado e que possa produzir um *ser maquinístico* convertido em um organismo cibernético, que foi delineado como metafísico e que agora se desdobra em científico, haja a vista fornecer um corpo artificial e com elementos protéticos, segundo SILVA (2012). A partir das relações humanas mais virtuais que pessoais é possível imaginar que com o tempo o homem venha perder suas características fundamentais como *ser* que pensa, dando margem às *relações cibernéticas* que não apenas objetiva resolver problemas do tempo, mas ambiciona dominar a Terra. Com diz Heidegger (2001) que o homem cairá na automatização e que já saiu da Terra em direção ao espaço cósmico.

Na *Serenidade* (2001) a discussão se volta no caminho da compreensão do filósofo, no sentido de saber a dimensão que o ser humano se encontra, como a questão da técnica evoluiu e de que maneira o conhecimento proporcionado pelas ciências vem se constituindo e ao mesmo tempo em que o pensar do ser humano pode responder as diversas questões que envolvem a técnica e como efetivamente o estado sereno aparece como uma fuga dessa realidade.

Ao falar de um estado sereno, não seria encarar o mundo e a vida com neutralidade, mas buscar resolver problemas e conduzir às questões relevantes e que brotem reflexão, sobretudo, em saber fazer escolhas capazes de manter um bem-estar e um pensamento livre de qualquer controle externo, tendo um equilíbrio e um “olhar para dentro de si”. Se levarmos em consideração a intenção primária de entender um estado sereno apenas como tranquilidade, não daremos um passo além de um simples conceito.

Um dos objetivos da obra é resgatar o pensamento meditativo, algo que o ser humano vem constantemente negligenciando. O sentido é fazer com que aconteça um despertar do pensar, a fim de “libertar” o homem do “enfeitiçamento” das coisas que aparecem com facilidade, ao mesmo tempo em que acontece certo *empobrecimento* do pensamento.

Se ao tempo fica fácil o comprometimento com a era da técnica, do pensamento calculador, por outro há a dificuldade de acessar a meditação, ainda que o ser humano seja por natureza um ser que pensa. Se nos tornamos pobre no pensar é porque por essência o pensamento existe no ser humano, assim como se podemos “envelhecer é porque fomos

jovens”. Ora, Heidegger se interessou por esse “comprometimento” técnico não por vaidade e sim por necessidade. O pensamento do filósofo alemão permite um ascender para além de um simples projeto da realidade. Heidegger (2001) fala das novidades tecnológicas como realizações imediatas, projetadas velozmente e admiradas publicamente.

Na contemporaneidade, a técnica está em todos os lugares e participa ativamente das relações humanas. A diferença, se é que podemos afirmar, é que na época de Heidegger as divulgações científicas eram realizadas através de revistas, rádio e televisão. Hoje existem outros meios mais rápidos de publicação. Não apenas revistas, rádio e televisão como na época de Heidegger e que temos ainda hoje, mas a *internet* que potencializou ainda mais à comunicação no século XXI.

Martin Heidegger nos faz o convite a fim de refletirmos sobre a essência do pensar. “Mas o que pensar e dizer por ocasião de uma comemoração em honra de um compositor?” (HEIDEGGER, 2001, p.10). Ao mesmo tempo o filósofo nos adverte que isso se torna natural ao acreditar que “somos pobres em pensamentos”. O homem atual é vítima da pobreza do pensamento. A fuga do pensamento determina o caminho que segue o homem, por um meio mais fácil, por uma trilha mais confortável, por um pensamento que se adequa ao seu estilo de vida, não exigindo de si nenhum esforço. Nada mais promissor que aceitar tudo como está projetado e organizado. Ser uma consequência nesse processo torna-se uma conquista e não um simples “acaso”. Como a questão do pensamento e a questão da técnica estão ligadas nesse processo de “ajuste e desajuste” vale considerar que seja preciso considerar alguns “atalhos” próprios do pensamento. Assim, a importância se faz necessário se levarmos em conta o que está por trás de uma eminente questão técnica (calculador) e outra questão que medita (refletir) sobre o que está posto ou disponível.

No pensamento da técnica, o ser humano se envolve de maneira compulsiva, a ponto de estar enfeitiçado e mesmo achar que o pensamento que calcula é o único exigido e admitido pela humanidade, o único que pode ser utilizado. Isso tende a despontar com maior eficiência, se o ser humano esquecer a existência das coisas e meditar a partir do seu próprio pensamento e diante das coisas que está ao seu redor.

Heidegger aponta para o problema do *enraizamento das obras* do homem. Esse enraizamento tende a ser ameaçado se o homem permanecer no caminho da superficialidade. E não apenas isso, mas manter-se arraigado no “espírito” da época presente que o faz se afastar da meditação indispensável na contemporaneidade. A *poética filosófica* de Heidegger é o momento em que o homem consegue detectar a técnica como dominante e a essência da técnica como princípio de uma solução. Por isso, Heidegger enquanto “poeta do ser” soube

desenvolver seu pensamento como “[...] o caminho é um caminho do pensamento” (HEIDEGGER, 2012, p.11).

O não questionamento aprisiona o ser humano e o faz permanecer com os mesmos pensamentos, o que proporciona uma maior vulnerabilidade frente à complexidade do conhecimento. Na era atual a ciência e a técnica determinam o que o ser humano é e como está a sua relação com tudo o que existe, dando a entender que o homem não passa de um simples “objeto” e que a natureza não passa de uma investida do pensamento que calcula.

Heidegger traz o alerta ao homem da contemporaneidade. De certa maneira busca “tocá-lo”, a fim de “acordá-lo” do caminho que vem construindo no decorrer da história. A técnica, enquanto poder dominador determina na era atual, o que o homem é e o que precisa ser. Prende-o a ponto de determinar a sua vontade e sua capacidade de escolher e de decidir. Com isso, o homem, talvez, não responda às transformações do mundo como deveria tornando-se “escravo” dos objetos. O grande problema nisso tudo é o homem achar que pode ser “senhor” do seu destino e dos objetos técnicos. Em que momento da sua história ele é capaz de determinar um controle sobre o que é técnico? Vale ressaltar que na manifestação do perigo se desenvolve a germinação do que salva.

Heidegger nos faz compreender que o pensamento da técnica não é de todo um mal, mas pode tomar outro caminho se o ser humano não souber lidar com ele. Na verdade, o perigo demanda a partir do uso que se faz da técnica. Heidegger (200, p. 24) nos conduz nesse pensamento ou alerta do não atentar para o que está diante de nós. Como é possível dizer “sim” e “não” para a utilização e a monopolização e a violação do *ser*. É daí que vem o pensamento do filósofo quanto a *Serenidade*. O ser humano torna-se espontâneo, mas dentro dele há a negatividade, em uma região de conflitos existencial.

Martin Heidegger não escreveu um tratado sobre educação, mas não podemos negar a sua contribuição à humanidade. A pesquisa, no seu último capítulo procurou atentar às discussões da educação na era da técnica, assim como o cuidado que devemos ter, na contemporaneidade, com a educação fornecida em pleno mundo técnico e globalizado.

Martin Heidegger desde muito jovem já tinha uma relação com os livros. Teve contato com diversos temas e leitura de vários filósofos ocidentais. Foi aluno-assistente de Edmund Husserl e logo ingressou na *escola fenomenológica*. Com larga experiência, seus estudos na Alemanha proporcionaram além de reitor em Friburgo, ser professor. Segundo KAHLMEYER-MERTENS (2008) Heidegger utilizou diversos textos para o ensino dos seus discentes e à sua preocupação pela didática o moveu a usar vários recursos para melhor

atender à educação. Com isso, a educação pensada por muitos educadores na contemporaneidade tem sua inspiração em Heidegger.

Hodge (2015) diz que em Heidegger encontramos a melhor forma de se ver a atuação da educação como princípio norteador de suas reflexões. Foi nesse momento que Heidegger a educação se apresenta como uma padronização imposta e planejada conduzida pelos agentes que são responsáveis pela formação dos indivíduos e que tem a *armação-técnica* como responsável por definir o que pode e que não pode ser feito na educação.

Para Hodge (2015) Heidegger, a partir do seu pensamento existencial, criticou a uniformização do ensino, de uma pedagogia que intervém não como prática libertadora, mas como direcionamento de uma educação imposta, autoritária e cheia de intenções mediante a um poder econômico estabelecido por grandes *corporações econômicas* e que transformam o ser humano em recursos humanos.

Quando o homem começa a questionar o ambiente organizador que a técnica projetou poderá se aproximar da sua própria essência e do caminho da sua expressão poética como abertura de novas possibilidades de compreender o *ser* que é no mundo. Por isso, essa preocupação se faz necessária a fim de entender que desde que a *armação* técnica se instalou no mundo, a educação que foi “minada” pelas concepções técnicas precisa ser encara como prática principal dos docentes, ao mesmo tempo em que seja necessário (re)pensar novos processos pedagógicos que revitalizem a prática educativa na contemporaneidade. Desafio que também traz para o discurso a educação enquanto possibilidade assumida pelo ser humano, a fim do mesmo se posicionar enquanto um *ser* que pensa, transforma e se reinventa. Com isso, a proposta de um ensino que venha na contramão do que está posto e definido como ensino direcionado e pronto é importante, principalmente no cenário atual da educação.

Dentro desse contexto, ao atentar para uma educação tendo como base o ensino de Heidegger é fundamental, pois a partir de sua analítica existencial é possível encontrar caminhos para o ensino e aprendizagem tendo como base uma nova perspectiva do aprender. E não apenas isso, mas possibilitar uma (re)leitura do mundo, como despertamento para novas possibilidades de estimular *novas metodologias* de ensino e com interesse elementar para aberturas de formação e transformação nos aspectos críticos da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Pedro Duarte de. Heidegger educador. Aprender - **Cad. de filosofia e psic. da educação vitória da conquista** ano VI n. 10 p. 57-72 2008.
- AMORIM, Alvinio Moraes de. Pensando a educação na perspectiva de Martin Heidegger. **Revista eletrônica de educação da faculdade Araguaia**, 11: 354-364, 2017.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. Ed. Brasiliense, 2001.
- ARAUJO, Thalles Azevedo de. **A ética sobre a linha**: finitude, técnica e linguagem em Martin Heidegger. Tese de Doutorado em Letras, na área de Filosofia, na especialidade de Ética e Política. Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Abril, 2014.
- BOHM, David; KRISNAMURTI, J. **O futuro da humanidade**. Trad. Rubens Rusche. Ed. Cultrix. São Paulo, 1987.
- BOTAS, Mário. **Entre o fim da metafísica e a época da técnica**: Martin Heidegger. In: HEIDEGGER, M. Língua da tradição e língua técnica. Passagens: Vega, 1995.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- CHALMERS, Alan. **A fabricação da ciência**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1994.
- CYRULNIK, Boris. MORIN, Edgar. **Diálogo sobre a natureza humana**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. – São Paulo: Plas Athena, 2012.
- ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontología del Lenguaje**. Ed. J. C. SÁEZ. Sexta edición: septiembre, 2003.
- ELIAS, Norbet. **A condição humana**. Trad. Manuel Loureiro. Ed. Bertrand. Rio de Janeiro, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. (1930). In: _____. *Novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FUÃO, Fernando. Construir, morar, pensar: uma releitura de ‘construir, habitar, pensar’ (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. **Revista estética e semiótica** | Brasília | Volume 6 | Número 1 | P.001-030 | jan/jun 2016.
- GADAMER. Hans- Georg, **Elogio da teoria**. Trad. João Tiago Proença. Ed. 70, Lisboa, 2001.

Giorgio Agamben. **O uso dos corpos**. Trad. Selvino J. Assmann- 1. Ed- São Paulo, 2017. (Estado de sítio, homo sacer, iv,2).

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Língua de tradição e língua técnica**. Trad. Mario Botas. Passagens: Veja 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Ed. Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Que é isto- A filosofia? **Identidade e diferença**. Trad. Ernildo Stein.- Petrópolis, RJ: vozes; São Paulo: livraria duas cidades, 2006.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. Ed. Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. Que é metafísica. In: **Conferências e escritos filosóficos**. Trad. Ernildo Stein, 1983.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Coleção: Pensamento e Filosofia. Ed. Instituto Piaget, 2001.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro- DP & a, 2002.

HODGE, Steven. **Martin Heidegger: Challenge to education**. Dordrecht: Springer, 2015.

HUSSERL, Edmund. **A era da humanidade europeia e a filosofia**. Introd. e trad. Urbano Zilles. -3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS/2008.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **Heidegger & a educação**. Belo Horizonte: autêntica ed., 2008.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida**. ed. Cutrix, 1994.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1998.

INWOOD, Michael. **Heidegger**. São Paulo: Loyola, 2004.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Ed. 34, 1994.

LOPARIC, Zeljko. Martin Heidegger: *contribuições à Filosofia. (Do acontecimento apropriador)*. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Vérita, 504p. ISBN: 9788564565272. Unicamp, PUCPR, 2014.

LOPARIC, Zeljko. A fábrica dos humanos. **Manuscrito – Rev. Int. Fil.**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 391-415, jul.-dez. 2005.

LOPARIC, Zeljko. **Heidegger e a pergunta pela técnica (1996)**. Disponível em: www.interleft.com.br/loparic/zeljko/pdfs/Pergunta_Tecnica.pdf. p. 1-24. Acesso: 18/08/2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya.- 2. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOURA, Paulo Rogério Garcez de. **Ciência e técnica em Heidegger e Heisenberg**. Dissertação apresentada ao curso de mestrado interinstitucional em Filosofia. Áreas de concentração em filosofias teórica e prática. Santa Maria. RS, 2009.

NASCIMENTO, Daniel Arruda. A ciência como doadora de verdade: **entre Heidegger e Nietzsche**. Pensando – Revista de Filosofia Vol. 1, nº 2, 2010 ISSN 2178-843X.

NOBRE, Jaderson Gonçalves. **Serenidade em Heidegger**: um diálogo entre a técnica e a arte. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, 2015.

PONTES, Lucivaldo Barbalho. **Técnica e educação no pensamento de Martin Heidegger**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós- graduação em Educação do Instituto de iências da educação da Universidade Federal do Pará, 2018.

POSSAMAI, Fábio Valente. **A questão da técnica em Martin Heidegger**. V mostra de pesquisa na Pós- Graduação- PUCRS, 2010.

PRADO, José Erivaldo da Ponta. **A questão da técnica em Martin Heidegger**. Revista Homem, Espaço e Tempo. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Centro de Ciências Humanas. Setembro de 2011.

RÉE, Jonathan. **Heidegger**. Trad. José Oscar de Almeida Marques, Karen Volobuef.- São Paulo: Editora ENESP, 2000.- 9coleção grandes filósofos).

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da loucura**. Livro de domínio público. Trad. Paulo M. Oliveira. Ebooks Brasil. Com; Fonte digital. Ed. Atena, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Clássicos).

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica**: prospectos acerca do futuro do homem. ed. Sulinas, 2014.

SEIBT, Cezar Luís. **Por uma antropologia existencial originária**: Aproximação ao pensamento de Martin Heidegger. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.-208. p.- (Coleção Filosofia; 49).

SEIBT, Cezar Luís. **Finitude- raiz da educabilidade do ser humano**. Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 38, n. 2, p. 173-179, Apr.-June, 2016

SCHNEIDER, Paulo Rudi. **O outro pensar**: sobre que significa pensar? E a época da imagem do mundo, de Heidegger. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

SIBILIA, Paula. **O homem pós- orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.- (Conexões; 17).

SILVA, Jayme Camargo da. **Sobre a “técnicificação das mãos” (*Zuhanddneit*):** uma leitura do esquecimento do ser na era da técnica. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (PUC/RS), 2012.

SODELLI, Marcelo. Sobre o sentido de educar. Aprender- **Cad. de filosofia e psic. da educação vitória da conquista** ano VI n. 10 p. 203-222 2008.

STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre Ser e Tempo** (Martin Heidegger). 2ª ed. Petrópolis: vozes, 1990.

WERLE, Marco Aurélio Werle. **Martin Heidegger: A questão da técnica.** Scietle studia, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue:** As Vertigens do Pós- Humano. Organização e Tradução: Tomaz Tadeu- 2ed., 1. Reimp.- Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.- (Mimo).

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade:** niilismo e hermenêutica na cultura na pós-modernidade. Trad. Eduardo Brandão. Martins Fontes. São Paulo, 2002.